Sociedade Bíblica do Brasil

MANUAL do SEMINÁRIO de CIÊNCIAS BÍBLICAS



MANUAL

do SEMINÁRIO

de CIÊNCIAS BÍBLICAS



ESDRAS DIGITAL

LIBRONIX

Sociedade Bíblica do Brasil
Barueri, SP

Missão da Sociedade Bíblica do Brasil:

Difundir a Bíblia e sua mensagem a todas as pessoas e a todos os grupos sociais como instrumento de transformação espiritual, de fortalecimento de valores éticos e morais e de desenvolvimento cultural e social.

M251 Manual do Seminário de Ciências Bíblicas. Barueri, SP : Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 112 p. ; 23 cm

978-85-311-1175-4 – EA960SCB – Capa brochura

Conteúdo: A Bíblia: sua natureza, funções e finalidade; A formação do cânon; A transmissão do texto bíblico; Traduções da Bíblia: história, princípios e influência; Interpretação da Bíblia para o homem de hoje; A função da Bíblia na igreja local.

1. Bíblia Sagrada 2. Cânon Bíblico 3. Traduções Bíblicas 4. Interpretação Bíblica 5. Igrejas Cristãs 6. Ciências Bíblicas I. Sociedade Bíblica do Brasil II. Scholz, Vilson III. Zimmer, Rudi IV. Teixeira, Paulo V. Dornas, Lécio VI. Seibert, Erní Walter.

CDD - 220.6

O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade dos autores e não reflete, necessariamente, a posição da Sociedade Bíblica do Brasil.
© 2008 Sociedade Bíblica do Brasil
Av. Ceci, 706 - Tamboré
Barueri, SP - CEP 06460-120
Cx. Postal 330 - CEP 06453-970
www.sbb.org.br — 0800-727-8888
Direitos reservados
Edição e diagramação: Sociedade Bíblica do Brasil
Impresso no Brasil
EA960SCB - 10.000 - SBB - 2008

Conteúdo

Apresentação
Rudi Zimmer / 5
A Bíblia: sua natureza, funções e finalidade
Vilson Scholz — Rudi Zimmer / 7
A formação do cânon
Rudi Zimmer — Paulo Teixeira / 15
A transmissão do texto bíblico
Vilson Scholz / 27
Traduções da Bíblia: história, princípios e influência
Paulo Teixeira — Rudi Zimmer / 41
Interpretação da Bíblia para o homem de hoje
Lécio Dornas / 71
A função da Bíblia na igreja local
Erní Walter Seibert / 99

Apresentação

Fiquei feliz em ser convidado a apresentar o *Manual do Seminário de Ciências Bíblicas*. Estive presente quando a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) começou a promover os Seminários de Ciências Bíblicas e, por vários anos, fui um de seus palestrantes. Este *Manual* reúne as palestras que normalmente são apresentadas nesses seminários, desde o início.

Na verdade, a ideia da realização de tais seminários não foi da SBB. Ela surgiu da equipe de consultores de tradução das Sociedades Bíblicas Unidas atuantes nas Américas, sendo primeiramente posta em prática na América Latina. Tendo ouvido a respeito da repercussão positiva que os seminários vinham alcançando, participei de um deles, em Córdoba, na Argentina, a fim de aprender sobre a sua dinâmica. Isto ocorreu no ano de 2000.

Logo em seguida, a SBB também passou a realizá-los. Até agora, a SBB já promoveu cerca de 50 seminários, tendo alcançado mais de 20 mil pessoas. É bom lembrar que a maioria dos participantes dos seminários ocupa uma posição de liderança nas igrejas. Ou eram ministros/pastores à frente de uma igreja, ou leigos em posição de maior responsabilidade dentro da igreja, ou seminaristas ou estudantes de institutos bíblicos ou teológicos prestes a assumirem a liderança do trabalho numa igreja. Sem dúvida, a maioria dos participantes também passou adiante o que recebeu nestes seminários.

Portanto, com a publicação deste *Manual*, as preleções feitas nestes seminários, que já têm contribuído para a edificação do povo de Deus, fomentando o estudo e a utilização mais qualificada das Escrituras Sagradas e de suas traduções, passarão a ser acessíveis a um público ainda bem maior. Isto, na verdade, está na essência da missão da SBB, que é a de "divulgar a Bíblia e a sua mensagem a todas as pessoas".

Espero que a publicação dessas palestras tenha a mesma aceitação entusiástica que a sua apresentação oral, nos seminários,

sempre teve. Acima de tudo, porém, rogo a Deus que essas palestras levem seus leitores a uma apreciação maior das Escrituras Sagradas, como "viva e eterna palavra de Deus" (1Pe 1.23, NTLH), que Deus, em seu amor, nos entregou para, por ela, dar-nos salvação, esperança e a vida eterna em Cristo Jesus.

Rev. Dr. Rudi Zimmer

Novembro de 2008

A Bíblia: sua natureza, funções e finalidade

Vilson Scholz — Rudi Zimmer

Quanto a você, continue firme nas verdades que aprendeu e em que creu de todo o coração. Você sabe quem foram os seus mestres na fé cristã. E, desde menino, você conhece as Escrituras Sagradas, as quais lhe podem dar a sabedoria que leva à salvação, por meio da fé em Cristo Jesus. Pois toda a Escritura Sagrada é inspirada por Deus e é útil para ensinar a verdade, condenar o erro, corrigir as faltas e ensinar a maneira certa de viver. E isso para que o servo de Deus esteja completamente preparado e pronto para fazer todo tipo de boas ações. (2Tm 3.14-17, NTLH)

Um dos livros mais vendidos por volta da metade da primeira década do século 21 foi *O Código Da Vinci*, de Dan Brown. O livro conta uma história razoavelmente bem escrita, cheia de ação e suspense, mas infelizmente recheada de meias-verdades e mentiras. A certa altura, no meio da madrugada, a mocinha da história conversa com um personagem chamado Teabing. O diálogo é este:

Teabing pigarreou e declarou:

— A Bíblia não chegou por fax do céu.

— Como disse?

— A Bíblia é um produto do homem, minha querida. Não de Deus. A Bíblia não caiu magicamente das nuvens. O homem a criou como relato histórico de uma época conturbada, e ela se desenvolveu através de incontáveis traduções, acréscimos e revisões. A história jamais teve uma versão definitiva do livro.

— Oh, sim.

Neste diálogo, boa parte do que se nega está correto. De fato, a Bíblia não chegou por fax do céu, tampouco como anexo de e-mail.

Também não caiu magicamente das nuvens, nem foi encontrada, pronta, num cofre enterrado numa ilha deserta. No entanto, aquilo que se afirma nessa conversa fictícia é, no mínimo, uma meia-verdade, para não dizer que é pura mentira. Afirmar que a Bíblia é um produto do homem, não de Deus, é uma meia-verdade. Nada impede que, sendo escrita por homens, tenha sua origem em Deus. E dizer que a Bíblia se desenvolveu através de incontáveis traduções e que jamais existiu uma versão definitiva do livro é total ignorância dos fatos. Traduções nunca são feitas de outras traduções, e mesmo que o fossem, ainda poderiam ser verificadas à luz dos textos originais. E já existe uma "versão definitiva" da Bíblia desde que o último livro do Novo Testamento foi escrito.

O que é, então, a Bíblia? Normalmente não falamos muito *sobre* a Bíblia. Falamos a partir da Bíblia e deixamos a própria Bíblia falar. Mas raramente paramos para pensar e falar a respeito da própria Bíblia. Queremos examinar que livro ela é, quais são as suas funções, e qual é a sua finalidade.

Que livro é este que chamamos de Bíblia? Na verdade, não é um livro, mas uma coleção de livros. A palavra "bíblia" é uma palavra grega no plural que significa "livros". De fato, a Bíblia não é um só livro, mas uma coleção de 66 livros. No entanto, como esses livros estão todos num só volume, dizemos que é *um* livro.

No Novo Testamento Grego, a palavra grega "*biblía*", traduzida por "livros", aparece três vezes (Jo 21.25; 2Tm 4.13; Ap 20.12), mas não se refere à Bíblia como tal (a menos que, em 2Tm 4.13, Paulo tenha em mente alguns livros bíblicos). Isto permite afirmar que a Bíblia como tal não se descreve em termos de "bíblia"; ela prefere ser chamada de "palavra" ou "Escritura(s)".

Aparentemente, o primeiro a aplicar o termo "Bíblia" aos livros inspirados do Novo Testamento foi o teólogo cristão Orígenes, por volta de 250 d.C. Depois, o termo passou a designar todos os livros canônicos, incluindo os do Antigo Testamento. A palavra passou do grego para o latim, e do latim se espalhou para outras línguas. Assim, em inglês se diz "Bible", em alemão, "Bibel", em italiano, "Bibbia" e, em português, "Bíblia". A palavra tem, também,

um uso figurado, para designar um livro de grande importância. Neste sentido, existe, por exemplo, "A bíblia do vendedor".

Que livro é a Bíblia? Um livro muito importante, que teve e ainda tem grande influência, especialmente no Ocidente. Foi o primeiro livro a ser impresso, na Europa, em 1456, no começo da "era Gutenberg". É o livro mais traduzido, mais distribuído ou vendido e mais lido em todo o mundo. Uma pesquisa realizada no Brasil ao final de 2007 revelou que a Bíblia é o livro mais importante na vida da maior parte dos leitores brasileiros. Ela é dez vezes mais citada do que o segundo colocado, o escritor Monteiro Lobato. A Bíblia é, também, a obra mais lida recentemente, o gênero que os leitores mais admiram e o livro que os entrevistados mais releem.

Que livro é este? Muitas pessoas falaram coisas bonitas a respeito dele. O presidente norte-americano George Washington disse: "É impossível governar bem o mundo sem Deus e sem a Bíblia". O escritor nordestino Tobias Barreto declarou que a Bíblia é "um modelo de tudo quanto é belo e bom". Já o escritor gaúcho Moacyr Scliar afirmou que a Bíblia é um livro essencial, "um texto que venceu o tempo; e vencer o tempo é essencial na literatura". João Ferreira Annes de Almeida, o pastor protestante que, em 1681, publicou o primeiro Novo Testamento completo em língua portuguesa, no linguajar típico daquele tempo afirmou o seguinte: "A Escritura Sagrada, por ser a Palavra de Deus divinamente inspirada, tem de si mesma bastantíssima autoridade, e contém suficientissimamente em si toda a doutrina necessária para o culto e serviço de Deus e nossa própria salvação, como mui claramente o ensina S. Paulo, na sua segunda epístola a Timóteo, cap. 3, versos 15, 16, 17 dizendo: Desde a tua meninice sabes as letras sagradas…"

Nesta afirmação, Almeida repete basicamente o que a própria Bíblia diz de si mesma. O que é, então, a Bíblia? A própria Bíblia responde que ela é a palavra de Deus. Diz em 2Pe 1.21: "homens falaram da parte de Deus, movidos (ou guiados) pelo Espírito Santo". Ou, se colocarmos os termos na ordem em que aparecem em grego, teremos a seguinte ênfase: "pelo Espírito Santo movidos falaram da parte de Deus homens". Foram homens que falaram, mas eles falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo. Logo, o

que eles falaram e escreveram é a palavra de Deus. Ou, como aparece numa tradução para uma língua indígena, a Bíblia é "tua fala no papel", ou seja, a fala de Deus colocada por escrito.

A passagem de 2Tm 3.16 confirma isto, ao declarar que "toda a Escritura é inspirada por Deus". Agora, o que é inspiração? Este conceito de inspiração nem sempre é bem entendido. Poderia alguém pensar que os homens que escreveram a Bíblia estavam inspirados. No entanto, o texto diz que a *Escritura* foi inspirada por Deus. Em grego, trata-se de uma palavra só, que poderia ser explicada como "*Deuspirada*" (no grego, *theópneustos*, uma palavra composta formada com "Deus" e "espírito" ou "sopro"). Não sabemos ao certo o que Paulo quis dizer com isto, em especial porque, em todo o Novo Testamento, esta palavra ocorre apenas nesse texto de 2Tm 3.16. O que fica claro é que a Escritura é inspirada por Deus, sendo que, neste texto, nada é dito a respeito de homens inspirados.

Na verdade, o processo da inspiração das Escrituras não é descrito ou explicado; apenas é afirmado. Falamos sobre inspiração "verbal", porque se trata de um texto inspirado, e textos são verbais, são feitos de palavras. Como a Bíblia não explica o que é inspiração, será necessário ler os textos inspirados para tentar descobrir do que se tratava. O autor da carta aos Hebreus diz que Deus falou "de muitas maneiras". A leitura dos livros bíblicos confirma isto. Alguns textos foram, por assim dizer, ditados ou "soprados". É o caso de muitas mensagens anunciadas através dos profetas do Antigo Testamento ("Assim diz o Senhor: …") e também das mensagens às igrejas do Apocalipse ("ao anjo da igreja em Éfeso escreve: …"). Mas há escritores bíblicos que falam sobre a pesquisa que realizaram, como é o caso de Lucas (Lc 1.3). Isto permite afirmar que os escritores não eram meros instrumentos que não sabiam o que estavam fazendo; eram, isto sim, seres humanos no pleno uso de suas faculdades mentais.

Deus se valeu de homens para nos dar a sua palavra através do mistério da inspiração. Não obstante, a Escritura é a palavra de Deus. Ela não apenas contém a palavra de Deus; ela é a palavra de Deus. Ela não é simples resposta humana à revelação de Deus; ela é a própria revelação de Deus.

Afirmar a inspiração da palavra de Deus é, antes de tudo, uma confissão de fé e um ato de louvor. É algo que se afirma porque a própria Bíblia o revela. É uma convicção, uma confissão de fé, e, como tal, não pode ser comprovada ou demonstrada racionalmente. Não é, a rigor, uma conclusão a que se chega pelo método indutivo, por mais que o exame e a leitura dos textos confirmem a convicção inicial. Muitos, é claro, querem seguir por este caminho da indução. Querem primeiramente resolver todas as dificuldades bíblicas (como a questão de variantes textuais, o aparente escândalo de afirmações como a de Sl 137.9, etc.) para só então decidir se ainda querem confessar a inspiração da Bíblia. O caminho mais sensato é o caminho inverso: seguir o que a própria Bíblia diz e aceitar a inspiração *a priori*, isto é, como algo anterior a qualquer experiência, e, a partir daí, lidar com a questão das variantes textuais e dos textos difíceis.

Por vezes somos lembrados de que as afirmações encontradas em 2Pe 1.21 e 2Tm 3.16 têm em vista o Antigo Testamento, não se referindo, portanto, de forma direta ao Novo Testamento. É claro que essas passagens podem ser, também, aplicadas ao Novo Testamento. No entanto, há como mostrar que também o Novo Testamento é de origem divina. Temos passagens como 1Ts 2.13. Mas o texto mais importante é mesmo Jo 14.26, que nos permite afirmar que o Novo Testamento é um projeto do próprio Senhor Jesus Cristo. Ele, que citou e cumpriu o Antigo Testamento, prometeu também o Novo Testamento. Fez isto ao prometer o Consolador, o Espírito Santo, explicando que este "vos ensinará todas as coisas e fará lembrar de tudo que vos tenho dito". Costumamos aplicar isto a nós, no âmbito da iluminação ou interpretação dos textos. Mas, no contexto em que foram proferidas, essas palavras têm em vista a revelação. Aquele "vos" refere-se aos apóstolos que estavam com Jesus durante aquela ceia de despedida. E foi a esses apóstolos e evangelistas que o Espírito Santo lembrou o que Jesus tinha dito. Eles foram ensinados pelo Consolador. E desta lembrança e deste ensino resultou o Novo Testamento. Assim, podemos afirmar que os apóstolos de Cristo nos deram duas dádivas: o Antigo Testamento interpretado como livro de Cristo (seguindo o caminho indicado pelo próprio Jesus em Lc

24.44); e o testemunho de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. O primeiro já era um livro quando a Igreja Cristã nasceu, podendo-se dizer que ela nasceu com uma Bíblia no berço. O segundo veio a ser um livro, o nosso Novo Testamento.

Ao se ler, interpretar e traduzir um texto bíblico, é preciso levar em conta o aspecto teológico. É preciso levar a sério o fato de estarmos lendo, interpretando e traduzido a palavra de Deus.

A Bíblia afirma, também, que ela foi escrita por homens. "Homens falaram da parte de Deus". Neste sentido, a Bíblia é um livro bem humano, escrito por gente como a gente, em línguas conhecidas e faladas naquela época. Em Is 1.20 se lê: "A boca do Senhor o disse". E em At 3.21 consta que "Deus falou por boca dos seus santos profetas". Hb 1.1 confirma que Deus falou aos pais *pelos profetas*. Num certo sentido, portanto, a Bíblia foi escrita por seres humanos para seres humanos. Ela não caiu do céu, pronta. Ela foi sendo revelada aos poucos. O ponto alto dessa revelação se deu com a vinda do Filho de Deus (Hb 1.1). O fato de, na Bíblia, Deus falar a nossa linguagem condiz com a encarnação. Não fomos nós que saímos à procura de Deus, mas ele veio até nós.

Ao se ler, interpretar e traduzir a Bíblia, é preciso levar em conta também os aspectos históricos, linguísticos e literários. É preciso dar atenção às palavras e ao texto. Ao lermos uma tradução ao português, a boa interpretação começa com a adequada compreensão do que está escrito em língua portuguesa. Inclui também a consideração do contexto, pois cada palavra bíblica é verdadeira em seu contexto. Muitos, infelizmente, ignoram ou afastam-se muito rapidamente daquilo que está escrito, e enveredam pelo caminho da interpretação alegórica. Em outras palavras, atribuem ao texto um sentido que as palavras não têm, e, assim, falsificam a mensagem de Deus. A Bíblia é a palavra de Deus e é, também, palavra de homens, não palavra de Deus dentro ou por trás das palavras dos homens, como muitos pensam e até afirmam.

Uma segunda pergunta que se pode fazer é esta: Para que serve este livro? O que se pode fazer com a Bíblia? O que ela faz com a gente? Parece uma pergunta esquisita, mas ela é sugerida pelas palavras de Paulo a Timóteo: "Toda Escritura Sagrada é inspirada

por Deus e útil para …" Útil para … Útil para quê? Serve para quê? Serve para se comprar e colocar na gaveta ou na estante de livros? É possível. Serve como objeto sobre o qual se jura estar dizendo a verdade? É uma cena que aparece em muitos filmes. Serve como álbum de fotografias? No passado, muitas vezes aquelas Bíblias volumosas eram usadas para este fim. Serve para colocar em cima da mesa no dia em que o pastor prometeu fazer uma visita? Sempre causa uma boa impressão. Serve para quê? É útil para quê?

A resposta está em 2Tm 3.16: Ela é útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça. A NTLH é mais clara, ao dizer que ela é útil para ensinar a verdade, condenar o erro, corrigir as faltas e ensinar a maneira certa de viver.

São quatro funções, mas elas podem muito bem ser reunidas em dois grupos: condenar o erro e corrigir as faltas; ensinar a verdade e ensinar a maneira certa de viver.

A Bíblia ensina. Ela revela. Ela ensina a verdade e ensina a maneira certa de viver. Ela é manual de fé e de vida. Ela ensina a verdade, que é Jesus Cristo. A célebre pergunta de Pilatos: "O que é a verdade"? tem resposta aqui. Ela ensina, também, o jeito certo de viver. Muitas são as propostas de modos de vida. Mas só a Bíblia ensina o jeito de viver que agrada a Deus. A Bíblia faz mais: ela condena o erro e corrige as faltas. Existe erro? Para muitos, hoje, "tudo está certo, dependendo de como a pessoa explica ou de que ângulo você enxerga". O erro de muitos reside em dizer que não existe erro. A Bíblia fala em condenar o erro. Em tempos de corrupção, de relativismo ético, a Bíblia tem muito a dizer. Aos outros e a nós também.

Ao ensinar, condenar o erro e corrigir as faltas, a Bíblia se mostra uma palavra de poder. Ela não somente é verdadeira, mas é também poderosa. Ele mexe com o seu ouvinte e leitor. Além das muitas histórias que dão conta disto, na Bíblia e fora dela, este fato é confirmado por outros textos bíblicos. Em Is 55.11, Deus diz: "A palavra que sair da minha boca não voltará para mim vazia", isto é, "não voltará sem ter feito o que eu quero". Em Jr 23.29, Deus faz uma pergunta retórica: "Não é a minha palavra como fogo… e como um martelo que esmiúça a penha (isto é, como a marreta que quebra

grandes pedras)”? Em Rm 1.16, o apóstolo confessa que o evangelho é “o poder de Deus para a salvação de todo o que crê”. E, numa passagem bem conhecida, o autor aos Hebreus declara que “a palavra de Deus é viva e poderosa e corta mais do que qualquer espada afiada dos dois lados. Ela vai até o lugar mais fundo da alma…” (Hb 4.12, NTLH) Importa deixar que a Bíblia exerça esta função, por mais que gostemos de ler a Bíblia sempre a nosso favor, nunca contra nós.

Como palavra de poder, os livros bíblicos foram, de modo geral, escritos para causar alguma transformação. Podemos afirmar que Deus convence na Bíblia e por meio dela. Ela tem um lado pragmático ou retórico.

Isto pode ser verificado em textos de diferentes partes da Bíblia. Na Lei, em Dt 30.15,19, Deus afirma: “Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal; … escolhe, pois, a vida”. Deus não apenas informa que existe vida e morte, bem e mal; ele deseja que o seu povo opte pela vida. Nos Profetas, em Jr 7.3, se lê: “Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Emendai os vossos caminhos e as vossas obras, e eu vos farei habitar neste lugar”. Deus não apenas informou que existe um caminho tortuoso; ele repreendeu, chamou o seu povo de volta ao caminho reto. Nos Evangelhos, em Lc 1.4, o médico amado declara que sua intenção, ao escrever a Teófilo, é “para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído”. Claro, ele revela mais detalhes sobre a vida e o ensino de Jesus. Algumas das belas parábolas de Jesus se encontram unicamente no Evangelho de Lucas. Mas sua intenção declarada não é “para que tenhas mais informações”, e sim para que “tenhas plena certeza”. Lucas tem um lado pragmático ou retórico. E nas Epístolas, em Gl 5.1, Paulo escreve: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão”. Numa carta tão rica de conteúdo doutrinário, a impressão que se pode ter é que Paulo queria mesmo ensinar. Ele faz isso. No entanto, ele não ensina por ensinar. Ensina com o propósito de impedir que os cristãos abandonem o evangelho da liberdade em Cristo.

Há, ainda, uma terceira pergunta: Qual a finalidade da Bíblia? Para que fim ela nos foi dada? Será que a finalidade da Bíblia é nos garantir o acesso ao céu (num pensamento do tipo, quem tem um a Bíblia em casa vai para o céu)? Não. Será que é para que se possa dizer: quem não lê a Bíblia vai para o inferno?! Também isto não é verdade. Será que a finalidade dela é responder todas as perguntas que temos sobre os mais diferentes assuntos (nem que a resposta esteja, como alguns supõem, nas entrelinhas ou na combinação das letras usadas)? Muitos de fato gostariam que a Bíblia matasse a sua curiosidade sobre uma série de coisas ou respondesse um bom número de perguntas, mas ela não o faz. Não é esta a sua finalidade. Tem gente que gostaria de saber, por exemplo: com quem Caim casou? Qual a origem das diferentes raças? Quando ou há quanto tempo o universo foi criado? Ou, quando vai ser o fim do mundo?

A Bíblia não responde a maioria de nossas perguntas — perguntas miúdas, diga-se de passagem. Paulo confessa não ter, agora, todas as respostas: "O que agora vemos é como uma imagem imperfeita num espelho embaçado, mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é imperfeito, mas depois conhecerei perfeitamente, assim como sou conhecido por Deus" (1Co 13.12, NTLH). Deus nos conhece perfeitamente, mas nós não conhecemos tudo a respeito de Deus. Entretanto, sabemos o principal. Temos resposta para as perguntas fundamentais. Paulo lembra a Timóteo: "Desde menino, você conhece as Escrituras Sagradas, as quais lhe podem dar a sabedoria que leva à salvação, por meio da fé em Cristo Jesus" (2Tm 3.14, NTLH).

As Escrituras dão sabedoria. Não uma sabedoria qualquer, mas a sabedoria que leva à salvação. Não uma salvação de qualquer jeito, mas salvação por meio da fé. Não uma fé genérica, ou uma fé como simples esperança de que tudo vai dar certo, mas a fé em Cristo Jesus. Portanto, o ponto alto é Cristo Jesus. Quem não encontrou Cristo nas Escrituras ainda não encontrou o principal.

Esta finalidade da Bíblia é confirmada em textos como Jo 20.31 ("para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome") e Rm 15.4 ("Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de

que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança.”).

A Bíblia é a palavra de Deus que nos ensina e mexe com a gente, com a finalidade de nos dar a salvação pela fé em Jesus Cristo. Que livro! Que dádiva! Que bênção! Diante de tudo isto só podemos confessar com o Salmista:

“Vê como amo os teus ensinamentos, ó SENHOR!

Conserva-me vivo, por causa do teu amor.

Todas as tuas palavras são verdadeiras;

os teus mandamentos são justos e duram para sempre”. (Sl 119.159-160, NTLH)

A formação do cânon

Rudi Zimmer — Paulo Teixeira

As afiliadas das Sociedades Bíblicas Unidas servem às Igrejas Cristãs com a tradução, publicação e distribuição de Escrituras em mais de 200 países.

Desde 1804, quando surgiu a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, o movimento de Sociedades Bíblicas tem se dedicado a tornar a Bíblia disponível ao maior número possível de pessoas, numa linguagem que elas entendam e a um preço que possam pagar.

Essa missão tríplice foi confiada às Sociedades Bíblicas pelas Igrejas Cristãs que as constituíram, e é através das Igrejas Cristãs e em cooperação estreita com elas que as Sociedades Bíblicas buscam desenvolver a missão de traduzir, publicar e distribuir as Escrituras aos povos.

Em seu serviço às diversas Igrejas Cristãs no mundo, as Sociedades Bíblicas têm acumulado uma considerável experiência e vivência interconfessional, tendo as Escrituras como ponto de diálogo e convergência entre as diversas denominações cristãs.

O presente artigo quer compartilhar com o leitor o tema “A Formação do Cânon” na perspectiva do serviço das Sociedades Bíblicas às Igrejas Cristãs ao redor do mundo, o que se fará sentir

especialmente na conclusão ao trabalho. Com esse pano de fundo, serão abordados os seguintes tópicos relativos ao cânon: 1. O significado da palavra "cânon"; 2. A relevância do tema; 3. Posições sobre a formação do cânon; 4. Dois cânones (Antigo Testamento e Novo Testamento); e 5. Número e ordem dos livros bíblicos.

1. O significado da palavra "cânon"

O termo grego *kanon* vem de uma palavra semítica que significa "cana", "junco". No Brasil, corresponderia a qualquer planta de caule longilíneo, típica de matas ciliares e áreas pantanosas. No Brasil, o espécime mais comum é a taboa (também chamada de tabua), planta da família das tifáceas, abundante nos brejos e alagadiços de norte a sul do país.

Kanon começa a aparecer na literatura do Crescente Fértil (região que vai de Ur dos Caldeus ao Egito) entre 2.000 e 1.800 a.C. Embora no início se referisse apenas ao vegetal propriamente dito, posteriormente *kanon* passou a expressar outros significados e utilidades.

Assim, além da planta, *kanon* começou a referir-se à cana como um dos primeiros instrumentos de medida e, dessa maneira, veio a designar a "cana de medida". Quase na mesma época, *kanon* também designou um instrumento de alisar ou nivelar, similar à hodierna "régua de pedreiro". Depois, figuradamente, passou a significar "aquilo que regula, julga, ou serve como norma ou modelo para outras coisas".

Já no Novo Testamento, em Gl 6.16, o apóstolo Paulo usa este termo (κανων) no sentido de "regra" ou "norma", como se pode ler:

- ARA: "E, a todos quantos andarem de conformidade com esta **regra**, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus."
- ARC: "E, a todos quantos andarem conforme esta **regra**, paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus."
- NTLH: "E, para todos que seguem essa **regra** na sua vida, que a paz e a misericórdia estejam com eles e com todo o povo de Deus."

Só no século 4 d.C. o termo "cânon" veio a ser usado para as Escrituras, primeiramente por Atanásio (em 352 d.C.: *De Decretis Nicaenae Synodi*, 18.3) e, depois, no Concílio de Laodiceia, em 360 d.C. Nesse sentido, o termo "cânon" passou a referir-se ao grupo dos livros reconhecidos pelas igrejas ou comunidades locais como regra de fé e vida.

2. A relevância do tema

Para muitos cristãos, inicialmente, o tema não parece relevante. As gerações atuais praticamente já nasceram com uma Bíblia pronta, com os livros bíblicos dispostos numa certa ordem e encadernados num só volume, com Índice e Prefácio. Os cristãos acostumaram-se com a Bíblia que receberam.

Nem nos damos conta de que nem sempre foi assim. E quando só havia rolos, como se sabia que livros eram exatamente os que pertenciam à Bíblia, ou seja, ao cânon das Escrituras? Pois havia uma porção de outros livros que também eram lidos e usados pelos cristãos no período da Igreja Primitiva.

Ao longo da história, as Igrejas Cristãs responderam diferentemente à pergunta sobre quais "livros" (no princípio, "rolos") elas reconheciam como dignos de compor a sua regra de fé e vida.

No Brasil, é comum os cristãos saberem da existência de dois cânones:

- Evangélicos estão bem afeitos à Bíblia com 66 livros (39 no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento).
- Católicos romanos têm a Bíblia com 73 livros (46 no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento).

No mundo afora, no entanto, há uma diversidade bem maior do que esta comumente identificada no Brasil. Quando pensamos no contexto das Igrejas Ortodoxas (que detêm o segundo lugar em número de adeptos no mundo), encontraremos uma diversidade ainda maior de cânones. No bloco de Igrejas Ortodoxas, há cinco tradições ou recensões canônicas diferentes, quais sejam:

- Cânon Luciânico
- Cânon Copta

- Cânon Eslavo Antigo
- Cânon Georgiano Antigo
- Cânon Armênio Clássico (ou Ge'ez)

Todas essas tradições canônicas apresentam diferenças entre si no que diz respeito ao número e ordem dos livros, bem como no que tange ao texto base usado para a tradução (as Igrejas Ortodoxos em geral consideram a Septuaginta – tradução das Escrituras hebraicas para o grego – como o texto base do qual o Antigo Testamento deve ser traduzido para as línguas modernas).

Algumas das tradições canônicas das Igrejas Ortodoxas têm mais livros como canônicos, outras têm menos livros. Por exemplo, a Igreja Siríaca, às vezes chamada de Ortodoxa Antioquina, tem um Novo Testamento com 22 (e não 27) livros. Nascida na era apostólica (século 1 d.C.), a Igreja Siríaca nunca aceitou 2Pedro, 2 e 3João, Judas nem Apocalipse em seu cânon. Mesmo assim, até hoje a Igreja Siríaca tem sido baluarte da fé cristã numa região de crescente oposição ao Cristianismo.

Ao tomar conhecimento de uma diversidade maior de cânones, ficamos curiosos e perguntamos: Como é que se formou o cânon? Como cada uma das Igrejas veio a ter uma Bíblia com exatamente certo número de livros?

Buscando aproximar a questão do cânon de nossa própria realidade cotidiana e espiritual, convém perguntar:

- Quantos livros tem a nossa Bíblia?
- Qual é o cânon bíblico para nós?
- Livros como Levítico, Cântico dos Cânticos, Naum, Sofonias, Obadias e Filemom fazem parte ativa do nosso cânon?
- São lidos por nós com apreço?
- Pregamos sobre eles com regularidade?
- São estudados com avidez como fonte de edificação para nós, para nossa igreja e sociedade?
- Servem de norma para nossa fé e vida cristãs?

A reflexão sobre tais questões aumenta a relevância do assunto para nós e é decisiva na maneira como lidamos com a nossa própria

tradição canônica e com a tradição canônica das demais Igrejas Cristãs.

3. Posições sobre a formação do cânon

Há, basicamente, duas posições sobre a formação do cânon. Numa delas, defende-se que o cânon surgiu por um processo meramente humano. Na outra, que o cânon foi formado por ação divina.

3.1. Processo puramente humano

Na literatura sobre o cânon, encontramos autores que explicam a formação do cânon como um processo puramente humano.

Segundo esta posição, os livros, quando apareceram, não teriam sido sagrados nem divinamente autoritativos e nem eram vistos como tal.

Os livros teriam adquirido tal posição na medida em que a comunidade de fé dos cristãos lhes atribuía tal condição sagrada e autoridade.

Depois, motivada por ameaças e perigos (heresias e perseguições), a Igreja os *canonizava* (isto é, os declarava sagrados, santos), com a finalidade de garantir uma norma de fé e de conduta cristãs.

Neste sentido, o cânon se formava a partir de uma decisão da comunidade de fé.

Alguns defensores dessa posição às vezes reconhecem, de alguma forma, a presença da providência de Deus nesse processo.

3.2. Obra divina

Outros autores entendem a formação do cânon como obra divina, fazendo-o principalmente à luz de 2Pe 1.21.

Segundo esses autores, os livros bíblicos foram escritos através do mistério da inspiração. Os escritores bíblicos foram instrumentos de Deus no registro e entrega da mensagem divina (2Tm 3.16, *teópneustos* = "inspiração divina", literalmente "Deuspiração").

Por isso mesmo, desde o momento em que apareceram, sendo entregues aos cristãos por apóstolos e evangelistas, os livros já eram divinamente autoritativos.

De acordo com essa posição, a canonização nada mais é do que o reconhecimento (testemunho de fé) da Igreja Cristã (comunidade de fé) de que esses livros inspirados formam a sua regra e norma de fé e vida cristãs.

Portanto, em vez de ter ocorrido por meio de uma conspiração ou decreto (como sugere a moderna literatura ficcional volta e meia em nossos dias), na verdade, a canonização ocorreu como reconhecimento. A partir disso, fica enunciado um princípio fundamental a respeito da Bíblia e do cânon, ou seja: "Não é a Igreja que cria o cânon, mas é o cânon (Palavra de poder) que cria a Igreja".

Diferentes denominações cristãs, em boa fé e de boa consciência, ao longo da história, têm elegido diferentes cânones, com mais ou menos livros. Cada cânon, em si, está fechado e consagrado para a comunidade de fé ou denominação que o reconheceu e que bem o aceita como o conjunto de livros que encerra sua regra de fé e vida. A mensagem central da salvação em Jesus Cristo está bem preservada em todas as tradições canônicas e é comum a todas elas.

4. Dois cânones: Antigo Testamento e Novo Testamento

Não se pode falar, de uma vez, num só cânon, mas de dois: o cânon do Antigo Testamento e o cânon do Novo Testamento. Cada Testamento tem sua história distinta no tocante à formação do cânon.

4.1. Cânon do Antigo Testamento

Quantos livros tem o Antigo Testamento? Apesar de judeus e protestantes aceitarem as mesmas Escrituras hebraicas como canônicas, os judeus costumavam dividir a sua Bíblia (que corresponde ao Antigo Testamento das Bíblias cristãs) em 22 ou 24 rolos, enquanto os protestantes acostumaram-se a dividir as Escrituras hebraicas em 39 livros.

Duas listas de livros do Antigo Testamento, compostas por judeus, chegaram até nós. O historiador judeu Flávio Josefo (segunda metade do século 1 d.C.), menciona 22 livros. Numa outra fonte, o livro apócrifo de 2Esdras (às vezes chamado de 4Esdras, normalmente datado de 90 d.C.), são mencionados 24 livros.

Independentemente da lista que se tome, os livros podem ser divididos em 3 grandes seções, quais sejam:

- *Torá (a Lei):* Esta seção é formada por 5 livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.
- *Neviim (os Profetas):* Esta seção é formada por 8 livros, subdivididos em:
  - Profetas Anteriores: Josué, Juízes (às vezes publicado num mesmo rolo com Rute), Samuel e Reis; e
  - Profetas Posteriores: Isaías, Jeremias (às vezes publicado num mesmo rolo com Lamentações), Ezequiel e os Doze (os Profetas Menores, de Oseias a Malaquias, cujo conteúdo cabia integralmente num rolo).
- *Khetuvim (os Escritos):* Esta seção é formada por 9 ou 11 livros: Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Ester, (Rute, Lamentações, na lista dos 24), Daniel, Esdras (geralmente publicado num mesmo rolo com Neemias) e Crônicas.

As letras iniciais de cada uma das 3 seções das Escrituras dos judeus originou o anagrama *TaNaKH*, que designa o conjunto dos livros presentes, por exemplo, na Biblia Hebraica Stuttgartensia, co-publicada, a partir de 2008, pela Sociedade Bíblica Alemã e pela Sociedade Bíblica do Brasil, ferramenta fundamental para estudantes do Antigo Testamento, tradutores e teólogos.

Como na época de Jesus e dos apóstolos o Antigo Testamento já existia, seria de se esperar que o Novo Testamento claramente dissesse quais seriam os livros que compõem o Antigo Testamento. No entanto, podemos ler o Novo Testamento de Mateus a Apocalipse e não encontraremos a listas dos livros do Antigo Testamento.

Podemos, é claro, ter uma ideia geral de quais eram os livros que os apóstolos e evangelistas consideravam parte do Antigo Testamento, assim por se dizer, parte do seu cânon ativo das Escrituras hebraicas. Esta ideia geral de quais eram os livros considerados parte do Antigo Testamento advém:

- das citações que o Novo Testamento faz de passagens de livros do Antigo Testamento;

- das alusões que o Novo Testamento faz a textos de livros do Antigo Testamento.

Há, porém, no Novo Testamento, também alusões a outros livros que, dependendo da Igreja Cristã, não são considerados parte da tradição canônica de sua Bíblia, como se vê:

- em Rm 1.18-32 há uma alusão ao conteúdo de Sabedoria 12—14;
- Rm 2.1-11 reflete o conteúdo de Sabedoria 11—15;
- Hb 11.35b-38 alude o conteúdo de 2Macabeus 6.18—7.41 e de 4Macabeus 5.3—18.24;
- Jd 14-16 menciona fatos registrados em 1Enoque 1.9 e na Ascensão de Moisés.

Àqueles que mantinham profunda esperança de que os manuscritos encontrados junto ao Mar Morto (nas cavernas de Qumran) elucidariam a questão canônica das Escrituras hebraicas, convém mencionar que ali foram achados manuscritos de todos os livros do Antigo Testamento, menos do livro de Ester. Isso pode significar que Ester não fizesse parte da tradição canônica daquela comunidade religiosa comumente identificada como sendo dos essênios. Além disso, em Qumran também foram encontrados fragmentos de outros livros, não se sabendo, portanto, que livros eram considerados canônicos ou não por aquela comunidade da região do Mar Morto.

Diante dessas evidências, como sabemos, então, quais são exatamente os livros canônicos do Antigo Testamento?

O Novo Testamento traz, sim, referências gerais ao cânon do Antigo Testamento. Na verdade, antes do Novo Testamento, há uma referência ao cânon do Antigo Testamento no Prólogo (ou Introdução) ao livro deuterocanônico (que faz parte da tradição canônica católica romana) de Eclesiástico (ou, A Sabedoria de Jesus, filho de Siraque). O neto de Jesus (ou Josué), filho de Siraque (180 a.C.), começa assim a introdução a esse livro: “Os livros da Lei, os livros dos Profetas e os livros que foram escritos depois nos deixaram muitos ensinamentos de valor.”

Depois, o escritor do Eclesiástico ainda repete duas vezes a expressão: “a Lei, os livros dos Profetas e os outros livros.”

Semelhantemente, o Novo Testamento faz referências ao Antigo Testamento em algumas passagens, por exemplo:

- Em Mt 5.17, Jesus diz: “Não penseis que vim revogar a Lei [referindo-se à *Torá*] ou os Profetas [referindo-se aos *Neviim*].”
- E em Mt 7.12: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei [referindo-se à *Torá*] e os Profetas [referindo-se aos *Neviim*].”

A referência mais detalhada está em Lc 24.44-45, no diálogo do Cristo ressurreto com os discípulos no caminho de Emaús:

A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés [referindo-se à Torá], nos Profetas [referindo-se aos Neviim] e nos Salmos [referindo-se ao primeiro livro dos Khetuvim]. Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras.

Temos aqui uma clara referência às três partes do Antigo Testamento (Torá, Neviim e Khetuvim), conforme o dividiam os judeus. Mesmo assim, também não enumera os distintos livros.

Conforme uma tradição dos judeus, seus livros canônicos haviam sido aceitos por volta do final do século 1 d.C., num Concílio na cidade de Jâmnia, na Palestina. Talvez não tenha havido mesmo um Concílio, mas é certo que em Jâmnia, um prolífico centro de estudos das Escrituras, a questão canônica esteve na pauta das discussões de alunos e rabinos. Conforme o testemunho da Mishná, um escrito judaico do século 2 d.C, teria sido em Jâmnia que pelo menos Ester e o Cântico dos Cânticos, livros cuja canonicidade vinha sendo discutida há muito pelos judeus, foram finalmente aceitos no cânon judaico.

Seja como for, por volta do final do século 1 d.C. os judeus reconheciam como canônicos os 22 (ou 24) livros cujo conteúdo, embora dividido em mais livros (39), é o mesmo presente no Antigo Testamento das Bíblias hoje chamadas “evangélicas”.

Diga-se de passagem que a decisão dos judeus quanto ao cânon (a chamada *veritas hebraica*) foi seguida por Jerônimo, o tradutor da Vulgata, e pelos Reformadores do século 16, Lutero e Calvino. A decisão dos judeus fez Jerônimo e os Reformadores verem como canônicos os mesmos livros reconhecidos pelos judeus e a considerar como não inspirados os demais livros herdados via Septuaginta (embora pelo menos até o início do século 19 ainda muitas Bíblias protestantes apresentassem, mesmo que numa seção separada, alguns livros que não constavam do cânon judaico). Advém disso que o Antigo Testamento das Bíblias "evangélicas" ou "protestantes" tenha o mesmo conteúdo dos livros da Bíblia Hebraica. Já as Bíblias "católicas" têm um cânon diferente no Antigo Testamento porque a opção do Concílio de Trento, também no século 16, foi adotar o cânon grego das Escrituras, mais extenso que do que o cânon judaico.

A lista mais antiga das Escrituras canônicas do Antigo Testamento é de cerca de 170 d.C. e foi feita por um estudioso cristão, chamado Melito de Sardes.

Tanto pelas referências encontradas no Novo Testamento como pela lista transmitida por Melito de Sardes vemos que Deus tinha feito com que os cristãos reconhecessem um conjunto de livros do Antigo Testamento como os seus livros inspirados. No entanto, os limites exatos dessa coleção sempre permaneceram em discussão, o que pode causar estranheza a alguns.

Nesse ponto, é salutar pensar na História da Igreja e nos seus personagens, muitos dos quais, embora renomados heróis da fé, manifestaram dificuldade com um ou outro livro bíblico, como é o caso de Martinho Lutero, o Reformador do século 16.

Martinho Lutero trouxe à luz uma das principais traduções da Bíblia. Traduziu-a para o alemão simples, popular, querendo que crianças e adultos tivessem acesso à sua leitura e pudessem mesmo ser alfabetizados pela Bíblia. No Antigo Testamento, além dos 39 livros canônicos, traduziu também os demais que ao longo da Idade Média começaram a fazer parte da tradução latina de Jerônimo, destacando, em nota prefacial, sua posição pessoal de que aqueles livros extras, embora não inspirados como os demais, eram úteis

para a leitura por trazerem ensinamentos bons e piedosos. Por outro lado, esse mesmo Reformador questionava a canonicidade de outros livros como Tiago (que costumava chamar "epístola de palha", por considerar que faltava ali a pregação de Cristo e, portanto, da justificação pela fé) e 2Pedro (cujo conteúdo, bastante similar ao da epístola de Judas, Lutero objetava). Nenhuma dessas opiniões do Reformador afetou sua sólida posição cristã sintetizada no lema: *Sola gratia* [somente a graça], *sola fide* [somente pela fé], *sola Scriptura* [somente a Escritura].

Antes de passar para a formação do cânon do Novo Testamento, é também oportuno rememorar, à guisa de resumo do que foi visto até aqui, os seguintes ensinamentos, aprendidos quando consideramos a questão canônica no âmbito das distintas Igrejas Cristãs espalhadas pelo mundo:

- Deus levou os cristãos a reconhecerem um conjunto de livros do Antigo Testamento como inspirados, mas os limites exatos dessa coleção permaneceram em discussão.
- Há denominações cristãs que reconhecem como canônicos alguns livros a mais. Outras, alguns livros a menos.
- Todas as Igrejas Cristãs, no entanto, são unânimes em reconhecer como inspirados e divinamente autoritativos a maioria dos livros do Antigo Testamento que estão na Bíblia Hebraica e que formam a base da teologia do Antigo Testamento.
- A *veritas hebraica* foi um postulado surgido no Judaísmo num tempo em que este claramente se afastou do Cristianismo. Por causa disso, alguns estudiosos cristãos contestam a adoção da *veritas hebraica* (ou cânon judaico) como argumento legítimo e definitivo a favor de um Antigo Testamento com 39 livros na Bíblia cristã.
- Pontos de dissensão entre as Igrejas Cristãs, em geral, estão em passagens bíblicas dos livros aceitos como canônicos por todas.

4.2. O Cânon do Novo Testamento

Também no caso do Novo Testamento não encontramos qualquer referência a uma lista dos 27 livros considerados inspirados por Deus e autoritativos para a Igreja Cristã.

Por volta do ano 95 d.C., todos os 27 livros reconhecidos como canônicos por católicos romanos e protestantes já haviam sido escritos. Historiadores e pregadores da Igreja, que citavam os escritos dos apóstolos e evangelistas, e a coleta de cópias dos primeiros manuscritos, nos permitem intuir que o conteúdo básico dos Evangelhos canônicos e de boa parte das epístolas era de conhecimento da maior parte das igrejas locais espalhadas pelo Império Romano já nos primórdios do século 2 d.C.

Irineu de Lyon, um dos pais da Igreja Cristã, já por volta de 180 d.C. menciona serem 4 os Evangelhos aceitos pela Cristandade, os mesmos hoje presentes no cânon de todas as denominações cristãs. Diferentemente do que descrito pela literatura ficcional contemporânea (sucesso entre os que usam a questão canônica para desacreditar a Bíblia), a Igreja Cristã não precisou esperar até o Concílio de Niceia, no século 4 d.C., para decidir que Mateus, Marcos, Lucas e João eram os Evangelhos canônicos.

A lista mais antiga dos escritos do Novo Testamento, contendo os 27 livros, aparece em 367 d.C., numa carta de Atanásio, bispo de Alexandria, no Egito.

Em 376 d.C., Eusébio, autor de *Historia Ecclesiastica*, publica novamente essa mesma lista de Atanásio.

A primeira vez em que se faz referência à lista dos livros do Novo Testamento, num concílio, foi no Concílio de Cartago, em 397 d.C.

A história mostra novamente que Deus levou os cristãos a reconhecerem um conjunto de livros como sendo o Novo Testamento. Todavia, sempre houve debates sobre alguns.

No caso específico do Novo Testamento, os estudiosos identificam até mesmo um conjunto de livros contra os quais se escreveu ou disse algo. Faziam parte desse conjunto de escritos contraditados, conhecido como *antilegomena* (“aqueles contra os quais se falou”), a carta aos Hebreus, as epístolas de Tiago, 2Pedro e Judas, além do Apocalipse de João.

Todos os demais 22 livros do Novo Testamento, recebidos como inspirados desde a primeira hora em que foram entregues à

Igreja, receberam a alcunha de *homolegoumena* (“aqueles a favor dos quais se falou”).

5. Ordem dos livros

5.1. Antigo Testamento

Conforme mencionamos, Igrejas com diferentes tradições canônicas têm posições distintas sobre a extensão do cânon do Antigo Testamento. Em grande parte, essas divergências estão baseadas em três textos fundamentais:

- O Texto Massorético (texto hebraico), ou Bíblia Hebraica padrão (modernamente dividida em 39 livros, como nas Bíblias “evangélicas”).
- A Septuaginta (LXX), a primeira tradução do Antigo Testamento para uma outra língua (o grego): A edição da Septuaginta mais utilizada hoje, organizada por Alfred Rahlfs em 1935, baseia-se em 3 manuscritos antigos (*Codex Vaticanus*, século 4 d.C., *Codex Sinaiticus*, século 4 d.C., e *Codex Alexandrinus*, século 5 d.C.), e contém 53 livros (além daqueles presentes na Bíblia Hebraica padrão, há outros 14 livros, dentre os quais Eclesiástico, Sabedoria, Judite, Tobias, Baruque, os livros dos Macabeus, entre outros). Alguns dos livros da Septuaginta, como 1Esdras e 3 e 4Macabeus não fazem parte do cânon reconhecido pela Igreja Católica Romana, mas são considerados canônicos por uma ou outra das Igrejas Ortodoxas.
- A Vulgata: tradução de Jerônimo para o latim, que em 1546, por decisão do Concílio de Trento, tornou-se a Bíblia oficial da Igreja Católica Romana. A Vulgata oficializada pelo Concílio apresentava um Antigo Testamento com 46 livros: 39 do primeiro cânon (ou protocânon) e 7 do assim chamado segundo cânon (ou deuterocânon).

5.2. Novo Testamento

No Novo Testamento, as divergências são menores, ou praticamente inexistentes.

5.3. Bíblias em português

No contexto brasileiro, há predominância de 2 tradições canônicas, a católica romana e a protestante ou evangélica.

Quanto ao número e ordem dos livros, as Bíblias católicas romanas seguem a tradição da Vulgata, em sua revisão Sixto-Clementina, de 1592, apresentando 73 livros (46 livros no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento). Ao seguirem a ordem estabelecida na Vulgata para os livros do Antigo Testamento, as Bíblias católicas procuram apresentar o conteúdo em progressão histórica dos fatos, começando por Gênesis (o "Livro dos Começos") e terminando em Malaquias (o profeta mais próximo dos acontecimentos do Novo Testamento).

Já as Bíblias protestantes ou evangélicas seguem a Bíblia Hebraica quanto ao número de livros do Antigo Testamento, ou seja, 39. Quanto à ordem, porém, seguem a Vulgata, obedecendo à sugestão daquela tradução para a progressão histórica da revelação profética.

No Novo Testamento, tanto católicos como protestantes convergem para um mesmo número de livros e, estes, numa mesma ordem, começando pelos Evangelhos e Atos, vindo, então, as epístolas paulinas (da mais extensa à mais breve, iniciando pelas destinadas a igrejas, continuando com as epístolas destinadas a cristãos individuais), e assim por diante, até o Apocalipse.

Conclusão

Se olharmos as centenas de traduções completas da Bíblia no mundo, veremos que há uma boa diversidade tanto no número de livros como na ordem desses livros na Bíblia. No entanto, não podemos perder de vista que essa diversidade, que atinge um certo número de livros marginais, não abala a convicção de que:

- Deus, de fato, inspirou um conjunto de livros.
- Deus preservou esses livros no decorrer da história.
- Deus, por meio desses livros, cria, edifica e preserva a sua Igreja espalhada pela terra.
- Deus, por meio desses livros, no poder do Espírito Santo, leva as pessoas a terem um encontro com Jesus Cristo, o Filho de Deus, a Palavra encarnada.

Milênios de história não esgotaram a curiosidade e as discussões em torno da questão canônica. E parece que isso tende a continuar assim até a volta de Cristo.

Que cada cristão faça uso condigno e assíduo das Escrituras conforme a tradição canônica adotada por sua Igreja Cristã, fazendo da Palavra Sagrada a regra de fé e vida para todos os seus dias, até que Cristo venha.

Vem, Senhor Jesus! Amém.

Para aprofundar-se no tema:

ALEXANDER, David & Pat. *Manual Bíblico SBB.* Barueri: SBB, 2008.

BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento — cânon, língua e texto.* Rio de Janeiro/São Paulo: JUERP/ASTE, 1984.

BRUCE, F. F. *The canon of Scripture.* Downers Grove: InterVarsity Press, 1988.

COMFORT, Philip Wesley. *The complete guide to Bible versions.* Chicago: Tyndale Publishing House, 1996.

KEENE, Michael. *The Bible.* Oxford: Lion, 2002.

METZGER, Bruce Manning. *The text of the New Testament— its transmission, corruption, and restoration.* New York: Oxford University, 1968.

_____. *Comentario textual ao Nuevo Testamento Griego.* Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

MILLER, Stephen M. & HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história — o surgimento e o impacto da Bíblia.* Barueri: SBB, 2006.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.

A transmissão do texto bíblico

Vilson Scholz

"A palavra do nosso Deus dura para sempre". Esta é a confissão de Isaías (40.8), e nossa também. Jesus garante que as palavras dele não passarão (Mt 24.35). De que palavra se está falando? Da palavra de Deus, é claro. Que palavra é essa? Normalmente pensamos na palavra *escrita* e aplicamos isso à Bíblia. Fazemos bem. Todavia, Deus diz também: A palavra que *sair da minha boca* "não voltará para mim vazia" (Is 55.11). Esta é primordialmente uma palavra falada.

Palavra oral

Neste contexto, alguém poderia lembrar que a palavra de Deus é, antes de tudo, uma palavra oral. Muitas vezes se enfatiza que no mundo bíblico e, de modo geral, no mundo antigo imperava a oralidade. Escrever era a exceção, não a regra. De imediato alguém poderia perguntar: E hoje em dia é muito diferente? Parece que não. Fala-se até sobre uma "segunda oralidade", típica destes dias de mídia eletrônica, que pressupõe a escrita, mas que, nem por isso, é menos oral. Não há dúvida de que a palavra de Deus foi preservada de forma oral. Ela foi passada de uma geração a outra, com os pais ensinando-a aos seus filhos (Dt 6.7). Até se poderia dizer que a palavra de Deus foi preservada no coração do seu povo (assim como a mãe de Jesus fazia, conforme Lc 2.51). No entanto, será que ela nos teria sido preservada tão bem, caso não tivesse sido gravada em tábuas de pedra e em rolos de papiro e pergaminho? É bem provável que não. E se ela nos foi preservada com uma certeza e pureza sem igual, em especial na comparação com outros textos escritos no mundo antigo, certamente isto se deve à providência divina e ao fato de essa palavra ter sido posta por escrito. E é esta transmissão escrita que vai nos ocupar neste estudo e nesta palestra.

"Escrever", na Bíblia

Há, na Bíblia, muitos imperativos ligados à oralidade: "dize" (Is 40.9), "proclama" (Jr 7.2), "anuncia" (Ez 40.4), "prega" (2Tm 4.2), "fala" (Tt 2.1). Fica a impressão de que muito se fala sobre a

palavra oral, e pouco ou quase nada sobre a palavra escrita. No entanto, o imperativo "escreve" ocorre 25 vezes na Bíblia de ARA. E o verbo escrever aparece 453 vezes na Bíblia (242 vezes no Antigo Testamento; 193 vezes no Novo Testamento)!

Os primórdios da escrita

Até recentemente se afirmava que os hebreus só passaram a escrever ao tempo de Davi e Salomão. Hoje, graças à arqueologia, sabe-se que já havia uma extensa literatura ao tempo de Abraão, dois mil anos antes de Cristo. Aliás, a escrita começou entre os sumérios uns mil anos antes da época de Abraão, ou seja, por volta de 3.000 a.C. É possível que Moisés fosse versado em várias línguas: egípcio, acadiano, hebraico, entre outras. Portanto, a noção de que a escrita, no período bíblico, só teve início depois de um longo período de transmissão oral precisa ser revista, se é que já não o foi. Ao mesmo tempo, outras formas de escrita se desenvolveram em outras partes do mundo, particularmente na China e na América Central, mas estas não têm nenhuma importância para o mundo da Bíblia. E entre os mais antigos documentos escritos estão rótulos de alimentos e listas de reis.

O alfabeto

Essas formas de escrita antigas eram extremamente complexas, pois exigiam o domínio de centenas de sinais e símbolos. Apenas pessoas que se dedicavam a isso como que em regime de tempo integral — sacerdotes, por exemplo — eram letrados, ou seja, sabiam ler e escrever. A invenção do alfabeto por parte dos fenícios representou uma verdadeira revolução e trouxe, por assim dizer, uma democratização na área do letramento. A partir daquele momento, com um número bem limitado de símbolos, era possível que pessoas simples também aprendessem a ler e escrever. A invenção do alfabeto se deu por volta do ano 1500 a.C. Os gregos, por sua vez, "copiaram" o alfabeto dos povos semitas. Coube a eles a invenção das vogais, por volta do século 10 a.C. Como a primeira letra do alfabeto hebraico (o alef) é uma consoante que não tem correspondente em grego, os gregos se valerem desse sinal para registrar uma vogal, a saber, o alfa. A segunda letra do alfabeto grego é beta. Da sequência "alfa" e "beta" nos vem a palavra

"alfabeto". O alfabeto hebraico contém 22 letras, todas elas consoantes. Assim se explica, por exemplo, o número de versículos do Sl 119: o salmista compôs conjuntos de oito linhas para cada letra do alfabeto (8 x 22 = 176). O alfabeto grego, por sua vez, consiste em 24 letras.

Material de escrita

Outro dado que interessa a quem investiga a história da transmissão do texto bíblico é o material de escrita usado naquele tempo. Tudo indica que pedras ou rochas foram os primeiros materiais de escrita usados pelos seres humanos. Depois, passaram a usar tábuas de pedra (Hc 2.2) e tijolos feitos de argila (Ez 4.1). O papel que hoje usamos só chegou ao Ocidente no oitavo século d.C., embora na China já fosse conhecido pelo menos uns mil anos antes disso. O mais antigo manuscrito do Novo Testamento Grego escrito em papel data do século 9. Mas no mundo bíblico conhecia-se outro tipo de papel, também feito de matéria vegetal. Trata-se do papiro, feito da planta do mesmo nome, abundante nas margens do rio Nilo, no Egito. O papiro foi usado desde aproximadamente 1400 a.C. até 600 d.C. Feito com tiras de papiro sobrepostas, umas no sentido vertical, outras no sentido horizontal, uma folha de papiro era um material até resistente. Tanto assim que em áreas secas do Alto Egito foram descobertos papiros escritos dois mil anos atrás!

O pergaminho

Outro material de escrita relevante para o mundo bíblico é o pergaminho (2Tm 4.13). Um pergaminho é, a rigor, a pele ou o couro de um animal (cabra, gazela, etc.) raspado, curtido e amaciado para ser usado como material de escrita. O nome vem da cidade de Pérgamo, um grande centro produtor de pergaminhos no mundo antigo.

A forma dos livros

Quanto à forma, os livros eram, inicialmente, rolos. Pelo menos todos os livros ou livrinhos mencionados na Bíblia (por exemplo, Zc 5.1, Lc 4.17, Ap 5.1) são rolos. As folhas de papiro ou de pergaminho eram coladas ou costuradas umas nas outras, formando uma longa tira que era presa a dois cilindros ou carretéis. A escrita era feita por colunas (veja Jr 36.22 na NTLH) e um rolo

tinha, em média, dez metros de comprimento. Segundo Calímaco, chefe da Biblioteca de Alexandria, "um rolo grande era um grande rolo" (em grego, "*bíblion méga, méga kakón*")! A escrita em colunas tem sua explicação: ninguém quereria escrever, ou ler, uma linha de dez metros de comprimento!

O códice

A partir de certo momento, isto é, por volta do ano 200 d.C., o livro deixa de ser um rolo e passa ter a forma de caderno que tem ainda hoje. Esta forma do livro ficou conhecida como "códice", ou, no latim, *codex*. Sabe-se com certeza que este novo formato do livro foi adotado e difundido pelos cristãos. Não se sabe ao certo por que o fizeram. Talvez fosse porque o códice permitia reunir os quatro Evangelhos num mesmo livro. Também permitia a consulta a várias passagens paralelas (nos Evangelhos, por exemplo) num mesmo volume. Além disso, um códice era mais fácil de manter aberto do que um rolo. Em todo o caso, a passagem do rolo para o livro representou a quebra de um paradigma, pois a tradição até aquele momento era que um livro sagrado tinha de estar na forma de rolo.

Manuscritos

Quanto ao processo de produção de livros, até por volta do ano 1400 d.C. a única possibilidade era a cópia manuscrita. Tratava-se de uma produção lenta e custosa, para não dizer que cada cópia individual era uma nova edição (mesmo no caso de vários copistas produzirem cópias simultâneas a partir de um "original" que era lido em voz alta por um dos copistas). No início do século 16, uma Bíblia podia custar o equivalente a dois anos de salário de um professor de universidade!

As línguas bíblicas

A Bíblia foi escrita em três línguas: o hebraico e o aramaico, para o Antigo Testamento; e o grego para o Novo Testamento. O fato de apenas alguns pequenos trechos do Antigo Testamento estarem em aramaico, especialmente em Ester e em Daniel, pode dar a impressão de que o hebraico era mais difundido do que o aramaico, mas este não é o caso. Também não é verdade que o aramaico é um dialeto do hebraico, embora ambas sejam línguas semíticas, e línguas bastante parecidas. O aramaico era, à época da volta do exílio da

Babilônia, a língua de contato internacional no Antigo Oriente Próximo. O Novo Testamento, por sua vez, foi escrito todo ele em grego. Trata-se do grego helenístico ou grego coiné, o grego de uso comum naquele tempo. É um grego mais simplificado em relação ao grego clássico de 400 anos antes, mas que, além de textos simples, permitia a escrita de textos bem elaborados, como é o caso, por exemplo, de 1Pedro, Hebreus e Tiago. Em nossos dias, a arqueologia mostrou que palavras tidas, em outras épocas, como "vocabulário bíblico", visto que não apareciam em textos de escritores gregos mais antigos, eram, na verdade, palavras gregas de uso comum naquele tempo, naquela parte do mundo.

Os autógrafos

Autógrafo é, neste caso, um termo técnico para o documento original, ou seja, no caso do Novo Testamento, aquele documento que foi escrito por Tércio (Rm 16.22), ou aquela folha de papiro ou pergaminho sobre a qual Paulo escreveu com letras grandes (Gl 6.11). Esses autógrafos se perderam, e não existe nenhuma expectativa de que um dia esses artefatos possam ser recuperados. O que temos são cópias de cópias de cópias, feitas à mão, isto é, manuscritas. E as edições impressas são feitas a partir do estudo das cópias disponíveis. É claro que, no caso do Novo Testamento, onde temos milhares de documentos, não será possível trabalhar com todos esses documentos ao mesmo tempo. Por isso, os críticos de texto trabalham, desde o século 18, com a noção de tipos de texto. O Instituto de Pesquisa Textual do Novo Testamento, de Münster, Alemanha, responsável pelas edições do texto grego de hoje, trabalha com cinco tipos ou categorias de texto. Isto significa que, na prática, todos os documentos são "colocados" em cinco pilhas ou conjuntos de manuscritos. E, quando se descobre um novo manuscrito, ele é classificado a partir do exame de semelhanças e diferenças em relação aos manuscritos já conhecidos.

A produção de uma Bíblia Hebraica (Antigo Testamento em hebraico)

Para a produção de uma Bíblia Hebraica, trabalha-se com poucas cópias. A rigor, a Bíblia Hebraica é uma reprodução mais ou menos diplomática (sem alterações) de um único manuscrito, o

Códice de Leningrado (L), que foi copiado em 1008 d.C. Esta é a cópia mais antiga que traz todo o texto hebraico do Antigo Testamento. Existem cópias mais antigas, mas não são completas. O Códice de Alepo, por exemplo, é mais antigo, mas é fragmentário, pois foi parcialmente destruído num incêndio. Até 1947, a cópia mais antiga era um papiro, escrito por volta de 100 d.C. e descoberto no Egito em 1902. Nele aparece o texto de Êx 20.2-7 e Dt 15.6-21. Outros manuscritos, descobertos a partir de 1800 d.C., foram copiados entre 500 e 1000 d.C. Esse fenômeno da existência de poucas cópias do texto hebraico requer explicação. De tempos em tempos, como seria de se esperar, as comunidades judaicas necessitavam "renovar" a sua Bíblia, isto é, passar o texto para um pergaminho mais novo, pois o que estava em uso se havia gasto ou estava se tornando ilegível. Nesses casos, uma nova cópia era produzida com todo o cuidado e, depois de feita a contagem de palavras e letras, diante da certeza de que a cópia era idêntica ao "original", este era colocado numa caixa ou num cesto (a Genizah) para ser, oportunamente, queimado numa cerimônia ritual. O trabalho cuidadoso dos copistas e o rigoroso "controle de qualidade" garantiu a transmissão do texto hebraico com poucas variantes ou variações. A descoberta dos Pergaminhos de Qumran confirmou isto.

Os rolos do mar Morto ou Pergaminhos de Qumran

Um novo capítulo na história do texto hebraico teve início no ano de 1947, quando foi feita a primeira descoberta dos Rolos do Mar Morto ou Pergaminhos de Qumran. Essas descobertas se deram ao longo de quase uma década (de 1947 a 1956). Com elas, os eruditos tiveram acesso a textos da Bíblia Hebraica que eram mil anos mais antigos do que o texto do Códice de Leningrado. Afinal, esses documentos foram depositados naquelas grutas, ao que tudo indica, no contexto da invasão romana antes de 70 d.C. Para muitos livros do Antigo Testamento, foram encontrados apenas fragmentos de manuscritos. A rigor, foram encontradas cópias ou fragmentos de todos os livros do Antigo Testamento, menos do livro de Ester. Também é verdade que foram encontrados muitos livros não-canônicos. Na caverna quatro, por exemplo, foram encontrados quinze mil fragmentos de uns 500 livros diferentes. Não obstante a

controvérsia em torno de 7Q5, que seria um suposto fragmento do Evangelho de Marcos encontrado em Qumran, nada do Novo Testamento foi encontrado naquelas cavernas. É claro, os documentos de Qumran ajudam, e muito, a entender o contexto cultural da época do Novo Testamento. Mostrou igualmente que o texto hebraico foi muito bem preservado através dos séculos. A Bíblia Hebraica atualmente em uso já registra, no aparato crítico ao pé da página, parte do material derivado de Qumran. A nova edição da Bíblia Hebraica, a *Biblia Quinta*, vai levar em consideração (para fins de comparação) todo o material de Qumran referente ao texto da Bíblia, pois tudo que lá foi encontrado já foi disponibilizado ao exame dos eruditos.

A Bíblia Hebraica que hoje usamos

A Bíblia Hebraica que hoje se usa é a *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, editada, em fascículos, entre 1967 e 1977, na cidade alemã de Stuttgart. Ela reproduz o Códice de Leningrado, copiado em 1008 d.C., numa edição chamada de diplomática. O material descoberto em Qumran já aparece em notas do aparato crítico. A *Stuttgartensia*, como é chamada, foi a quarta edição da Bíblia Hebraica no século 20.

Biblia Hebraica Quinta

Esta nova edição da Bíblia Hebraica está sendo lançada em fascículos desde 2004. Também esta edição faz uma apresentação diplomática do Códice de Leningrado, sendo que, para cada livro, o texto é comparado com mais dois manuscritos hebraicos, além, é claro, das versões antigas. O aparato crítico é mais extenso e mais compreensível do que o aparato da *Stuttgartensia*, em parte porque se adotou a língua inglesa como base para as abreviaturas, e não mais o latim. Além disso, a edição vem acompanhada de um comentário, em inglês, que explica problemas de natureza textual.

A edição de um Novo Testamento Grego

A edição de um Novo Testamento Grego é um processo similar, mas ao mesmo tempo significativamente diferente da edição de uma Bíblia Hebraica. Em especial porque, aqui, existe muito mais material disponível. Temos hoje em torno de 5.400 manuscritos e/ou fragmentos gregos do texto do Novo Testamento. É claro que a

maioria destes documentos traz apenas uma seção (cartas paulinas, por exemplo) ou, em muitos casos, apenas um fragmento do texto grego do NT. Na verdade, do total de 5400 documentos, somente uns 60 manuscritos trazem o Novo Testamento na íntegra. Além das cópias gregas, são levadas em conta também cópias de traduções antigas, como, por exemplo, do latim. Aliás, os manuscritos antigos do NT em latim somam mais de dez mil. Essas traduções antigas são importantes porque foram feitas a partir de cópias gregas antigas, cópias que existiam naquele tempo e que, talvez, nem foram preservadas. E quanto mais literal a tradução, mais valiosa para fins de recuperação do texto grego que está por trás da mesma. É o caso, por exemplo, da Vulgata latina, que é uma tradução bastante literal do texto grego. E, por último, são levadas em conta também citações do texto bíblico nas obras de teólogos da Igreja Antiga, especialmente os da Igreja Grega ou oriental. Só que, neste caso, trata-se mais de um material de apoio, visto que nem sempre se pode verificar se determinado teólogo ou Pai Eclesiástico cita um texto de memória e de forma inexata, ou se reproduz exatamente o texto que constava no manuscrito em uso naquela igreja.

Os manuscritos do NT em comparação com os de autores clássicos (gregos e latinos)

Há quem fique inquieto com o fato de não termos os autógrafos dos textos bíblicos, levando-nos a basear nossas edições em cópias um tanto quanto afastadas dos tempos bíblicos. Também parece preocupante o fato de não se ter um número expressivo de cópias. Tudo isso se torna menos importante, caso compararmos a situação do NT à de outros escritos daquele tempo, em especial obras do período greco-romano. Para algumas destas obras, dispomos de poucas cópias manuscritas, bastante afastadas do período o autor. Para a Ilíada de Homero, por exemplo, dispomos de cerca de 500 cópias. No caso de Aristóteles, que viveu por volta de 450 a.C., as cópias mais antigas de suas obras datam de 1100 d.C., formando um intervalo de 1500 anos entre a época do filósofo e a cópia mais antiga de suas obras. Para o NT, o fragmento mais antigo é o papiro 52, descoberto em 1930, e que data de 130 d.C.! Este fragmento traz um pequeno trecho do Evangelho de João. Se João

foi escrito ao final do primeiro século d.C., o intervalo entre a época em que ele foi escrito e a mais antiga "cópia" é de 40 anos! Na verdade, nenhum outro livro daquele tempo foi transmitido com tanta clareza e certeza quanto a Bíblia.

Um manuscrito famoso: o Códice Sinaítico

Uma das cópias completas mais antigas da Bíblia grega, em particular do NT, é este manuscrito em pergaminho, copiado, segundo se calcula, por volta de 350 d.C. Foi descoberto, numa história bem emocionante, em 1859, pelo professor e pesquisador alemão Constantin von Tischendorf. Como o manuscrito foi descoberto no mosteiro de Santa Catarina, que fica ao sopé do monte Sinai, recebeu o nome de Códice Sanaítico, e é identificado pela letra hebraica alef. O NT está escrito em 148 folhas, com quatro colunas de texto por folha. As letras gregas são todas maiúsculas e não existe divisão entre as palavras. Tampouco se faz uso de acentos e vírgulas. A maior parte deste códice se encontra, hoje, no Museu Britânico, em Londres. Algumas páginas podem ser lidas online, no sítio www.codex-sinaiticus.net.

Outro manuscrito importante: o Códice Efraimita Rescrito

Trata-se de um palimpsesto, isto é, um pergaminho que foi "raspado de novo". O texto do NT foi copiado por volta do ano 400 d.C, mas no início do século 12 o pergaminho foi rescrito com textos do teólogo sírio Efraim. Isto significa que o texto grego, bastante apagado, se encontra por baixo do texto em siríaco. O texto grego do NT aparece em uma coluna; o texto em siríaco aparece em duas colunas. Esta cópia do Novo Testamento não traz os livros de 2Tessalonicenses e 2João. O manuscrito, identificado pela letra C, encontra-se, hoje, na Biblioteca Nacional de Paris.

O primeiro Novo Testamento Grego impresso

A primeira edição impressa do NT, já na "era Gutenberg", foi preparada por Erasmo de Roterdã e publicada em 1516. O título da obra era, significativamente, *Novum Instrumentum* ("O Novo Instrumento"). Erasmo fez essa edição a partir de seis cópias bem recentes do texto grego, feitas no século 12 d.C. Foram estas as cópias que ele conseguiu encontrar em várias bibliotecas europeias. Para o Apocalipse, um texto menos copiado na Igreja Grega (por não

ser considerado canônico naquela parte do mundo), Erasmo dispunha de um único manuscrito. Ainda assim, apresentava uma lacuna ao final, ou seja, faltavam-lhe os seis últimos versículos. Como se tratava de uma edição bilíngue (latina e grega), Erasmo traduziu esses versículos do latim ao grego. Ao fazer a sua tradução para o alemão, em 1521, Martinho Lutero valeu-se da segunda edição do Novo Testamento Grego de Erasmo, de 1519. A edição de Erasmo é importante por marcar o início do que viria a ser conhecido como o "texto recebido" (*textus receptus*). É um texto baseado em cópias mais recentes ou mais afastadas do tempo do Novo Testamento e que tende a ser mais expandido em relação ao texto das edições críticas de nossos dias (geralmente o material que aparece entre colchetes, na ARA). Foi também este o texto que estava à disposição de João Ferreira de Almeida, quando, em 1681, publicou a primeira tradução completa do Novo Testamento em português. Hoje, evidentemente, temos à disposição um texto de melhor qualidade, baseado também em manuscritos mais antigos que foram descobertos mais recentemente, a partir do início do século 19. Lutero, os tradutores da King James Version (1611), e Almeida não tiveram outra opção, e por isso traduziram o texto que conheciam, a saber, o "texto recebido".

O NT que usamos hoje

Temos, hoje, à disposição duas edições do texto grego do Novo Testamento: O Novo Testamento Grego (edição da SBB, 2008) e o *Novum Testamentum Graece* (Novo Testamento Grego), edição Nestle-Aland. O primeiro foi editado tendo em mente as necessidades de tradutores; já o Nestle-Aland é uma edição para teólogos ou especialistas, apresentando um número bem mais expressivo de variantes textuais e mais recursos de ordem exegética (como, por exemplo, referências cruzadas). O texto grego destas duas edições é essencialmente o mesmo, ficando as diferenças por conta de algum detalhe de pontuação, aqui e ali. Essas edições levam em conta todo o material disponível, que inclui os manuscritos gregos, as traduções antigas e o testemunho dos Pais Eclesiásticos. Não reproduz um manuscrito só (nem mesmo o "texto recebido", que muitos preferem, faz isso!), mas é, por assim dizer, uma

combinação de todos eles, do que resulta o suposto original. É evidente que seria impossível trabalhar com milhares de manuscritos ao mesmo tempo. Em razão disso, como indicado anteriormente, os manuscritos são agrupados por tipos de texto, o que facilita o trabalho. Atualmente, as futuras edições do texto grego estão entregues ao Instituto de Pesquisa Textual do Novo Testamento, sediado em Münster, Alemanha, com o qual as Sociedades Bíblicas Unidas têm um vínculo de cooperação bem estreito. Os pesquisadores deste Instituto trabalham, hoje, com cinco grupos ou categorias de texto. A edição do texto que resulta desta pesquisa é chamada de "edição crítica". Tanto o Novo Testamento Grego como a edição de Nestle-Aland são conhecidas como "o texto crítico" ou "edições críticas". Este nome se deve, entre outros motivos, ao fato de trazerem um "aparato crítico", isto é, um conjunto de informações ao pé da página. Estas informações permitem ao leitor o trabalho "crítico" (racional, avaliativo) de comparar o texto preferido pelos editores com as variantes ou variações que existem, e que aparecem listadas nessas notas de rodapé.

A questão das variantes

Variantes são alterações introduzidas num texto ao longo do processo de cópia do mesmo. Um livro de nossos dias, caso tiver um erro de grafia em determinado lugar, mostrará esse erro em todas as cópias impressas. Caso se fizer uma segunda edição, será possível corrigir o erro e todas as cópias impressas apresentarão a referida correção. Com as cópias antigas da Bíblia a realidade é bem diferente. Acontece que cada cópia manuscrita era uma nova edição do texto. E como a cópia era feita à mão, por escribas ou copistas que eram seres humanos como nós (e, muitos deles, também teólogos), era inevitável que erros de cópia fossem entrando no texto durante o processo de transmissão do mesmo. Assim, no NT, existem milhares de pontos de variação, considerados todos os manuscritos. Não há dois manuscritos que sejam totalmente idênticos, salvo, talvez, os minúsculos fragmentos. No entanto, graças a Deus, a maioria dessas variações (seguramente mais de 95% dos casos) é irrelevante quanto à doutrina ou ensino do NT. Em outras palavras, são fáceis de explicar e são "corrigidos" pela ciência

da crítica textual. Apenas para dar alguns exemplos, trata-se da troca da ordem de palavras ("Cristo Jesus" ou "Jesus Cristo"), da substituição de uma palavra por um sinônimo ("louvando" em lugar de "cantando"), da confusão entre "nós" e "vós", e assim por diante. É claro que algumas dessas variações se refletem em traduções diferentes. Segundo os editores de *O Novo Testamento Grego*, 1438 variantes afetam a tradução, umas mais, outras menos. Entretanto, nenhuma doutrina cristã está em jogo ou é posta em dúvida por diferenças de texto. Qualquer que seja a linha seguida pelo intérprete, isto é, a adoção do texto crítico ou a preferência pelo "texto recebido", essa decisão por si só não resulta numa teologia diferente. Os editores do assim chamado "texto crítico" não são necessariamente antitrinitários só porque entendem, à luz de princípios de crítica textual, que 1Jo 5.7-8 não faz parte do original do NT! Além do mais, a doutrina da Trindade aparece claramente em muitas outras passagens do Novo Testamento, como, por exemplo, Mt 28.19.

Acréscimos que são tirados do texto

No texto da ARA aparecem, em vários lugares do NT (a começar por Mt 5.22, e incluindo Mt 6.13, At 8.37; Rm 3.22; 2Pe 1.21; 1Jo 5.7-8) palavras, versículos ou até mesmo trechos inteiros (veja Jo 7.53—8.11) entre colchetes. Aqueles colchetes indicam que hoje se entende que o texto ali inserido não fazia parte do original. Essa conclusão se baseia na constatação de que os manuscritos mais antigos trazem, nesses lugares, um texto mais breve, ao passo que os manuscritos copiados em data mais recente apresentam um texto expandido. Um estudo dos manuscritos revela que a tendência dos copistas bíblicos era inserir texto, ao invés de omitir algo. Essas inserções podiam ser, por exemplo, anotações que um copista anterior havia inserido na margem do manuscrito. Isso é até compreensível: os copistas não teriam jamais a intenção de omitir um texto de propósito; ao contrário, tinham medo de omitir algo da palavra de Deus e, assim, na dúvida, copiavam tudo que viam no manuscrito que tinham à sua frente. Em função disso, com o passar o tempo, o texto do NT passou a ser "mais longo" do que era originalmente (podendo-se, assim, dizer que temos, hoje, 103 ou

105% do texto do NT!). E se alguém, num uso talvez indevido do texto de Ap 22.19, quisesse ameaçar com juízo de Deus aqueles que supostamente tiraram alguma coisa da Bíblia, caberia lembrar que, no versículo imediatamente anterior (Ap 22.18), há ameaça semelhante contra aqueles que fazem qualquer acréscimo! E, no caso do NT, há como mostrar que, de modo geral, o texto mais breve, e não o mais longo, tem maiores chances de ser original. Esta não é uma conclusão arbitrária ou superficial, mas algo baseado nos manuscritos mais antigos e, portanto, mais próximos dos autógrafos.

Variantes involuntárias

Muitas variantes textuais que aparecem nos manuscritos gregos do NT se originaram de forma involuntária ou acidental. Assim como um leitor por vezes se confunde com a presença de palavras semelhantes ou palavras com início ou final idêntico num mesmo parágrafo, também os copistas facilmente faziam confusão numa situação dessas. Era comum saltar linhas ou versículos que tivessem um final (ou começo) idêntico. Um exemplo disso ocorreu com o copista original do Códice Sinaítico. Uma vez que, em Lc 10, na história do bom samaritano, os versículos 31 e 32 terminam de forma idêntica, com "passou de largo", o copista, sem se dar conta, passou de largo um versículo, ou seja, passou do final do v. 31 ao início do v. 33, omitindo, assim, o v. 32. Houve momentos em que palavras com pronúncia semelhante confundiam os copistas. Um exemplo disto é a confusão entre "nós" e "vós" ou "nos" e "vos" que, no grego, são tão ou mais semelhantes entre si do que no português. Um caso clássico e de difícil solução é 1Ts 2.7, onde tanto pode ter havido a duplicação de uma letra (o "ni" grego, que corresponde ao nosso "n"), ou o corte de um deles (supondo que, originalmente, havia dois "nis"). Dependendo da presença de um ou dois "nis" (a sequência grega é EGENETHEMEN[N]EPIOI), o texto dirá "brandos" (EPIOI) ou "crianças" (NEPIOI). ARA optou pela leitura EPIOI ("nos tornamos carinhosos"), e a NTLH traduz a leitura NEPIOI ("fomos como crianças"). Felizmente, neste caso, a diferença de significado é mínima, pois, em geral, as crianças são (ou eram) brandas ou carinhosas.

Variantes intencionais

Há também variantes ou variações que foram criadas deliberadamente pelos copistas. Muitas delas, por excesso de piedade. Um exemplo é o "amém" que aparece ao final de Mateus (Mt 28.20) e também no final de muitas das cartas do NT (2Coríntios, por exemplo). Nesse grupo de variantes entra também, ao que tudo indica, aquela de Jo 7.8. Ali, há duas possibilidades de texto, conforme os manuscritos gregos: "não" (em grego, OUK; pronunciado "uk") e "ainda não" (em grego, OUPO; pronunciado "upo"). A questão é a seguinte: Jesus disse que "não" subiria àquela festa, mas acabou mudando de ideia, conforme registra o v. 10, ou ele disse logo de saída que "ainda não" subiria, dando a entender que mais tarde subiria? É um caso de difícil solução. A leitura hoje aceita como original é a que traz "não". Neste caso, a criação da variante se deu pelo simples acréscimo de uma letra (de OUK para OUPO). Roger L. Omanson, em seu Guia Textual do Novo Testamento Grego, oferece a seguinte explicação: "A leitura OUPO (ainda não) foi introduzida em data bem antiga para eliminar a inconsistência entre o v. 8, em que Jesus diz que não vai à festa na Judeia, e o v. 10, onde se diz que ele acabou indo à festa. A NVI (bem como a versão francesa de Louis Segond) adota a variante e traduz por 'eu ainda não subirei a esta festa'."

Mt 6.13 como variante intencional

A segunda metade de Mt 6.13 aparece entre colchetes, na ARA. Isto traz consigo a clássica discussão: Como termina o Pai-Nosso? Seria com "mas livra-nos do mal", ou com "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém"? Tudo indica que seja com "mas livra-nos do mal". Isto porque a segunda metade do v. 13, conhecida como a "doxologia", não aparece em nenhum dos grandes manuscritos gregos antigos. Também não aparece na Vulgata Latina (e, por conseguinte, não consta das traduções católicas). Isto indica que não fazia parte do texto grego usado nos primeiros séculos. Hoje, não é considerada parte do texto original, o que explica os colchetes na ARA. Tudo indica que esse texto, que parece derivado de 1Cr 29.11-13, foi introduzido no texto bíblico por influência do culto da Igreja. Entrou no "texto recebido", foi traduzido por Lutero (embora ele não explique esse texto em seus escritos sobre o Pai-

Nosso!), e está na King James Version e nos textos mais antigos de Almeida. Convém ressaltar que não há doxologia semelhante na versão do Pai-Nosso em Lc 11, ou seja, ali nenhum manuscrito apresenta variante ou o acréscimo de uma conclusão ao Pai-Nosso.

O que muda ou está em jogo

Conforme indicado acima, a maioria das variantes é mais interessante do que importante. A tradução muda um pouco aqui e ali, dependendo do texto que se adota como original. Mas a mensagem permanece essencialmente a mesma. Pode-se ilustrar este ponto, comparando as diferentes traduções de dois textos bíblicos: Rm 8.2 e 1Co 10.9. Em Rm 8.2, ARA e NTLH seguem o texto dito "crítico" e trazem "a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte", ao passo que ARC traz o "texto recebido": "… me livrou". A noção de "livrar", que é o mais importante neste texto, não está em discussão. Tudo indica que um copista trocou o "te" pelo "me" (e, também no grego, essa mudança envolve unicamente a troca de uma letra!), por entender que, em Rm 8, Paulo continuaria a falar na primeira pessoa ("me livrou"), a exemplo do que vinha fazendo em Rm 7. Já no caso de 1Co 10.9, ARA e Nova Versão Internacional trazem aquele que é, hoje em dia, considerado o texto secundário ou retocado: "Não ponhamos o **Senhor** à prova, como alguns deles já fizeram e pereceram pelas mordeduras das serpentes". A NTLH, por sua vez, traduz o texto "Não ponhamos o **Cristo** à prova", que é, hoje em dia, aceito como original. Interessante é que, neste caso, o "texto crítico" é idêntico ao "texto recebido", como mostra a concordância entre a NTLH e ARC! Neste caso, prefere-se a leitura "Cristo" por ser o texto que aparece numa das mais antigas cópias das cartas de Paulo (o papiro 46) e, também, por ser o texto mais difícil do ponto de vista dos copistas. Em outras palavras, ao encontrar o termo "Cristo" num texto que fala da experiência do povo de Israel no deserto, muito tempo antes do nascimento de Jesus, um copista deve ter concluído que se tratava de um erro e alterou o texto para "Senhor".

A crítica textual

O processo de escolher o texto entre as diferentes variantes e justificar a escolha se chama de "crítica textual". Trata-se de uma

ciência bíblica. Pertence àquilo que alguns autores chamam de "baixa crítica". Este tipo de crítica foi praticado e até iniciado, em parte ao menos, por estudiosos que tinham a palavra de Deus em alta conta (os pietistas, por exemplo). A rigor, fazer esse estudo interessa a todos, e de modo todo especial àqueles que levam a Palavra de Deus a sério. Faz-se tal estudo não para, de forma arbitrária, tirar algo da Bíblia (como alguns chegam a afirmar), mas para que na Bíblia *permaneça* tudo que é parte dela, e para que a Bíblia *não contenha* nenhuma palavra, expressão ou trecho que os copistas, por conta própria, acrescentaram.

Uma palavra de conclusão

Em conclusão, cabe refletir sobre a afirmação de um renomado crítico textual de outra época, chamado Frederic Kenyon: "Tem gente que talvez fique chocada ao saber que a Bíblia não foi transmitida sem alterações ou variações de texto …; no entanto, mais louvável do que ignorar isso é enfrentar a realidade e fazer o melhor uso possível dos recursos que Deus nos deu para solucionarmos os problemas que os manuscritos nos apresentam. E é confortador saber que o resultado geral de todas essas descobertas e de todo esse estudo é o seguinte: Temos maiores provas da autenticidade das Escrituras e somos reafirmados em nossa convicção de que temos em mãos — de forma substancialmente íntegra — a verdadeira palavra de Deus" (**The Story of the Bible**, 113).

Para aprofundar-se no tema:

ALAND, Kurt e ALAND, Barbara. *The Text of the New Testament.* Trad. Erroll F. Rhodes. Grand Rapids: Eerdmans, 1989.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica.* 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2005.

KENYON, Frederic. *The Story of the Bible.* Grand Rapids: Eerdmans, 1967.

MILLER, Stephen M. & HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história - o surgimento e o impacto da Bíblia.* Barueri: SBB, 2006.

O NOVO TESTAMENTO GREGO. Barueri: SBB, 2008.

GRAVES, Sue. *O que é a Bíblia.* Barueri: SBB, 2005.

PAROSCHI, Wilson. ***Crítica textual do Novo Testamento.*** **São Paulo: Vida Nova, 1999.**

Traduções da Bíblia: história, princípios e influência

Paulo Teixeira — Rudi Zimmer

Introdução

Nenhuma outra religião é tão orientada pela palavra do que a religião cristã.

É claro que palavras também são importantes em outras religiões, seja em suas fórmulas sagradas (como os "mantras" do Hinduísmo e do Budismo), seja nos ritos de mistério (como nas cerimônias de iniciação ou de passagem das religiões africanas).

Mas só na fé cristã há uma dependência tão forte da palavra, o que fica evidente pelo uso abundante da expressão "Assim diz o SENHOR", na Bíblia. Enquanto os gregos afirmavam receber mistérios de suas divindades, os profetas e apóstolos bíblicos ouviam a voz, a palavra do Senhor.

Essa dependência da fé cristã em relação à palavra culmina no fato de o próprio Filho de Deus, Jesus Cristo, ser chamado de "A Palavra" ou "O Verbo", em Jo 1.

O Deus que se revelou nas Escrituras Sagradas é um Deus que entrou na história. Todavia, diferente dos deuses dos aborígenes da Austrália, os quais, segundo aquele povo acredita, deixaram traços de sua aparição em tocos sagrados, riachos e montanhas, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó é lembrado por meio de palavras escritas, que não só descrevem o que ele fez, mas interpretam os seus feitos e as suas ações a partir do ponto de vista divino.

Isso explica o motivo de nós, cristãos, estarmos tão apegados à palavra de Deus, seja em sua forma escrita, seja nos versos que dela guardamos em nossa mente e em nosso coração. Isso explica, também, por que as traduções da Bíblia estão tão intimamente ligadas à obra da evangelização. Evangelizar, no sentido bíblico, não pode ser feito à parte ou separado da Bíblia. Finalmente, isso nos faz entender os feitos heroicos de pessoas como as seguintes:

- John Kelly (1750-1809) participou da primeira tradução de parte do Antigo Testamento para a língua manx, dialeto celta falado na Ilha de Man, no centro geográfico das ilhas que formam a Grã-Bretanha. Após árduos anos de trabalho, quando a tradução era levada para ser impressa, o navio que a transportava naufragou, mas a tradução foi salva por John Kelly, que segurou o manuscrito fora da água por cinco horas antes que pudesse ser resgatado das águas.

• Outro tributo à perseverança cristã foi o trabalho de William Carey (1761-1834), um sapateiro que se tornou tradutor da Bíblia na Índia. Sozinho ou com a colaboração de outros, Carey traduziu a Bíblia, no todo ou em parte, para 26 línguas da Índia.

• De modo semelhante, Samuel I. J. Schereschewsky (1831-1906), um brilhante judeu lituano, tendo se tornado cristão, decidiu ir como missionário para a China. Apesar de ficar paralítico, o que o prendeu a uma cadeira de rodas por 21 anos (período ao longo do qual o missionário só podia mover os músculos de uma das mãos e o braço), Schereschewsky traduziu a Bíblia toda para a língua chinesa *wenli fácil*, uma forma simplificada de mandarim que foi muito falado em Xangai até a primeira metade do século 20. A tradução de Schereschewsky ficou conhecida como "A Bíblia de Um Dedo", porque o tradutor a datilografou com um dedo apenas.

John Kelly, William Carey e Samuel Schereschewsky deixaram sua marca na história da expansão do Reino de Deus através de seu testemunho cristão como missionários e tradutores bíblicos. Além desses três, centenas de outros nomes mereceriam ser lembrados, personagens cujo fervor missionário continua motivando mais e mais pessoas a cooperar com a Causa da Bíblia no Brasil e no mundo, quer como testemunhas da fé cristã, quer como intercessores ou doadores da obra bíblica, quer como missionários e tradutores.

1. Panorama histórico das traduções da Bíblia

A primeira tradução da Bíblia, chamada Septuaginta, surgiu antes mesmo da era cristã. Desde lá, na medida em que a mensagem do Evangelho ganhou terreno no mundo, alcançando novos povos e gerações para Jesus Cristo, a obra da tradução das Escrituras tem se ampliado mais e mais. Na presente seção, somos convidados a viajar pela história das traduções bíblicas.

1.1. Antes de Cristo

1.1.1. Septuaginta (a partir de 280 a.C.)

Nos séculos 4 e 3 a.C., os judeus, especialmente os que viviam fora da Palestina, perderam a fluência na língua hebraica. Para que pudessem continuar a se alimentar da palavra de Deus, foi necessário que a Bíblia fosse traduzida.

Começando em cerca de 280 a.C., o Pentateuco foi traduzido para o grego, em Alexandria, onde havia uma grande população de fala grega, tanto de judeus como de prosélitos (gentios convertidos ao Judaísmo). Era o início da tradução conhecida como Septuaginta.

O nome Septuaginta (e LXX, a sigla pela qual essa versão ficou conhecida) vem da tradição de que ela teria sido o resultado do trabalho de setenta homens (para ser exato, 72).

Conforme a "Carta de Aristeias" (c. 100 a.C.), o rei egípcio Ptolomeu II Filadelfos (285-247 a.C.) pediu para colocar uma cópia dos rolos sagrados dos judeus na famosa Biblioteca de Alexandria, da qual Demétrio Faleros era o bibliotecário. Mesmo não concordando inteiramente com o pedido de Ptolomeu II Filadelfos, o sumo sacerdote Eleazar enviou 6 anciãos de cada tribo de Israel para Alexandria, com a missão de realizarem a tradução das Escrituras judaicas para o grego. Após serem recebidos com ricos presentes, os tradutores se isolaram na ilha de Faros, na costa de Alexandria, e completaram a tradução em exatamente 72 dias. A nova tradução foi então aprovada como correta pelos habitantes judeus no Egito. Os tradutores, por sua vez, regressaram a Israel com suntuosas recompensas.

Relatos posteriores a este registrado por Aristeias tornaram a história ainda mais fantástica. Segundo Filo de Alexandria (c. 20 a.C. a 50 d.C.), cada tradutor trabalhou separadamente, sem nenhum contato com os demais, mas mesmo assim a obra de cada um, ao final do labor, saiu exatamente igual à dos outros, o que comprovaria que a tradução seria tão inspirada quanto o texto hebraico e aramaico.

Com o tempo, relatos dessa natureza ficaram desacreditados pelos próprios judeus, que abandonaram a Septuaginta quando os cristãos a adotaram como a sua Escritura Sagrada já no século 1 d.C. (Diga-se de passagem que os escritores do Novo Testamento, ao citarem trechos do Antigo Testamento, muitas vezes o fazem da Septuaginta, e não do texto hebraico, prova de como a Septuaginta se fizera popular entre os cristãos.) Por esse tempo, no ocaso do século 1 d.C., os judeus voltaram a prestigiar o texto hebraico, mesmo que o povo simples já não dominasse essa língua. Bem ao contrário disso,

nesse tempo, o Novo Testamento já estava escrito em grego, e grego "coiné" ou comum, que era a língua franca da época. O fato de Deus ter inspirado os escritores do Novo Testamento a registrarem o seu conteúdo em grego — e grego popular — foi certamente um dos trunfos para a tremenda expansão do Evangelho nos primeiros séculos da era cristã, atingindo todas as camadas da sociedade de então pelos quatro cantos do Império Romano.

Quanto à verdade dos fatos em torno da Septuaginta, alguns estudiosos acreditam que Filadelfos e Demétrio tiveram alguma coisa a ver com a tradução, mas uma conclusão mais certa é a de que a data de meados do século 3 a.C. parece razoável apenas para a tradução da Torá (os cinco livros de Moisés). Além disso, a tradução foi feita provavelmente por judeus alexandrinos e não por judeus oriundos da Palestina.

Há uma versão rabínica da lenda, que fala de apenas 5 tradutores. Esta versão pode ser até mais correta, mas também pode ser um número simbólico.

Em todo caso, trata-se de uma tradução feita por judeus num momento em que o conhecimento do hebraico estava decaindo entre os judeus alexandrinos. Isso é confirmado pelo caráter popular, não-literário da tradução.

Depois da tradução da Torá (Lei), provavelmente, seguiu-se a tradução dos Neviim (Profetas) e, por último, dos Khetuvim (Escritos), sendo que no início da era cristã todo o Antigo Testamento (com alguns livros a mais do que aqueles que os judeus aceitaram como canônicos, por volta de 90 d.C.) já estava disponível em língua grega.

É prudente frisar que, na época em que a Septuaginta surgiu, só havia rolos. Advém disso que alguns estudiosos argumentam que não temos como saber exatamente quais livros eram considerados parte da tradução original. Além disso, o texto da Septuaginta passou por diversas revisões e compilações nos primeiros séculos, sendo famosa a revisão feita por Orígenes entre os anos de 230 e 245 d.C., quando ele cotejou várias cópias da Septuaginta disponíveis em sua época, buscando um texto grego padrão.

A edição da Septuaginta mais utilizada hoje, lançada em 1935 por Alfred Rahlfs, baseia-se em 3 manuscritos antigos (*Codex Vaticanus*, século 4 d.C., *Codex Sinaiticus*, século 4 d.C., e *Codex Alexandrinus*, século 5 d.C.), e contém 53 livros (além daqueles presentes na Bíblia Hebraica padrão, há mais 14 livros, dentre os quais Eclesiástico, Sabedoria, Judite, Tobias, Baruque, 1Esdras, 4 livros dos Macabeus, entre outros).

Na Septuaginta que chegou até nós (a referida edição de Rahlfs), a qualidade da tradução grega varia: (a) O Pentateuco em geral está bem traduzido; (b) a tradução dos livros históricos, de modo geral, também é razoável; (c) quanto aos profetas, Isaías é pobre; Jeremias foi traduzido de um texto hebraico um tanto diferente do texto que conhecemos hoje; Ezequiel e Samuel também mostram grandes divergências com o texto massorético; os Profetas Menores são, muitas vezes, incompreensíveis. Enfim, para alguns livros os tradutores seguiram um princípio extremamente literal, enquanto outros (por exemplo, Jó) foram traduzidos com grande liberdade.

A despeito de quaisquer críticas que se tenha contra ela, a Septuaginta sempre terá o mérito de ter sido a primeira tradução das Escrituras para outra língua. As Igrejas Ortodoxas devotam-lhe tal reputação ainda hoje que é a Septuaginta (e não o texto hebraico) que serve de base para a tradução do Antigo Testamento das Bíblias a serem usadas por seus fiéis no Oriente.

1.1.2. Targuns (últimos séculos a.C até o século 5 d.C.)

Nos últimos séculos a.C., muitos dos judeus que viviam na Palestina sentiam-
-se mais à vontade com o aramaico do que com o hebraico. O aramaico foi herança trazida do cativeiro babilônico. Surgiu daí a necessidade e o costume de, depois da leitura das Escrituras hebraicas, na sinagoga, um intérprete fazer uma paráfrase aramaica do texto, a fim de que o povo pudesse entender o que se tinha lido.

Estas traduções ficaram conhecidas como Targuns (forma aportuguesada de *targumim*, "interpretações"). Embora às vezes muito livres, os Targuns obtiveram uma posição de grande

autoridade e alguns deles, datados do século 5 d.C., sobreviveram em forma escrita.

Caracterizam-se pela tendência de parafrasear e eliminar as dificuldades causadas por antropomorfismos e passagens obscuras. Ocasionalmente, acrescentam comentários (em geral de natureza alegórica ou espiritual) ou até correções ao texto.

Existem Targuns para todo o AT, exceto Daniel e Esdras–Neemias, que em parte já estão em aramaico.

Há 4 Targuns importantes de ser mencionados:

- Targum Palestiniano do Pentateuco (MS. Neofiti I), descoberto em 1987;
- Targum Babilônico, composto na Palestina, mas editado na Babilônia (Parte I – o Pentateuco também é conhecido por Targum de Ónkelos; Parte II – Targum de Jonathan, que cobre os Profetas Anteriores e Posteriores);
- Targum de Jerusalém – escrito tardio e parafrástico;
- Targum Fragmentário (Jerusalém II) – traz apenas o Pentateuco.

O surgimento dos Targuns demonstra claramente a necessidade de a Bíblia ser traduzida para que sua mensagem possa ser compreendida.

1.2. Depois de Cristo

Embora Jesus e os seus apóstolos normalmente falassem aramaico, que era a língua materna dos judeus palestinianos daqueles dias, tanto os Evangelhos como os outros livros do NT foram compostos em grego, que era a língua da cultura internacional no mundo mediterrâneo naquela época.

Logo depois, porém, a mensagem do Evangelho foi levada por evangelistas e missionários para outros povos que, embora certamente conhecessem um vocabulário básico de grego, preferiam comunicar-se em sua própria língua materna. Assim, já no século 2 d.C., partes do Novo Testamento foram traduzidas para o siríaco e para o latim e, durante o século 3 d.C., para o copta (língua falada no Egito).

1.2.1. A tradução hiperliteralista de Áquila (c. 125 a 150 d.C.)

Áquila era um prosélito nascido em Ponto, na Ásia Menor, junto ao mar Negro. Após sua conversão ao Judaísmo, tornou-se discípulo do Rabino Akiba (c. 50 a 135 d.C.).

No tempo de Áquila, a Septuaginta já havia sido adotada pela Igreja Cristã, e a tradução livre de vários trechos favorecia a teologia cristã (por exemplo, em Is 7.14, a Septuaginta traduz o hebraico *almah* pelo grego *parthénos* = "virgem" e não, como seria mais apropriado, *neánis* = "jovem", o que favorece a leitura de Is 7.14 como uma profecia messiânica, à luz de Mt 1.22-23).

Querendo desprender-se da Septuaginta, Áquila determinou-se a fazer uma tradução grega absolutamente fiel ao hebraico, cujas características principais foram:

- Apenas os livros aceitos no cânon pelos judeus por volta de 90 d.C., possivelmente em Jâmnia, entraram na Bíblia. Com isso, foram omitidos todos os demais livros que compunham a Septuaginta.
- Realizou uma tradução totalmente literal-formal, que produziu um texto muito difícil de ser compreendido.
- Procurou sempre traduzir o mesmo termo hebraico pela mesma palavra grega, usando termos da mesma raiz grega para os derivados da mesma raiz hebraica, e expressando cada palavra hebraica por uma mesma palavra grega.
- Até partículas que tinham apenas função sintática (como o hebraico *eth*, que não se traduz e que existe em hebraico só para indicar que o termo que vem em seguida é o objeto direto) receberam um correspondente grego (no caso do hebraico *eth*, Áquila optou pela preposição grega *syn*, comumente traduzida em português por "com"). Assim, na versão hiperliteral de Áquila, uma parte de Gn 1.1 (hebraico: *baráh Elohim eth hashamaim v'eth ha'aretz*), possivelmente tenha ficado assim: "criou Deus com os céus e com a terra".

A despeito de praticamente não ser compreensível em muitos trechos (senão por leitores bastante bem treinados no estilo adotado por Áquila), as peculiaridades acima mencionadas fazem com que a

tradução de Áquila seja muito valiosa para reconstruir o texto hebraico disponível na época, mas infelizmente apenas alguns fragmentos de Reis, Isaías e Sl 90—103 foram encontrados até o momento.

1..2.2. A Vetus Latina ou Itala (a partir do século 2 d.C.)

Roma falava grego, e não latim. Isso explica por que as primeiras traduções da Bíblia para o latim não foram feitas na capital do Império Romano, mas provavelmente no Norte da África, onde o latim fora adotado pelos teólogos.

As primeiras tentativas ocorreram em algum momento do século 2 d.C., mas nenhum manuscrito completo do Antigo Testamento nem trechos longos do Novo Testamento chegaram até nós.

Havia um número considerável de pessoas dedicando-se a verter trechos do grego para o latim, e a qualidade da tradução variava enormemente, pois em geral não era feita por peritos, mas por "qualquer um que quisesse", como reclama Agostinho, bispo de Hipona, cidade do Norte da África, em seu escrito *De Doctrina Christiana*, II, xi, 16, escrito no final do século 4 d.C.

Estes textos latinos antigos são conhecidos por *Vetus Latina* ("velha latina") ou *Itala* (versão italiana).

1.2.3. A Peshitta (século 4 d.C.)

Uma das traduções mais antigas dos Evangelhos para o siríaco era chamada de *Diatessaron*. Era uma narrativa unificada (tecnicamente designada por "harmonia") dos quatro Evangelhos, preparada em cerca de 170 d.C. por um cristão chamado Taciano. Outras traduções livres foram feitas por volta do ano de 200 d.C. Todas estas, porém, foram substituídas pela Peshitta, no final do séc. 4.

Peshitta significa "simples" ou "pura". O Antigo Testamento provavelmente baseou-se em Targuns, tendo sido preparado por judeus ou judeus convertidos ao Cristianismo. Primeiramente, fez-se a tradução do Pentateuco, seguida pela tradução dos demais livros. O Novo Testamento (como até hoje adotado pela Igreja Ortodoxa

Siríaca) contém apenas 22 livros, omitindo 2Pedro, 2 e 3João, Judas e Apocalipse.

A Peshitta foi traduzida do hebraico, mas é evidente que houve uma revisão a partir do texto da Septuaginta. A qualidade da tradução varia muito, sendo que Crônicas é bastante parafrástico.

Revisões recentes continuam respeitando o caráter simples da linguagem da Peshitta, daí o fato de a mesma ser usada até hoje pelos cristãos sírios.

1.2.4. A tradução de Úlfilas (c. 350 d.C.) para o gótico

Era época das invasões dos "bárbaros" (povos germânicos: godos, visigodos, ostrogodos), que vinham do Norte. Constantino era o Imperador de Roma, e foi por esse tempo (entre 320 e 330 d.C.) que Úlfilas partiu para o Norte da Europa como missionário.

Aprendeu a língua gótica e desenvolveu um alfabeto para registrá-la. Em seguida, como parte essencial de sua tarefa missionária, traduziu a Bíblia para o gótico. Não querendo que a Bíblia incitasse o povo gótico a ser ainda mais beligerante, Úlfilas deixou de traduzir alguns trechos do Antigo Testamento que continham relatos de batalhas, especialmente os das guerras ordenadas por Deus, como em Josué e em Juízes, contra os povos opositores das tribos de Israel.

A tradução de Úlfilas é de grande interesse cultural, pois os poucos fragmentos que sobreviveram constituem os restos mais antigos de qualquer língua germânica ou teutônica.

1.2.5. A Vulgata de Jerônimo (c. 391-405 d.C.)

Tendo em vista que havia uma diversidade de traduções latinas e de qualidade questionável (como observou Agostinho com relação à *Vetus Latina*), Dâmaso, o bispo de Roma, pediu que Jerônimo fizesse uma versão padrão em latim para o uso das Igrejas do Ocidente.

Eusébio Sofrônio Jerônimo nasceu na Dalmácia por volta de 346 d.C. Ainda jovem, já era reconhecido como um estudioso cristão destacado. Para atender o pedido de Dâmaso, Jerônimo mudou-se para a Palestina, indo morar em Belém, onde estudou hebraico com judeus eruditos.

Jerônimo começou sua tradução a partir do texto da Septuaginta (grego), chegando a concluir a tradução dos Salmos (Saltério Romano, 383 d.C.) e uma revisão do mesmo (Saltério Galicano, 383-387 d.C.), além de Jó.

Foi por essa época que se convenceu de que obteria melhor resultado se traduzisse as Escrituras diretamente do texto hebraico disponível.

Por esse tempo também se convenceu de que o Antigo Testamento dos cristãos devia conter os mesmos livros que os judeus reconheceram como canônicos, a *veritas hebraica*. Alguns estudiosos dizem que Jerônimo seguiu o cânon dos judeus à risca, omitindo qualquer livro que não tivesse o endosso do Concílio de Jâmnia, c. 90 d.C. Outros acreditam que Jerônimo tenha traduzido alguns dos apócrifos, destacando, porém, em nota prefacial, que os mesmos não tinham o mesmo valor ou inspiração dos demais, notas essas que se perderam ou foram ignoradas pelos copistas medievais.

Seja como for, em 15 anos (391-405 d.C.), Jerônimo traduziu todo o Antigo Testamento para o latim diretamente do texto hebraico conhecido em seu tempo.

Sua tradução dos Salmos a partir do hebraico nunca suplantou a qualidade e o uso do Saltério Galicano. O restante do Antigo Testamento foi sendo aceito gradualmente, mas com revisões feitas a partir de textos latinos antigos. Quanto ao Novo Testamento, Jerônimo revisou um dos textos latinos mais usados pelas igrejas, comparando-o com manuscritos gregos existentes.

Ao concluir sua tradução, o trabalho de Jerônimo foi recebido com indiferença e até hostilidade pelas igrejas. O texto soava demasiado popular a alguns e estranhamente diferente a outros. Assim como aconteceu uma porção de vezes em épocas posteriores, congregações e pastores normalmente preferem uma versão mais conhecida a uma nova tradução, mesmo que esta seja mais precisa e fluida. Jerônimo reagiu aos seus críticos com impaciência. Uma vez chamou-os de “burros bípedes”, pois julgava que identificavam ignorância com santidade.

Durante séculos a revisão de Jerônimo competiu com várias versões latinas antigas. Teólogos como Agostinho e Pelágio reconheceram os méritos da Vulgata, mas a sua supremacia só ocorreu a partir do século 8 ou 9 d.C.

Depois, como aconteceu com outras versões antigas, o texto, por ser copiado em várias partes do mundo e por diversos copistas, foi grandemente corrompido. Por isso recebeu várias revisões. Em uma delas, no século 13 d.C., Stephen Langton, à época professor da Universidade de Paris (e futuro Bispo de Cantuária, na Inglaterra), introduziu a divisão de capítulos, a mesma que ainda hoje seguimos.

Em 1546, o Concílio de Trento declarou a tradução latina de Jerônimo como a Bíblia oficial da Igreja Católica Romana, em cujo Antigo Testamento constam 46 livros (39 do cânon judaico-cristão e outros 7, oriundos da Septuaginta, a que a Igreja Católica acolheu como deuterocânon ou "segundo cânon"). A tradução ficou conhecida pelo nome de Vulgata (do latim, "comum", "feita para o homem do povo", ou "divulgada", "popular"). Em 1592, o Papa Sixto V ordenou que se fizesse uma revisão minuciosa do texto, buscando retirar do mesmo imprecisões originadas nas cópias medievais. Essa nova revisão ficou conhecida como Vulgata Sixto-Clementina.

1.2.6. A tradução de John Wycliffe para o inglês (c. 1329-1384)

John Wycliffe era um eminente teólogo de Oxford, na Inglaterra. Junto com John Purvey, seu discípulo, foi o primeiro a traduzir toda a Bíblia para o inglês. Esse trabalho circulou apenas em cópias manuscritas. Sua impressão completa só ocorreu séculos depois, em 1850.

A tradução de Wycliffe foi feita a partir da Vulgata, pois nem ele nem Purvey conheciam o hebraico e o grego.

Wycliffe foi chamado de "a estrela d'alva da Reforma", porque corajosamente questionou a autoridade papal, criticou a venda de indulgências, negou a realidade da transubstanciação e falou contra os exageros da hierarquia eclesiástica da época.

Por tudo isso, Wycliffe fez-se desafeto do papa, que exigiu que a Universidade de Oxford o demitisse. No entanto, muitos em Oxford o apoiavam, de modo que sobreviveu às investidas de Roma.

Wycliffe acreditava que a única maneira de vencer a autoridade abusiva da Igreja era tornar a Bíblia disponível ao povo em sua própria língua. Dessa maneira, cada pessoa aprenderia por si mesma como alguém pode ter um relacionamento pessoal com Deus através de Jesus Cristo, sem precisar submeter-se a qualquer autoridade eclesiástica.

O Novo Testamento para o inglês foi completado em c. 1380 e o Antigo Testamento, em 1384. Depois de concluída a tradução, Wycliffe organizou um grupo paroquianos simples e pobres, grupo este que se tornou conhecido como Irmãos Lolardos. Estes verdadeiros evangelistas iam por toda a parte para ler as Escrituras na língua materna a todos que quisessem ouvir a Palavra de Deus.

Wycliffe era amado por muitos, mas também muito odiado por alguns. Algumas décadas depois de sua morte, Wycliffe foi condenado por heresia, seu corpo foi exumado, queimado, e as cinzas jogadas no rio Swift, no intuito de que sua memória fosse completamente apagada da história, o que, hoje se vê, não aconteceu.

1.2.7. A tradução de Martinho Lutero para o alemão (Novo Testamento – 1522; Bíblia completa – 1534)

Até os 20 anos, Martinho Lutero era praticamente analfabeto em Bíblia. Chegou a pensar que as Escrituras se resumissem apenas àqueles trechos publicados no Missal Romano. Apenas aos 20 anos, em 1503, Lutero teve o seu primeiro contato com uma Bíblia, que encontrou na biblioteca da Universidade de Erfurt, donde primeiramente leu a história de Samuel.

Foi estudando e interpretando a Bíblia que Lutero chegou à convicção de que a salvação é recebida pela fé no Salvador Jesus Cristo, e que a fé não depende de nenhuma obra, mas exclusivamente da graça de Deus.

Para levar esta mensagem ao povo alemão, Lutero se pôs a traduzir a Bíblia. Sem dúvida alguma, o escrito mais importante de Lutero é a tradução da Bíblia para a língua alemã. O próprio

Reformador reconheceu isso ao escrever: “Gostaria que todos os meus livros fossem destruídos para que somente os Escritos Sagrados na Bíblia fossem lidos com todo o zelo e cuidado.”

O Antigo Testamento, cuja tradução levou cerca de 10 anos, foi feito a partir do hebraico disponível na época. Para o Novo Testamento, Lutero utilizou o Novo Testamento Grego (*Novum Instrumentum*) compilado por Erasmo de Roterdã poucos anos antes. Embora tenha elaborado a tradução do Novo Testamento praticamente sozinho, em 11 semanas, durante o tempo em que esteve refugiado de seus perseguidores no castelo de Wartburgo, posteriormente, para o restante da tradução, Lutero contou com a ajuda de vários de seus colegas professores da Universidade de Wittenberg, como Filipe Melanchthon, que era helenista, e Matheus Aurogalo, que era hebraísta, entre outros.

Algo peculiar da tradução de Lutero está registrado em sua “Carta aberta sobre tradução” (*Ein Sendbrief vom Dolmetschen)*, de 1530, em que Lutero afirma que “o tradutor precisa perguntar à mãe em sua casa, às crianças na rua e ao homem comum no mercado, e observar como estas pessoas falam, para que a sua tradução seja na linguagem delas.” Só assim Moisés, Jó e Paulo, expressando-se em bom alemão, seriam bem compreendidos pelo povo alemão. Traduzir a Bíblia de maneira que mesmo pessoas simples e crianças compreendam a palavra de Deus é até hoje um princípio fundamental a ser seguido por tradutores bíblicos, especialmente aqueles inseridos em contextos missionários.

Lutero acreditava que todas as pessoas deveriam ter acesso às Escrituras, pois julgava que a mensagem da Bíblia pertence a todos, “clérigos e leigos, governantes e camponeses, homens e mulheres, adultos e jovens. Por esse motivo traduzi a Bíblia para o alemão do povo, o alemão da dona-de-casa e do lavrador. Por isso sou a favor de mais traduções para todas as línguas e dialetos.”

Por meio dessa tradução, a Reforma se alimentou, cresceu e se espalhou. Começou ali o movimento que tomou o mundo de assalto e hoje está representado pelo povo evangélico em todo o mundo. Este povo evangélico, por sua vez, é o povo por trás da maior parte

dos grandes movimentos missionários e evangelísticos que, desde então até hoje, ocorreram.

1.2.8. A tradução de William Tyndale para o inglês (Novo Testamento – 1526)

Aos 30 anos, William Tyndale decidiu dedicar a sua vida a traduzir a Bíblia. Era mais um teólogo de Oxford, na Inglaterra, formado em 1515. Quando foi atacado por aqueles que achavam que só os clérigos eram qualificados a ler e a interpretar as Escrituras, Tyndale disse: "Se Deus poupar a minha vida por uma boa porção de anos, farei com que um menino que corre atrás do arado saiba mais das Escrituras do que vocês sabem."

Ameaçado de morte e perseguido, teve que fugir da Inglaterra, indo refugiar-se na Alemanha, onde a Reforma já havia tomado fôlego.

Na Alemanha, terminou a tradução do Novo Testamento em 1525, publicando-o em 1526. Para a tradução do Novo Testamento, assim como Lutero fizera, Tyndale usou o texto grego de Erasmo. O Novo Testamento em inglês de Tyndale foi o primeiro traduzido diretamente de um texto grego.

Entre 1525 e 1530, 15 mil Novos Testamentos foram enviados clandestinamente para a Inglaterra. Por ser mercadoria proibida, os Novos Testamentos tinham de ser contrabandeados em barris de azeite e outros alimentos. As autoridades eclesiásticas inglesas fizeram de tudo para confiscar os exemplares, mas não puderam deter o contrabando vindo da Alemanha.

Em 1535, Tyndale publicou sua revisão final do NT. Traduziu também porções do AT do original hebraico, mas foi morto antes de poder completar a tarefa.

Tyndale não podia voltar para a Inglaterra, pois havia sido condenado e sua tradução foi banida. Em maio de 1535, porém, foi preso e levado para Bruxelas, nos Países Baixos. Após um ano na prisão, foi julgado e condenado à morte. Em 6 de outubro de 1536, Tyndale foi enforcado e seu corpo foi queimado no pátio da prisão. Suas palavras finais foram: "Senhor, abre os olhos do rei da Inglaterra."

O estilo vivo e direto da tradução de Tyndale foi preservado em versões inglesas posteriores, inclusive na Versão do Rei Tiago.

1.2.9. A Bíblia de Genebra (Novo Testamento – 1557; Bíblia completa – 1560)

Assim como o Novo Testamento de Tyndale, a Bíblia de Genebra também foi uma edição desenvolvida no exílio durante um período de forte perseguição à fé reformada na Inglaterra, verificado especialmente sob o reinado da Rainha Maria, a Sanguinária, que reinou de 1553 a 1558.

Entre os que se viram forçados a deixar a Inglaterra naquela época estava William Whittingham (c. 1524-1579), cunhado de João Calvino. Whittingham e mais alguns teólogos refugiaram-se em Genebra, na Suíça, e ali produziram uma tradução de toda a Bíblia para o inglês, baseada no latim, mas consultando sempre os textos em hebraico e grego. O Novo Testamento foi lançado em 1557 e a Bíblia toda em 1560. Em 1599, a Bíblia de Genebra já estava disponível, ao menos em parte, também em francês.

A Bíblia de Genebra em inglês tornou-se muito popular. Cerca de duzentas edições foram publicadas entre 1560 e 1630. Logo na primeira edição, os livros apócrifos ou deuterocanônicos foram separados dos restantes livros do Antigo Testamento e receberam prefácios especiais. Apenas décadas depois a Bíblia de Genebra começou a ser impressa sem os apócrifos.

A Bíblia de Genebra foi a tradução inglesa mais usada por cerca de 100 anos, desde seu lançamento em 1560 até meados do século seguinte. Foi usada (e citada) por William Shakespeare, John Bunyan, John Milton, e trechos selecionados dela compuseram a famosa Bíblia de Bolso (1643) carregada pelos soldados do exército de Oliver Cromwell. A Bíblia de Genebra foi também a Bíblia trazida para os Estados Unidos pelos peregrinos.

Na história das versões inglesas, a Bíblia de Genebra é importante, pelo menos, por três razões:

- A Bíblia de Genebra foi a primeira Bíblia inglesa a adotar a divisão do texto em versículos. [A divisão do Antigo Testamento em versículos surgiu por volta de 1440, por obra do rabino Isaque

Nathan, que planejava elaborar uma concordância da Bíblia Hebraica. A divisão do Novo Testamento coube a Robert Stephanus (ou Estienne), que publicou uma edição bilíngue (grega e latina) do Novo Testamento em 1551.]

- Foi a primeira Bíblia a usar o tipo de letra romano, muito mais fácil de ler do que a letra gótica;
- Foi a primeira Bíblia a usar letra itálica para aquelas palavras que os tradutores precisaram usar para tornar claras as frases em inglês, mas que não estavam nas línguas originais.

Além disso, era uma Bíblia com um formato menor, muito mais leve que as outras e com preço muito acessível.

O prefácio e as notas interpretativas tiveram uma influência evangélica muito forte, principalmente da parte dos escritos de João Calvino. Foi a primeira Bíblia que não atribuiu a Epístola aos Hebreus a Paulo, o que testifica a alta qualidade acadêmica de seus editores.

A Bíblia de Genebra de 1560 inspirou, em nossos dias, a edição da Bíblia de Estudo de Genebra, cujas notas interpretativas, em número muito superior à da edição de 1560, seguem a orientação calvinista.

1.2.10. "La Biblia del Oso" (RVR, Casiodoro de Reina: 1569; revisão de Cipriano Valera: 1602 [Reina y Valera]; outras revisões: 1909, 1960 e 1995)

A primeira tradução da Bíblia completa para o espanhol foi resultado de muitos anos de trabalho de Casiodoro de Reina. Sua Bíblia ficou conhecida como "La Biblia del Oso", assim chamada pela figura de um urso no logotipo do impressor que teve a edição ao seu encargo.

Entre seus méritos, além de ser a primeira tradução integral das Escrituras Sagradas para o castelhano, "La Biblia del Oso" também tem a seu favor o fato de Casiodoro de Reina tê-la traduzido diretamente das línguas originais.

Posteriormente, foi revisada muitas vezes. Em 1602, a revisão de Cipriano Valera aprimorou tanto sua qualidade que, desde então, a tradução passou a ser conhecida como "Reina-Valera". Continua

sendo a Bíblia mais usada em língua espanhola, especialmente na América Latina.

1.2.11. A Versão do Rei Tiago – King James Version (KJV, 1611)

Em 1536, pouco antes de seu martírio, Tyndale, que foi condenado à morte por ter traduzido o Novo Testamento para o inglês, orou: "Senhor, abre os olhos do rei da Inglaterra". Esta oração foi ouvida no início do século 17, quando o próprio rei da Inglaterra apoiou e patrocinou a preparação de uma tradução bíblica que pudesse ser usada por todos os cristãos de seu reino.

Em 1603, o rei Tiago VI (em inglês, James VI) da Escócia tornou-se Tiago I da Inglaterra. Logo em janeiro de 1604, o novo rei recebeu uma petição, assinada por mil líderes puritanos, para que a Igreja Anglicana fosse purificada daquilo que eles chamavam de resquícios de Catolicismo, como a hierarquia eclesiástica e os rígidos ritos litúrgicos vigentes. Além disso, reclamavam de certos trechos da Bíblia de Genebra (1560) e da Bíblia dos Bispos (1568).

Buscando a unidade dos grupos, Tiago I convidou líderes anglicanos e puritanos para uma reunião, com a esperança de que, através do diálogo e na presença do rei, pudessem se reconciliar após décadas de divergências teológicas e ideológicas. Mesmo após longuíssimas discussões, não conseguiram chegar a acordo algum. Quando o rei já estava a ponto de dar a iniciativa por fracassada, um dos presentes, John Reynolds, de Oxford, sugeriu ao rei Tiago I que autorizasse a preparação de uma nova tradução da Bíblia, mais acurada do que as anteriores. O rei gostou tanto da sugestão que se envolveu pessoalmente no planejamento da nova tradução.

O rei determinou que a tradução fosse feita por professores universitários e que não tivesse notas marginais, a fim de que pudesse ser aceita por tanto por anglicanos como por puritanos e mesmo por qualquer outro grupo cristão que viesse a surgir na Inglaterra.

Em 1607, mais de 50 teólogos iniciaram o trabalho de tradução para o inglês. Foram instruídos a seguir a Bíblia dos Bispos, mas a também usar todas as traduções anteriores e a comparar tudo com os

textos originais em hebraico e grego. No prefácio da Bíblia, os editores achariam por bem registrar isso assim: "Leitor cristão, nós, verdadeiramente, jamais pensamos que tivéssemos de fazer uma nova tradução, nem que fôssemos melhorar uma tradução ruim (…) mas que fôssemos melhorar uma tradução boa, ou fazer de muitas traduções boas uma tradução boa principal."

A Bíblia foi lançada em 1611, com a presença do rei Tiago I e de representantes dos anglicanos e puritanos. A tradução ficou conhecida como Versão do Rei Tiago (ou King James Version, KJV).

Seu mérito principal foi ter capturado o melhor de todas as traduções anteriores existentes em inglês e ter superado em muito todas elas.

Tornou-se um monumento perene da prosa inglesa por causa do seu estilo gracioso, linguagem majestosa e ritmo poético.

Apesar de seu inglês já bastante desgastado, a Versão do Rei Tiago ainda é usada por cristãos em alguns países de fala inglesa.

1.2.12. A tradução de João Ferreira de Almeida (NT – 1681; Bíblia completa – 1753; um volume único – 1819; Edição Revista e Corrigida, ARC – 1898; Edição revista e Atualizada, ARA – 1959; Revista e Atualizada, ARA 2ª Edição – 1993; Revista e Corrigida, ARC 2ª edição – 1995)

João Ferreira Annes d'Almeida nasceu em 1628, em Torre de Tavares, Portugal. Converteu-se ao protestantismo em 1644 e foi ordenado ao ministério pastoral na Igreja Reformada Holandesa em 1656. Atuou como missionário no Ceilão e no Sul da Índia entre 1656 e 1663. Em 1661, em Goa, foi condenado à morte pela Inquisição. Em 1663 foi enviado à Batávia (ilha de Java, hoje Indonésia) para pastorear a Igreja de fala portuguesa naquela região. Morreu em 6 de agosto de 1691.

Almeida foi quem primeiro traduziu o Novo Testamento para o português, fazendo-o a partir do Novo Testamento Grego compilado por Erasmo de Roterdã, possivelmente consultando também outras traduções disponíveis em sua época (como Vulgata e a Reina-Valera,

entre outras). O Novo Testamento em português foi impresso na Holanda e lançado em 1681.

Almeida não conseguiu concluir a tradução do Antigo Testamento. Próximo de sua morte, em 1681, havia chegado a Ez 48.21. A obra foi concluída por Jacobus op den Akker, companheiro de ministério de Almeida. A Bíblia completa em português só foi lançada em 1753, ainda em dois volumes. Apenas em 1819 a obra foi publicada num volume só, já pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (a mesma que, em 1808, despachou para o Brasil o primeiro carregamento de Novos Testamentos em português, segundo a tradução de Almeida).

A Edição Revista e Corrigida saiu em 1898, após revisão de uma comissão de tradutores, que receberam a missão de "abrasileirar" o texto, retirando os lusitanismos presentes. Para isso, a comissão consultou diversas traduções, entre as quais a do padre Antônio Pereira de Figueiredo (feita a partir da Vulgata entre 1772 e 1790) e aceitou acréscimos que só estão na Vulgata (por exemplo, Ap 22.14). Em 1899, foram acrescentadas à edição datas, referências e textos alternativos nas margens. Em 1995, a Edição Revista e Corrigida passou por atualização linguística e ganhou a sua 2ª edição.

Em 1943, lideranças das Igrejas Cristãs no Brasil solicitaram uma nova revisão do texto de Almeida à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e à Sociedade Bíblica Americana, que conduziam a Obra Bíblica no Brasil à época. A Comissão Revisora, liderada por Antônio de Campos Gonçalves e Paul Schelp, dedicou-se à tarefa por mais de uma década, atualizando não apenas a linguagem, mas também a base textual da tradução, levando em conta os últimos avanços da arqueologia e exegese bíblicas. O Novo Testamento foi entregue às Igrejas em 1952, já sob a responsabilidade da Sociedade Bíblica do Brasil, fundada em 10 de junho de 1948. A Bíblia completa (inicialmente denominada "Versão Autorizada" e, depois, "Edição Revista e Atualizada") saiu em 1959. Em 1993, a Revista e Atualizada foi alvo de nova revisão, na qual muitas palavras já em desuso foram substituídas por termos mais contemporâneos. Dessa

revisão, saiu a 2ª edição da tradução de Almeida Revista e Atualizada.

No Brasil, tanto a Edição Revista e Corrigida como a Edição Revista e Atualizada continuam sendo as mais usadas pelas Igrejas.

1.2.13. A Tradução Brasileira (TB – 1917)

A Tradução Brasileira foi a primeira Bíblia traduzida integralmente no Brasil. O projeto foi desenvolvido ao longo de 15 anos (1902 a 1917), com fundos da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e da Sociedade Bíblica Americana.

A tradução contou com dois coordenadores: William C. Brown (especialista em línguas bíblicas) e Eduardo C. Pereira (linguista brasileiro). Além deles, trabalharam como consultores linguísticos, entre outros, Heráclito Graça, José Veríssimo e Rui Barbosa.

A Tradução Brasileira é bastante literal e erudita. Os nomes próprios não foram aportuguesados, mas transliterados, o que dificultava consideravelmente a leitura (especialmente a leitura conjunta na igreja).

No início, a Tradução Brasileira teve uma grande aceitação. Mas seu uso foi gradativamente declinando, principalmente por causa do estilo muito elevado de linguagem e dos nomes próprios transliterados. As igrejas voltaram a usar a tradução de Almeida e a de Figueiredo, a que estavam acostumadas.

1.2.14. The Bible: An American Translation (Goodspeed: Novo Testamento – 1923; Powis Smith: Bíblia completa – 1935)

Os milhares de papiros que foram descobertos no Egito, na virada do século 19 para o século 20, demonstraram cabalmente que o grego usado pelos autores dos livros do Novo Testamento era o grego "coiné" ou grego comum, falado e compreendido pelas pessoas simples e não apenas por uma elite aristocrática ou um círculo restrito de pessoas letradas e cultas em Atenas, Alexandria e Roma.

Obras como "Licht vom Osten" ("Luz do Oriente"), de Adolf Deissmann, que reúne e analisa documentos do período em que o Novo Testamento foi escrito, foram chaves para que se percebesse

que o grego usado na Bíblia não era, como antes se pensava, o clássico (também chamado de grego ático), mas o "coiné".

O grego "coiné" era a língua comum usada por quase todas as pessoas que viviam no mundo greco-romano dos séculos 2 a.C ao século 3 d.C. Em outras palavras, era a língua franca do mundo mediterrâneo.

Tal descoberta teve influência decisiva nas traduções bíblicas. Ao pensarem que o Novo Testamento fora escrito em grego clássico, os tradutores sentiam-se como que obrigados ou constrangidos a produzir uma tradução bíblica em linguagem elevada, pendendo para o erudito, ao estilo rebuscado de clássicos gregos, como as obras de Homero, Platão e Aristóteles.

Ter a certeza de que os apóstolos e evangelistas escreveram em grego comum despertou nos tradutores o desejo de produzir Novos Testamentos (e Bíblias completas) em linguagem popular, o que demonstra que traduções como a Peshitta e a Vulgata (do século 4 d.C.), bem como a tradução de Lutero (do século 16), estavam, de certa forma, à frente do seu tempo, já que todas estas, em maior ou menor grau, pautaram-se pela simplicidade na linguagem empregada, levando em consideração o princípio de que a tradução precisaria ser compreendida por pessoas comuns.

Para auxiliar os tradutores, novos dicionários das línguas bíblicas precisaram ser preparados. Assim, o famoso Thayer (de grego clássico), deu lugar à obra de Arndt-Gingrich-Danker (de grego coiné) e, mais recentemente, à de Johannes Louw e Eugene Nida (que desenvolveram um dicionário de grego do Novo Testamento agrupando verbetes por domínio ou afinidade semântica).

Por volta de 1920, essas descobertas e tendências começaram a produzir seus frutos. Egdar J. Goodspeed, um professor do Novo Testamento da Universidade de Chicago, por criticar as traduções existentes em inglês, foi desafiado por colegas a produzir uma tradução melhor.

Ao terminar a tradução do Novo Testamento, Goodspeed disse que quis dar à sua tradução "algo da força e vivacidade que reside no

original grego". Também afirmou: "Eu queria que a minha tradução causasse no leitor uma impressão semelhante à que o Novo Testamento deve ter causado nos leitores originais. Queria que a tradução convidasse o leitor para uma leitura contínua de todo o livro de uma vez."

A tradução de Goodspeed foi um sucesso. O Antigo Testamento, traduzido de acordo com os princípios estabelecidos por Goodspeed para a tradução do Novo Testamento, apareceu em 1935, como obra de J. M. Powis Smith.

1.2.15. Good News Bible (GNB, Good News for Modern Man – Novo Testamento – 1966; Bíblia completa [TEV] – 1976)

O Novo Testamento da *Good News Bible*, conhecido como *Good News for Modern Man*, foi publicado pela Sociedade Bíblica Americana em 1966, fruto do trabalho de Roberto G. Bratcher, um brasileiro, filho de missionários norte-americanos que atuaram no Brasil. A tradução teve tal receptividade que, em 6 anos, mais de 35 milhões de exemplares já haviam sido distribuídos. A Bíblia completa foi lançada em 1976. Em mais ou menos 40 anos, entre Bíblias completas e Novos Testamentos, mais de 130 milhões de exemplares foram distribuídos.

A *Good News Bible* é um excelente exemplo da aplicação do princípio de equivalência funcional ou comunicacional à tradução bíblica. O texto é de fácil leitura e compreensão, além de ser fiel ao sentido dos originais. Escrita em linguagem comum (a exemplo do Novo Testamento, escrito em "coiné"), a *Good News Bible* foi e ainda é apreciada por muitos, e ainda bastante utilizada no contexto missionário, como o primeiro Novo Testamento ou Bíblia indicados para prospectos evangelísticos e novos convertidos nas igrejas.

A *Good News Bible* inspirou a preparação de traduções que seguem o mesmo princípio de equivalência funcional em outras línguas e países. Em espanhol, por exemplo, surgiu a tradução *Dios Habla Hoy*, cuja Bíblia completa foi lançada em 1979 pelas Sociedades Bíblicas Unidas. Em português, surgiu a Tradução na Linguagem de Hoje, cuja primeira edição completa foi lançada em 1988 pela Sociedade Bíblica do Brasil.

1.2.16. New English Bible (NEB, 1970; REB, Revised English Bible: 1989)

Como resultado de uma proposta da Igreja da Escócia para outras igrejas do Reino Unido, uma tradução completamente nova da Bíblia começou a ser feita na década de 1960. Os líderes da Igreja não queriam apenas mais uma revisão das traduções existentes, nem uma tradução literal demais e de difícil compreensão. Almejavam uma tradução do sentido do texto para o inglês moderno.

C.H. Dodd coordenou o grupo de tradução. Dodd deixou registrado que "os tradutores foram solicitados a substituir as construções tipicamente gregas por construções usadas no inglês contemporâneo." E complementa: "Concebemos nossa tarefa como a de compreender o original tão precisamente quanto possível (usando todos os recursos disponíveis), e então transportar para nosso idioma nativo o que cremos que o autor estava dizendo."

Em 1970, a Bíblia completa foi publicada e muito bem recebida no Reino Unido e nos Estados Unidos. Em 1985, após atualização do vocabulário, a *New English Bible* foi relançada como *Revised English Bible*.

1.2.17. New International Version (NIV, Novo Testamento: 1973; Bíblia completa: 1978; Revisão: 1984; Edição portuguesa similar: NVI, 2001; Today's New International Version, TNIV – Novo Testamento: 2002; Bíblia completa: 2005)

Esta é uma tradução completamente nova, feita por um grupo internacional de mais de 100 estudiosos, que trabalharam muitos anos para produzir uma tradução que é chamada de *thought-for-thought translation* (tradução de pensamento-por-pensamento) para o inglês contemporâneo para uso pessoal e público.

Trata-se de uma tradução intermediária entre uma tradução literal (como é o caso da *New American Standard Bible*) e uma paráfrase livre (como a *The Living Bible*).

No mundo inglês, esta versão teve um grande sucesso. Em 1987, sua distribuição superou a da Versão do Rei Tiago nos Estados Unidos.

A versão portuguesa, lançada no Brasil em 2001, foi obra de mais de 20 tradutores. Segue a filosofia da *New International Version*, e muito da contribuição exegética da versão inglesa de 1978 foi aproveitada nela. Em alguns casos, contudo, a Comissão da versão em português optou por seguir um caminho próprio, que diverge da versão em inglês.

1.2.18. Contemporary English Version (CEV, Novo Testamento – 1991; Bíblia completa – 1995)

Publicada pela Sociedade Bíblica Americana, esta tradução foi coordenada por Barclay M. Newman. Inicialmente, a Comissão foi solicitada a preparar uma tradução da Bíblia para crianças. Mas em pouco tempo o objetivo passou a ser a produção de uma Bíblia que pudesse ser usada por toda a família e também por pessoas com pouco ou nenhum contato com a Palavra de Deus e a igreja.

Um dos princípios fundamentais levados em conta nessa tradução foi o de que a Bíblia foi escrita para ser lida. As cartas de Paulo, por exemplo, foram escritas para serem lidas em público nas igrejas. A *Contemporary English Version*, por sua vez, foi construída de tal modo que, além de ser fiel aos originais, fosse boa de ler e de ouvir. Por isso, além de escrever cuidadosamente o texto, os tradutores também o submeteram na íntegra à leitura em voz alta e à audição, o que ajudou a melhorar a fluidez da linguagem. O cuidado com esse aspecto inspirou várias traduções bíblicas novas, bem como a revisão de algumas que já existiam. A *Traducción em Lenguaje Actual* (lançada em 2000, pelas Sociedades Bíblicas Unidas), em espanhol, e a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (lançada em 2000, pela Sociedade Bíblica do Brasil), em português, também foram submetidas à leitura em voz alta e à audição antes do lançamento de cada uma.

1.2.19. Tradução na Linguagem de Hoje (TLH, Novo Testamento – 1973; Bíblia completa – 1988; Nova Tradução na Linguagem de Hoje, NTLH – 2000; Bíblia de Estudo Nova Tradução na Linguagem de Hoje, NTLHE – 2005)

Na década de 1960, a Sociedade Bíblica do Brasil foi solicitada pelas igrejas a preparar uma tradução bíblica em linguagem simples, que pudesse ser usada para evangelização e educação de crianças e jovens no Evangelho. Aceito o desafio e constituída a Comissão Tradutora, o trabalho iniciou em 1966. O Novo Testamento foi lançado em 1973. Em 1988, foi lançada a Bíblia completa. Após uma meticulosa revisão do texto a partir de sugestões das igrejas, no ano 2000 foi lançada a Nova Tradução na Linguagem de Hoje, cuja aceitação e distribuição crescem mais e mais a cada ano, especialmente no ambiente evangelístico, bem como entre novos convertidos, jovens e crianças.

A Nova Tradução na Linguagem de Hoje usa o princípio de equivalência funcional ou comunicacional, que visa a transportar o sentido do texto original para o português falado no Brasil hoje. É uma tradução em "linguagem comum" (assim como a *Good News Bible*). Sua linguagem é acessível aos menos letrados e aceitável aos mais eruditos. Para tanto, utiliza um vocabulário de aproximadamente quatro mil palavras.

Em 2005, a Nova Tradução na Linguagem de Hoje ganhou uma Edição de Estudo, com milhares de notas exegéticas que, além de apoiar e aprofundar o estudo do texto bíblico, também explicam ao leitor por que certas passagens bíblicas foram traduzidas daquela maneira.

1.3. Conclusão

Nenhuma tradução da Bíblia é perfeita, e vários fatores contribuem para fazer com que cada versão progressivamente fique desatualizada. Há três razões principais que tornam necessárias as revisões de uma tradução, ou, então, a preparação de uma nova tradução:

- As línguas mudam: em todas as línguas, o sentido e o uso das palavras mudam durante os anos. Uma versão mais antiga, mesmo que tenha sido excelente por longos anos, torna-se menos e menos adequada a trazer a Palavra de Deus ao povo em termos que as pessoas consigam entender a mensagem em sua plenitude. Em outras palavras, embora a essência das Escrituras não mude, as

línguas constantemente estão mudando. Daí a necessidade de revisões ou novas traduções.

- Os textos originais vão se aprimorando: a transmissão da Bíblia por meio de cópias manuscritas resultou em uma multiplicidade de variantes nos manuscritos. O texto grego usado, por exemplo, por Martinho Lutero ou João Ferreira de Almeida, era desfigurado por um acúmulo de imprecisões de vários séculos. Fazendo uso de manuscritos mais antigos, que só mais recentemente foram descobertos, os estudiosos podem detectar e corrigir estes erros introduzidos pelos copistas. Novas revisões ou traduções, portanto, precisam ser feitas de tempos em tempos, na medida em que edições mais acuradas dos textos originais tornam-se disponíveis.

- As Ciências Bíblicas avançam: descobertas arqueológicas e o estudo de documentos achados habilitam os estudiosos a aprender de modo ainda mais preciso aspectos do sentido e nuanças de expressões idiomáticas em hebraico e grego, que eram correntes na época em que as Escrituras foram escritas. Na medida em que Ciências Bíblicas como a arqueologia, a paleografia, a crítica textual e a filologia avançam, temos mais condições de produzir traduções mais claras e exatas.

Por estas três razões, na opinião de Bruce Metzger, a Igreja Cristã não pode jamais estar satisfeita com as conquistas das gerações passadas. Seu objetivo deve ser traduzir as Escrituras para as línguas de todas as nações, povos ou tribos, como também revisar cada tradução periodicamente, de modo que se torne uma tradução ainda mais fiel da Palavra de Deus na forma de palavras humanas.

Feita esta viagem pela história das traduções bíblicas, podemos entrar com maior conhecimento de causa e confiança na próxima seção, que versará a respeito dos princípios utilizados na elaboração de uma tradução bíblica.

2. Princípios de tradução

Os tradutores têm usado, basicamente, duas técnicas ou princípios na elaboração de traduções da Bíblia:

- Princípio de equivalência formal;

- Princípio de equivalência funcional ou comunicacional.

Cada um deles será explicado a seguir.

2.1. Tradução por equivalência formal

2.1.1. Descrição

A tradução por equivalência formal orienta-se principalmente pela língua fonte, ou seja, guia-se pela mensagem na sua forma original.

Por dar mais importância ao texto fonte, o tradutor que segue o princípio de equivalência formal em seu trabalho procura conservar, o máximo possível, as características gramaticais, a estrutura de cláusulas e frases e a consistência na tradução dos termos da língua original.

Em outras palavras, uma pessoa que queira fazer uma tradução por equivalência formal da Bíblia para o português deverá esforçar-se por obedecer, tanto quanto possível, aos seguintes parâmetros em seu trabalho:

- Procurar reproduzir em sua tradução a mesma ordem em que as palavras aparecem nas línguas originais.
- Usar na tradução para o português palavras que pertençam às mesmas categorias (ou classes) gramaticais dos termos nas línguas originais.
- Traduzir uma palavra em hebraico ou grego sempre pela mesma palavra em português.

2.1.2. Dificuldades da aplicação rígida do princípio de equivalência formal

Cada um dos parâmetros a serem levados em conta na tradução de equivalência formal tem suas limitações. Uma das dificuldades, e talvez a maior de todas, tem a ver com a estrutura das línguas existentes. A outra dificuldade tem a ver com a tradução das expressões idiomáticas.

Sobre isso, Katherine Barnwell, tradutora-missionária dos Tradutores Bíblicos de Wycliffe, entidade que coopera estreitamente com as Sociedades Bíblicas Unidas em todo o mundo (inclusive no Brasil), comenta o seguinte em sua obra *Tradução Bíblica*: “Cada língua tem uma gramática e expressões idiomáticas diferentes. Se

seguirmos com demasiado rigor a gramática e as expressões idiomáticas da língua original, a tradução não será natural, podendo causar confusão ou transmitir significado errado."

	Verbo (V) +	Sujeito (S) +	Objeto (O)	(Exemplo)
Vamos	Criou	Deus	os céus e a terra.	**(Gn 1.1)**
	Disse	o Senhor	a Moisés.	**(Êx 20.1)**
	Cantou	Israel	este cântico.	**(Nm 21.17)**
algu	Sacrificou	Samuel	um cordeiro.	**(1Sm 7.9)**

uns casos.

2.1.3. A estrutura das línguas existentes

Cada língua tem a sua maneira própria de organizar e comunicar uma ideia. Em hebraico, por exemplo, a sequência natural de expressar um pensamento é a seguinte:

Esta é a maneira natural de expressar-se em hebraico. É como a língua hebraica funciona. 9% das línguas faladas no mundo seguem essa mesma estrutura. Mas outras línguas têm sequências diferentes, como se pode ver pelo exemplo abaixo:

VSO: Comeu o menino o pão. (9% das línguas)

SVO: O menino comeu o pão. (25% das línguas)

SOV: O menino o pão comeu. (31% das línguas)

VOS: Comeu o pão o menino. (2% das línguas)

OVS: O pão comeu o menino. (1% das línguas)

OSV: O pão o menino comeu. (1% das línguas)

NENHUM MODELO DEFINIDO (30% das línguas)

9% das línguas funcionam como o hebraico. Seguir rigidamente a ordem das palavras em hebraico numa tradução para uma dessas línguas não traz qualquer dificuldade. Pelo contrário, o leitor receberá o texto com bastante naturalidade.

Mas cada língua funciona de uma maneira. A tradução precisa respeitar isso. Veja o exemplo:

Hebraico (VSO)	Português (SVO)	Língua receptora OVS
Sacrificou Samuel um cordeiro. (1Sm 7.9)	Samuel sacrificou um cordeiro.	Um cordeiro sacrificou Samuel.
Faz o ferreiro o machado. (Is 44.12)	O ferreiro faz o machado.	O machado faz o ferreiro.
Matou Caim Abel, seu irmão. (Gn 4.8)	Caim matou Abel, seu irmão.	Abel, seu irmão, matou Caim.

A tradução para a língua receptora OVS parece estranha a um falante de português. Mas é absolutamente bem compreendida e natural para um falante daquela língua. Traduzir as palavras em outra sequência distorce a mensagem.

É verdade que, em muitos casos a ordem das palavras pode até não importar tanto, especialmente para quem tem familiaridade com as histórias bíblicas. Mas para quem não conhece bem a Bíblia e depende exclusivamente da boa vontade do tradutor e da qualidade da tradução, a mensagem precisa ser entregue da maneira mais natural e clara possível.

Nem sempre é possível reproduzir na tradução a mesma ordem em que as palavras aparecem nas línguas originais. Aplicar esse parâmetro do princípio de equivalência formal de maneira rígida, como vimos, pode distorcer ou até mesmo mudar completamente o sentido do texto original.

2.1.4. A tradução de expressões idiomáticas

Cada língua tem as suas próprias expressões idiomáticas. Com as línguas bíblicas não é diferente. É praticamente impossível

traduzir idiomatismos literalmente. Vejamos alguns exemplos a seguir.

No Sl 56.13 (v. 14, na Bíblia Hebraica), o salmista pede:

"… que eu ande para as faces de Deus, na luz da vida."

A expressão "para as faces de" é a tradução literal da expressão hebraica *liphnê*, muito comum no Antigo Testamento. Percebendo que aí se trata de um idiomatismo, surge uma tradução mais apropriada, ou seja:

"… que eu ande na presença de Deus, na luz da vida."

Em Gn 2.17 ocorre a expressão *mot tamut*, que poderia ser traduzida literalmente por "morrer morrerás". Trata-se, contudo, de uma construção muito comum em hebraico, quando um mesmo verbo é repetido duas vezes, em modos diferentes, para dar ênfase. Por isso, é mais apropriado traduzir a expressão por "certamente morrerás".

Por fim, vejamos este exemplo narrado por Eugene Nida em um de seus manuais para tradutores, publicados pelas Sociedades Bíblicas Unidas. Segundo Nida, numa das línguas da África Central, os tradutores viram-se obrigados a deixar a tradução literal de lado para que a parábola do fariseu e do cobrador de impostos pudesse ser compreendida corretamente pelos falantes daquela língua. É que, naquela sociedade, dizer que cobrador de impostos "batia no peito" (exatamente como está no original grego) significava que ele se orgulhava de si próprio e de seus feitos. A história, contudo, ensinava justamente o contrário. O orgulhoso da parábola era o fariseu e o cobrador, por sua vez, era humilde e suplicava misericórdia divina. A solução, então, foi abandonar a tradução literal e substituir o gesto de "bater no peito" por outro que significasse arrependimento e humildade. A história foi bem compreendida pelos falantes daquela língua quando os tradutores disseram que o cobrador de impostos "batia na cabeça".

Como se vê, nem sempre é possível ou nem mesmo plausível forçar uma tradução rigidamente literal. Na história das traduções, se nos lembramos bem, no século 2 d.C., Áquila tentou fazer uma tradução hiperliteral, palavra por palavra, o que resultou em um texto

praticamente incompreensível. Isso é o que acontece quando alguém tenta orientar-se apenas pelo texto fonte e se esquece de pensar no leitor que receberá a tradução.

A tradução de Almeida é um bom exemplo de tradução por equivalência formal. Embora a estrutura das línguas originais transpareça consideravelmente na tradução (especialmente no Antigo Testamento), felizmente nem Almeida nem os seus revisores posteriores aplicaram radicalmente o princípio de equivalência formal à sua obra. Algumas expressões e idiomatismos hebraicos e gregos são traduzidos mais livremente, o que auxilia o leitor na compreensão de certas passagens.

2.2. Tradução por equivalência funcional

2.2.1. Descrição

A tradução por equivalência funcional, também chamada de comunicacional, busca manter-se fiel ao texto original e também orientar-se pelo impacto dessa mensagem sobre o receptor.

Nesse sentido, uma tradução por equivalência funcional trata de comunicar, da maneira mais natural e adequada possível, a mesma ideia em linguagem contemporânea, usando as características gramaticais e a estrutura da língua receptora.

Para tanto, os tradutores que optam por aplicar predominantemente os princípios de equivalência funcional a uma tradução fazem uso dos estudos mais avançados da Linguística (como funcionam a língua e a comunicação), Antropologia (como é a cultura receptora), Sociologia (como é a organização social daquela cultura), Psicologia (como são os sentimentos daquelas pessoas), entre outras ciências.

Assim, o princípio de equivalência funcional ou comunicacional procura trazer a revelação de Deus ao nível da linguagem comum do povo.

A NTLH é um bom exemplo de tradução de equivalência funcional, como veremos pelos exemplos na próxima seção, em que se comparam a equivalência formal e a funcional.

2.3. Ilustrações comparativas

2.3.1. Inglês para português

Tomemos a seguinte oração em inglês: *How old are you?*

Se vertermos a referida expressão segundo o princípio de tradução formal, obteremos o seguinte resultado:

"Quão velho/a é você?"

Notemos que o princípio da literalidade está bastante bem aplicado. A ordem das palavras e mesmo suas categorias gramaticais em inglês (língua fonte) foram seguidas à risca em português (língua receptora). Mas com todo esse cuidado, a tradução soa natural em português? Uma criança compreende isso no Brasil? Uma mulher ouviria esta pergunta com naturalidade?

Seguindo o princípio de equivalência funcional, a tradução fica bem diferente, ou seja:

Qual é a sua idade? [ou] Quantos anos você tem?

Tanto uma como outra opção soam naturalmente. E embora cada tradução só tenha conservado um único termo do texto original (*are* → "é" ou *you* → "você"), a tradução ficou absolutamente fiel ao texto fonte, e sua mensagem está comunicada com precisão e clareza, que mesmo uma criança a pode compreender.

2.3.2. Hebraico/grego para português

Ez 18.4

Tanto a ARC como a ARA traduzem um trecho de Ez 18.4 da seguinte maneira: "a alma que pecar, essa morrerá".

Ao ler essa afirmação, traduzida de modo literal, alguém pode pensar que esse texto específico esteja afirmando que a alma, assim como o corpo, possa morrer.

O mal-entendido é totalmente desfeito quando se percebe que *néphesh* (que Almeida traduz por "alma") significa também "respiração", "vida", "ser vivente" ou "pessoa". Levando em conta isso, a NTLH traduz Ez 18.4 por: "a pessoa que pecar é que morrerá".

Mc 9.42 e Lc 9.23

A ARC traduz Mc 9.42 da seguinte maneira: "e qualquer que escandalizar um destes pequeninos que creem em mim…".

Na fala cotidiana, o termo "escandalizar" está banalizado para alguns, que o compreendem como sinônimo de um simples "melindrar" ou "fazer alguém envergonhar-se ou constranger-se com o viu ou ouviu". Para outros, o termo já não expressa nada, pois não faz parte do seu vocabulário.

Levando isso em conta e com absoluto apoio do texto original grego, a NTLH traduz Mc 9.42 assim: "quanto a estes pequeninos que creem em mim, se alguém **for culpado de um deles me abandonar…**" Ficam, assim, preservados o sentido do texto original e a gravidade das palavras de Jesus contra aqueles que forem motivo para que alguém abandone a fé cristã.

O mesmo princípio de recuperar o vigor da mensagem de Jesus aplica-se a Lc 9.23, que na ARC está assim: "Se alguém que vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me." No discurso popular, "carregar a cruz" perdeu o seu sentido original, que é recuperado pela NTLH quando ela diz: "Se alguém quer ser o meu seguidor, que esqueça os seus próprios interesses, esteja pronto cada dia para morrer como eu vou morrer e me acompanhe." No contexto em que Jesus disse essas palavras, pôr a mão na cruz significava enveredar por um caminho que não tinha volta. Era dirigir-se ao lugar da execução. Isso explica a NTLH ter usado "morrer como eu vou morrer".

O perdão de Deus

Em Papua Nova Guiné, um grupo de tradutores foi enviado para estudar a língua e traduzir a Bíblia para um povo que, de tão beligerante, sequer possuía a palavra "perdão" em seu vocabulário. Como poderiam traduzir uma Bíblia sem a palavra perdão? Como ficaria a expressão "perdão de Deus", central na teologia bíblica e cristã? Estudando a cultura daquelas pessoas, os missionários-linguistas constataram que a vingança era tida em alta conta entre elas. Famílias que tiveram algum parente assassinado chegavam ao ponto de arrancar a mandíbula do morto e dependurá-la sobre a porta principal da casa para nunca se esquecerem de que a morte daquele ente querido precisava ser vingada. Pois foi daí que surgiu o termo perdão naquela língua: "Deus não pendura mandíbulas".

2.4. Conclusão

Como conclusão dessa seção, listaremos 5 ponderações acerca dos princípios aqui demonstrados e das traduções resultantes da aplicação dos mesmos:

- Em geral, especialmente nos dias de hoje, as traduções bíblicas mesclam o princípio formal com o funcional. Pode haver predominância de um deles, mas comumente os princípios convivem numa mesma tradução.
- Não é prudente radicalizar na aplicação rígida de quaisquer dos princípios aqui estudados, especialmente no caso da equivalência formal.
- Tradução fiel é aquela que comunica a ideia original ao leitor com clareza, da maneira mais natural possível.
- Comparar traduções é útil e fundamental para compreender melhor a Palavra de Deus e para transmiti-la de maneira mais adequada.
- Traduções bíblicas podem e devem ser aperfeiçoadas.

O Reformador Martinho Lutero, cuja tradução foi lembrada na seção anterior, registrou a seguinte pensamento, que serve bem de fechamento da presente seção: "Se Deus quisesse que eu morresse pensando ser um sujeito inteligente, ele não teria me dado o trabalho de traduzir a Bíblia."

Quem está engajado nessa missão sabe o quanto é difícil desempenhá-la a contento, com competência, perseverança e humildade. Mas embora árdua, trata-se de tarefa das mais relevantes no Reino de Deus, o que poderemos verificar na seção conclusiva desse estudo, a seguir, em que trataremos brevemente da influência das traduções da Bíblia.

3. Influência das traduções

As traduções da Bíblia têm contribuído fundamentalmente para:

- a preservação das línguas e culturas; e
- a expansão do Evangelho no mundo.

Vejamos cada tópico em detalhe.

3.1. Traduções bíblicas e a preservação das línguas e culturas no mundo

Em meados do século 20, os índios xerentes, que habitam o Tocantins, eram uma tribo em declínio, rumo à extinção. A falta de perspectiva de futuro e a baixa autoestima estavam dizimando aquele povo.

Foi por essa época que o casal Gunther e Wanda Krueger fixou moradia na região. Foram para lá como missionários e, querendo traduzir trechos da Bíblia para a língua dos índios, surpreenderam os xerentes com um pedido: queriam aprender a língua xerente.

Mas como alguém da cidade poderia querer aprender xerente? Não eram eles, os xerentes, que deviam aprender português? Mas como estudariam qualquer coisa se não tinham acesso a nada? Mal sabiam os Krueger a reação positiva que o interesse deles pela língua xerente desencadearia entre as pessoas daquele povo.

Talvez também não tivessem noção de como a atividade de traduzir trechos da Bíblia para o xerente com o auxílio dos índios elevaria a autoestima daquele povo e faria com que muitos deles começassem a estudar, com vistas a ter um futuro melhor.

Ao longo de meio século de serviço e convivência entre os xerentes, os Krueger viram renascer:

- o povo xerente – hoje numeroso e respeitado entre as nações indígenas brasileiras; e
- a língua xerente – que hoje conta com cartilha, gramática, dicionário e uma tradução do Novo Testamento (esta última, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, em 2007).

A história acima ilustra bem a influência positiva de uma tradução bíblica na preservação de um povo, de sua língua e de sua cultura.

3.2. Traduções bíblicas e a expansão do evangelho no mundo

Em paralelo com a preservação das línguas, traduções bíblicas também concorrem para a expansão do Evangelho no mundo.

Segundo Kwame Bediako, professor da Universidade de Edimburgo, na Escócia: “As traduções da Bíblia foram o fator mais

determinante para o avanço das missões nos últimos 200 anos, principalmente no final do século 20."

Há uma relação direta entre traduções bíblicas e expansão da Igreja. Da fundação da Igreja Cristã até o ano 1800, a Bíblia, no todo ou em parte, estava disponível em 68 línguas. Embora um número expressivo de pessoas tivesse acesso às Escrituras por meio dessas 68 línguas, muitíssimas outras ainda se viam privadas da Bíblia em sua própria língua.

Mas a partir de 1804, com o início do movimento de Sociedades Bíblicas, essa realidade começou a mudar. Naquele ano, no país de Gales, líderes cristãos fundaram a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, com o propósito de tornar a Bíblia disponível ao maior número possível de pessoas, na língua que elas entendessem e a um preço que pudessem pagar.

A visão dos líderes daquela primeira Sociedade Bíblica contagiou cristãos de todo o mundo com a proposta de expandir a obra bíblica até às terras mais longínquas. Hoje, 200 e tantos anos depois da fundação da primeira Sociedade Bíblica, existem mais de 140 Sociedades Bíblicas atuando em aproximadamente 200 países e territórios.

A determinação daqueles primeiros líderes de distribuir Bíblias na língua que as pessoas compreendessem fez das traduções bíblicas o coração do trabalho das Sociedades Bíblicas.

Graças ao trabalho das Sociedades Bíblicas Unidas, que coopera com inúmeras outras agências bíblicas, a Bíblia já está disponível, no todo ou em parte, em cerca de 2500 línguas, o que beneficia diretamente a atuação missionária das igrejas.

As línguas majoritárias (como o português) contam com Escrituras em várias traduções, modelos, níveis de linguagem e mídias, adequadas para os mais diversos públicos e situações.

Mas o maior desafio ainda são as línguas minoritárias, muitas das quais não possuem sequer um verso bíblico traduzido, o que dificulta tremendamente a atuação de missionários.

Para se ter uma ideia do tamanho e da urgência da obra bíblica no que tange às traduções, tomemos em conta os seguintes dados:

- Estudiosos calculam que antes do Colonialismo, inaugurado com o período das grandes navegações no final do século 15, havia aproximadamente 15 mil línguas no mundo.
- Nos dias atuais, os linguistas falam de algo entre 6 mil e 7 mil línguas existentes.
- No Brasil, contam-se cerca de 180 línguas minoritárias nativas – como o xerente, o guarani-mbyá e o iny-karajá, e pelo menos 6 outras de imigração, como a língua calón, falado por ciganos, e o hunsriker e o pomerano, línguas faladas por descendentes dos imigrantes alemães.
- Pouco mais de 2 mil línguas estão adequadamente descritas e registradas. Cerca de 4 ou 5 mil línguas ainda estão por ser estudadas e descritas.
- Em um século, o número de línguas no mundo deve cair para algo em torno de 3 mil.

Há quem veja vantagens na diminuição do número de línguas no mundo. Segundo estas pessoas, menos línguas no mundo significaria uma redução no número de guetos linguísticos, o que equivaleria a menos comunidades isoladas e a mais pessoas integradas à aldeia global por meio das grandes redes de comunicação, nas quais predomina o uso das línguas majoritárias universais como o inglês, o espanhol e o chinês.

Tal visão não é de todo reprovável. Línguas internacionalmente compreendidas sempre foram úteis para a difusão das verdades e dos valores bíblicos. Foi assim com o grego "coiné" nos séculos 1 e 2 d.C. Tem sido assim com o inglês em nossos dias.

Não se pode afirmar, contudo, que ter a Bíblia disponível apenas nas línguas majoritárias seja suficiente para que a Palavra de Deus chegue, de maneira relevante e clara, a todos os povos, raças, tribos e nações do mundo.

"… quando chegou o tempo certo, Deus enviou o seu próprio Filho…" (Gl 4.4), e "a Palavra se tornou um ser humano e morou entre nós, cheia de amor e de verdade" (Jo 1.14). O milagre da encarnação de Jesus Cristo revela que Deus não poupou esforços

para vir ao nosso encontro e comunicar-se clara e inequivocamente conosco.

A história das traduções bíblicas é a história de pessoas como John Kelly, William Carey e Samuel Schereschewsky, que compreenderam que o evangelho deveria estar disponível para todos, o que inclui os falantes das línguas minoritárias, preciosas criaturas de Deus que também têm o direito de ouvir Deus falar-lhes em sua própria língua materna, a língua que sempre compreenderão melhor e com a qual têm uma ligação afetiva profunda desde o nascimento.

Crescendo a disponibilidade de Escrituras em mais línguas, cresce também o interesse das pessoas pela Bíblia e, consequentemente, o Evangelho se expande.

3.3. Conclusão

A obra de traduções bíblicas precisa do apoio dos cristãos, que podem cooperar com:

- Sua vida, buscando servir a Deus como missionário e tradutor através das várias agências missionárias existentes;
- Suas ofertas, destinando fundos para manter projetos de tradução bíblica no Brasil e no mundo;
- Suas orações, intercedendo pelo trabalho das Sociedades Bíblicas e de outras agências bíblicas que se dedicam à tradução, publicação e distribuição de Escrituras.

Traduções bíblicas são fruto da graça e do amor de Deus por todos os povos.

Traduções bíblicas são uma bênção para criar, manter e fortalecer a Igreja.

Traduções bíblicas revivem o milagre da encarnação, fazendo com que Cristo, a Palavra encarnada, ande novamente entre nós como Caminho, Verdade e Vida.

Para aprofundar-se no tema:

ALEXANDER, David & Pat. *Manual Bíblico SBB*. Barueri: SBB, 2008.

BARNWELL. Katherine & MEADER, Mabel. *Tradução bíblica — um curso introdutório dos princípios básicos de tradução.* Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL), 1979.

EKDAHL, Elizabeth M. *Versões da Bíblia — Por que tantas diferenças?* São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.

GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil.* Barueri: SBB, 2008.

HALLOCK, Edgar F. & SWELLENGREBEL, Jan L. *A maior dádiva e o mais precioso tesouro.* Rio de Janeiro: JUERP/IBB, 2000.

METZGER, Bruce M. *Introduction to the Bible.* London: SCM Press Ltd., 1966.

MILLER, Stephen M. & HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia.* Barueri: SBB, 2006.

NEIL, Stephen. *História das missões.* São Paulo: Edições Vida Nova, 1991.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento.* 2ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *A Bíblia de Mary Jones - o início do movimento das Sociedades Bíblicas.* Barueri: SBB, 2008.

VÁRIOS. *Deus, o homem e a Bíblia — João Ferreira de Almeida (1628-1691).* Lisboa, Sociedade Bíblica de Portugal: 1992.

www.missaoalem.org.br/clm/ [Sítio do Curso de Linguística e Missiologia – CLM – da Associação Linguística Evangélica Missionária – ALEM, para formação de missionários tradutores.]

www.sbb.org.br [Sítio da Sociedade Bíblica do Brasil na Internet.]www.sil.org/americas/brasil/ [Sítio da Sociedade Internacional de Linguística – SIL na Internet.] www.worldscriptures.org [Sítio das Sociedades Bíblicas Unidas na Internet, em que estão referenciadas as traduções bíblicas existentes.]

Interpretação da Bíblia para o homem de hoje

Lécio Dornas

"A maioria das pessoas preocupa-se com passagens da Bíblia que não entendem, mas as passagens que me preocupam são as que eu entendo."
Mark Twain

"O desenvolvimento de uma hermenêutica mais compassiva poderia proporcionar uma importante contranarrativa em nosso mundo contemporâneo."
Karen Armstrong

Introdução

A Bíblia é o livro maravilhoso, que tem a finalidade extraordinária e peculiar de viabilizar e de mostrar o caminho para a salvação, ensinando como viver a nova vida que Cristo oferece. Porém, para que sua missão seja completa, a Bíblia precisa ser interpretada e bem compreendida sobre o que ela quer dizer. E esta é a proposta deste texto: dar subsídios ao entendimento sobre a correta interpretação da Palavra de Deus para o homem do nosso tempo.

Vale a pena esclarecer o significado da palavra hermenêutica. A primeira acepção que encontramos no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* é:

ciência, técnica que tem por objeto a interpretação de textos religiosos ou filosóficos, esp. das Sagradas Escrituras.

A origem da palavra vem do grego "*hermenéuein"*, que significa "explicar" ou "interpretar". Esta palavra é usada na Bíblia em Jo 1.42; 9.7; Hb 7.2 e Lc 24.27. Peguemos, por exemplo, este último texto em Lucas:

E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras. (Lc 24.27, RA)

Vemos que as versões em língua portuguesa trazem o verbo "expor", (ARA) e "explicar" (ARC, NTLH e BAM – Bíblia Ave Maria).

A *Revised Standard Version*, em inglês, traz o verbo "interpretar":

And beginning with Moses and all the prophets, he interpreted to them in all the scriptures the things concerning himself.

A versão em castelhano chamada *Biblia Latinoamericana* também traz o verbo "interpretar":

Y les interpretó lo que se decía de él en todas las Escrituras, comenzando pór Moisés y luego todos los profetas.

Um substantivo formado do verbo grego "*hermenéuein"* é "*Hermes"*, nome dado ao deus grego que era o porta-voz ou intérprete dos outros deuses. Daí que em Atos dos Apóstolos nós lemos que, em Listra, depois que Paulo curou um homem que era aleijado de nascença e que o ouvia pregar, o povo começou a dizer que os deuses tinham descido em forma humana e chamaram a Barnabé de Zeus e a Paulo de Hermes, porque era ele quem falava:

Vendo a multidão o que Paulo fizera, levantou a voz, gritando em língua licaônica: Deuses em figura de homens baixaram a nós! Chamavam a Barnabé Zeus e a Paulo Hermes, porque era este quem dirigia a palavra. (At 14.12, BAM)

Pois bem, esta palavra "Hermes" (intérprete) está na base do verbo "*hermenéuein",* de onde vem a nossa palavra "hermenêutica", que é a ciência que se ocupa em interpretar os textos de natureza filosófica e religiosa.

1. Tríade revelatória

"Se eu a coloco a Bíblia abaixo de todos os livros,
ela é a que mantém todos eles, se eu a coloco no meio
dos outros livros, ela é a coração desses livros,
e se eu a coloco em cima dos outros livros, ela é a cabeça
e autoridade de todos os livros em minha biblioteca."
Rui Barbosa

O passo seguinte é entender como Deus gerenciou este processo que veio a culminar com a Bíblia. Uma das maneiras de referir-nos a esse processo é como tríade revelatória. São três momentos importantes e distintos que, para ser bem entendidos, relacionam-se com três termos teológicos:

Revelação

É o ato de Deus através do qual ele se dá a conhecer ao homem. Não é o homem que descobre Deus, mas é Deus quem se revela ao homem. Tudo o que podemos conhecer de Deus é o que ele mesmo desejou mostrar-nos.

Deus se revelou de várias formas, sendo as principais conhecidas como:

- **Revelação Geral** - Trata-se da revelação de Deus através da obra criada por ele. O Sl 19.1 registra: "O céu anuncia a glória de Deus e nos mostra aquilo que as suas mãos fizeram." (NTLH) Ou seja, através da natureza e de toda criação, podemos conhecer muito sobre Deus.
- **Revelação Especial** – Refere-se à revelação pessoal de Deus em Jesus Cristo. Como diz em Jo 1.18, "Ninguém nunca viu Deus. Somente o Filho único, que é Deus e está ao lado do Pai, foi quem nos mostrou quem é Deus" (NTLH). Então, Jesus Cristo revelou Deus aos homens de uma forma pessoal e especial, ou seja, revelou a salvação.

A chamada revelação geral não é suficiente para a salvação do homem, embora mostre muito da originalidade, criatividade, poder, governo, equidade e inúmeros outros atributos da pessoa de Deus.

Já a revelação especial abre ao homem a possibilidade de salvação, ao mostrar-lhe o amor perdoador de Deus e sua graça salvadora.

Inspiração

Definimos inspiração como o ato através do qual, pelo Espírito Santo, Deus capacitou homens a registrarem a sua revelação. A revelação de Deus deveria ser registrada a fim de perpetuar-se. Assim, Deus capacitou algumas pessoas a fazerem o registro. A expressão grega que aparece no Novo Testamento é *theópneustos*,

que literalmente seria “soprado por Deus”. Ela está em 2Tm 3.16 “Pois toda a Escritura Sagrada é **inspirada por Deus** e é útil para ensinar a verdade, condenar o erro, corrigir as faltas e ensinar a maneira certa de viver” (NTLH).

Então, Deus dirigiu pessoas a fazerem o registro fiel da sua revelação. Desta forma podemos afirmar que a Bíblia é o resultado da inspiração de Deus, ou ainda, que ela é o registro escrito da revelação de Deus. De forma mais simples, podemos dizer que a Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana.

Iluminação

Feita a revelação e provido o seu registro pela inspiração, surgiu a necessidade de preservar o entendimento. Com o passar dos tempos, as pessoas poderiam deturpar ou até mudar completamente o significado do registro. Assim, Deus providenciou uma forma de tornar pessoas habilitadas para o entendimento das Escrituras. Chamamos isso de iluminação. A definição diz que iluminação é o ato de Deus, através do qual, pela ação do Espírito Santo, ele capacita homens a entenderem o registro da sua revelação.

Sendo assim, a iluminação completa o processo revelatório de Deus. O próprio Senhor Deus, soberano do universo, está na gerência de todas as fases desse processo. Foi ele quem se revelou ao homem, quem inspirou o registro de sua revelação e, desde sempre, vem iluminando pessoas a entenderem esse registro, que está compreendido na Bíblia, a palavra de Deus em linguagem humana!

Agora estamos prontos para olhar um pouco o nosso relacionamento com esse Deus que governa o processo revelatório, sendo, também por isso, o verdadeiro autor da Bíblia.

2. O autor da Bíblia

“Eu acredito que a Bíblia é a melhor dádiva
que Deus deu à humanidade. Todas as coisas boas
do Salvador do Mundo nos são ditas através deste Livro.”
Abraham H. Maslow

Visto isto, vamos ver a questão da relação entre o leitor da Bíblia e seu autor em última instância. O relacionamento de uma pessoa com a Bíblia está diretamente ligado ao seu relacionamento

com Deus. Pois Deus é, pelo princípio da inspiração, o verdadeiro autor da Bíblia. A seguinte história ilustra bem isso:

Uma jovem comprou um livro na livraria e, chegando em casa, pôs-se a lê-lo. No entanto, a decepção veio logo nas primeiras páginas. O livro era chato demais. Tanto que ela sequer conseguiu vencer o primeiro capítulo. Frustrada, abandonou a leitura e colocou o livro na estante.

Passadas algumas semanas, essa jovem fez uma longa viagem de navio, num maravilhoso cruzeiro. Durante a viagem, numa das noites, ela conheceu um rapaz de outro país. Conversaram muito e, como acontece naqueles filmes de final feliz, nasceu ali um romance entre eles. Foi uma viagem linda, marcada por descobertas felizes. Terminando a viagem, eles tiveram de se despedir, trocaram os telefones e endereços e cada qual voltou ao seu país de origem.

Em casa, aquela jovem pensava no rapaz o tempo todo. Um dia, arrumando a casa, limpando a estante, ela encontrou aquele livro cuja leitura abandonara. Ao olhar bem para o nome do autor, uma grande surpresa: o rapaz por quem ela se apaixonara no cruzeiro era o autor do livro. A jovem não hesitou. Sentou-se na poltrona e começou, novamente, a ler o livro. Agora, sua percepção sobre a obra mudara totalmente. Que livro maravilhoso! Que leitura cativante! Que texto convidativo!

Veja bem: o livro era o mesmo, o autor, o mesmo também. Mas agora havia um diferencial: a jovem leitora estava apaixonada por quem escreveu. Agora o texto fazia muito mais sentido, pois aquela jovem estava envolvida afetivamente com o autor.

O que esta história quer nos ensinar é que a Bíblia fará mais sentido e sua leitura será mais fascinante para uma pessoa na medida em que ela se envolver com Deus, na proporção em que ela o amar de verdade. Leitores apaixonados por Deus "devoram" a Palavra de Deus. E, a partir deste sentimento de amor a Deus, todos podem e devem crescer em seu relacionamento com as Escrituras. É isso que trataremos a seguir.

3. Níveis possíveis de relacionamento com a Bíblia

"Uma pessoa que se privou do conhecimento da Bíblia

privou-se da melhor coisa que existe no mundo."
Woodrow Wilson

Existem pelo menos cinco níveis diferentes no relacionamento do homem com a Palavra de Deus. É muito importante entendermos isso, para que identifiquemos em qual deles nos encontramos. Só assim saberemos qual é o nosso próximo desafio. Ou seja, quando descobrimos em que nível estamos, já veremos para que patamar devemos caminhar, se desejamos crescer no conhecimento de Deus e de sua palavra.

Por outro lado, ao identificarmos em que nível está o nosso relacionamento com a Bíblia, passamos a entender as razões pelas quais mudanças que sabemos necessárias para as nossas vidas ainda não ocorreram. Pois, na verdade, cada nível tem um determinado potencial de transformação e de mobilização de nossas vidas. Assim, quanto mais crescemos na nossa relação com a Bíblia mais conhecemos de Deus e mais nos mobilizaremos nas mudanças que Deus deseja que experimentemos.

São os seguintes esses níveis:

Primeiro: Nível da percepção.

Para referir-nos a este nível, usamos o verbo OUVIR.

Muitas pessoas estão neste patamar, ou seja, tudo o que fazem com relação à palavra de Deus é ouvir. Tudo o que sabem da Bíblia é resultado do que elas ouviram de outras pessoas. Muitas têm sua fé e suas convicções espirituais subsidiadas tão-somente pelo que ouviram do púlpito, da televisão, do rádio, de professores de Escola Bíblica etc.

Embora este nível já seja suficiente para que uma pessoa encontre o caminho da salvação pela fé ("Portanto, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação a respeito de Cristo." – Rm 10.17, NTLH), o que revela a natureza extraordinariamente linda da Bíblia, o fato é que o ouvir é insuficiente para o crescimento espiritual sadio. Também merece menção o fato de que aqueles que estão neste nível da percepção vivem na dependência de outros. Inclusive por isso podem até estar crendo de forma errada ou em coisas erradas, pois podem ter

recebido ensinos eivados de equívocos, o que não é raro em nossos dias.

Segundo: Nível da constatação.

Para referir-nos a este nível, usamos o verbo LER.

Neste segundo nível, a pessoa não apenas ouve, mas também lê a Bíblia. Assim, os que estão neste patamar acham-se em posição melhor, pois não se limitam àquilo que os outros ensinam, mas têm o hábito de constatar por si próprios o que está registrado nas Escrituras. São como os bereanos, que ouviram com avidez a Palavra de Deus, ensinada por Paulo e Silas e examinavam diariamente as Escrituras, para constatar se as coisas eram mesmo como lhes foram anunciadas (At 17.11, RA).

Pelo fato de lerem e não apenas ouvirem, as pessoas neste nível de relacionamento com a Palavra de Deus ficam menos vulneráveis aos ensinos equivocados e heresias, sempre tão comuns e especialmente corriqueiras em nosso tempo. Sem dúvida, quem está no patamar da constatação encontra-se em posição melhor do que aqueles que apenas ouvem a palavra de Deus.

Terceiro: Nível da investigação.

Para referir-nos a este nível, usamos o verbo ESTUDAR.

Agora, a posição é bem mais elevada que as anteriores, pois as pessoas que se encontram neste nível não se contentam em ouvir e ler. Estas pessoas sentem necessidade de estudar. Aqui se encontram os que têm curiosidade e interesse investigativo. Não basta, para tais pessoas, saber o que está escrito. Elas têm a necessidade de descobrir o significado, a razão e o propósito do que está escrito. Por isso, estudam a Bíblia.

Este é um patamar muito importante, uma vez que abre ao estudante os amplos horizontes das Escrituras Sagradas, além de lhes conferir maior segurança quanto ao conteúdo e a forma da sua fé. Sabem o que estão crendo e podem fundamentar suas crenças com a palavra de Deus. No dizer do apóstolo Pedro, elas não apenas sabem declarar o que está escrito e em que acreditam, mas também podem explicar sobre a razão de suas convicções, como está escrito:

“estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1Pe 3.15, RA).

Estudar as Escrituras é a forma mais segura para se conhecer a verdade acerca de Deus e de sua relação com o ser humano. Alguém fez uma analogia entre nadar e mergulhar com ler e estudar: Nadar é permanecer na superfície, mergulhar é aventurar-se nas profundezas; nadar é esforçar-se por não afundar, mergulhar é desejar afundar o máximo possível. Ler é como nadar, estudar é como mergulhar. Quanto mais o estudante se aprofunda na investigação do texto, mais ele conhece acerca do que estava oculto. Por outro lado, o que atrai o leitor é o que ele já conhece, enquanto o investigador é atraído exatamente pelo que está por ser conhecido. O estudante quer descobrir, desvendar, deseja encontrar respostas, fundamentar crenças, solidificar conceitos, depurar convicções.

Infelizmente, o que se percebe ‘a olho nu’ é que poucos são os que se dispõem a realmente estudar a Bíblia em nossas igrejas hoje. Muitos sequer a leem. Por isso, convivemos com tanta confusão teológica, tantas imitações e falsificações religiosas e espirituais e um abismo cada vez maior entre o que se canta, prega e ensina e a vida no dia-a-dia.

Todo texto, do mais simples ao mais complexo, necessita da interpretação precisa que resulta do seu estudo. Até porque ao aplicar-se à tarefa investigativa das Escrituras, a pessoa logo descobrirá que, não poucas vezes, uma coisa é o que o texto aparentemente diz, outra coisa é o que o texto realmente quer dizer, especialmente à luz de seu contexto comunicativo. Deixe-me exemplificar isso de uma maneira prática:

Você está dirigindo seu carro e, de repente, num cruzamento, você vê uma placa com o símbolo **PARE**. A placa está ali e dali ela não vai sair. No entanto, você não fica parado naquele lugar a vida toda. Pelo contrário: você olha para os lados, se assegura da possibilidade de continuar e prossegue rumo ao seu destino. O que a placa diz (o que está escrito nela) é: PARE! Porém, o que a placa realmente quer dizer é: Pare, observe, veja se há segurança e, em sendo seguro, prossiga. Então, você interpreta que esta placa quer apenas lhe alertar a respeito de um possível perigo naquele local.

Assim também acontece com a Bíblia. Muitas vezes o que o texto quer realmente dizer é muito mais abrangente e relevante do que aquilo que um leitura rápida revela. Perceba, então, que para uma pessoa saber superficialmente o que o texto diz, basta uma leitura, mas para entender o que o texto quer dizer, isto é, o seu real e profundo significado, é necessário o estudo.

Quarto: Nível da reflexão.

Para referir-nos a este nível, usamos o verbo MEDITAR.

Chegamos então ao ponto mais fascinante que se pode vivenciar no relacionamento com a Palavra de Deus: a meditação.

O sentido de meditar, aqui, tem a ver com o estabelecimento de conexões dos princípios, valores e verdades eternas das Escrituras com as situações, dimensões e aspectos reais da nossa vida. A meditação orbita em torno de um olhar para dentro, quando a pessoa, depois que estudou a Bíblia e descobriu nela verdades extraordinárias, começa a olha para a própria vida buscando possíveis pontos de conexão. A pergunta com a qual tal pessoa trabalha diante de cada descoberta no estudo da palavra de Deus é: em que áreas da minha vida tal princípio se aplica? Quando esta pergunta é corretamente respondida, encontra-se o ponto de conexão.

Se o ouvir, o ler e o estudar demandam um tempo de dedicação exclusiva, requerem um determinado grau de concentração, já o meditar se dá precisamente na lida diária. É nos embates do cotidiano que a pessoa é desafiada a detectar pontos de conexão entre tais embates e o que ela conseguiu investigar das Escrituras.

A reflexão é, pois, o alicerce, a base, a estrutura preparatória para a construção da conduta. Por isso mesmo, só se torna possível meditar depois que acontece o estudo profundo e responsável da Bíblia Sagrada. A meditação deve ser constante.

É assim mesmo que entendemos a declaração do saltério segundo a qual homens felizes são aqueles que "… não se deixam levar pelos conselhos dos maus, que não seguem o exemplo dos que não querem saber de Deus e que não se juntam com os que zombam de tudo o que é sagrado! Pelo contrário, o prazer deles está na lei do Senhor, e nessa lei eles meditam dia e noite. Essas pessoas são como

árvores que crescem na beira de um riacho; elas dão frutas no tempo certo, e as suas folhas não murcham. Assim também tudo o que essas pessoas fazem dá certo" (Sl 1.1-3, NTLH).

Quinto: Nível da ação.

Para referir-nos a este nível, usamos o verbo PRATICAR.

Este é o último estágio em nosso relacionamento com a palavra de Deus. Agora, como consequência da meditação, é hora de se colocar em prática os ensinos da Bíblia.

A situação é a seguinte: quando uma pessoa estuda a Bíblia com responsabilidade e seriedade, descobre nela princípios, valores e verdades eternas, que têm potencial e estão lá exatamente para transformar sua vida. Logo, durante a reflexão tal pessoa correlaciona essas verdades eternas encontradas nas Escrituras com áreas e dimensões de sua vida. Agora precisa tomar a decisão de experimentar, de colocar o que aprendeu nas Escrituras na prática da vivência diária.

O grande desafio é a prática. Pois tudo o que está na Palavra de Deus visa a nossa vida. Deus quer nos aperfeiçoar e usa para isso o registro escrito da sua revelação, que é a Bíblia. Então, a pessoa que estudou e meditou está pronta agora para viver de maneira cristã.

É mais fácil entender agora a razão pela qual muita gente, mesmo estando há anos no convívio eclesiástico, não vive a Palavra, não pratica o que a Palavra ensina. A razão é que não estudam, não meditam e, logo, também não praticam o que Deus ensina em sua palavra. A ação necessitaria ter sido antecedida pela meditação e esta pela investigação. Como exortou Tiago em sua epístola: "Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos" (Tg 1.22, RA).

É aqui, na prática das Escrituras, que reside o segredo para que mudanças aconteçam na nossa mente e, consequentemente, na nossa conduta. Quando estudamos e meditamos nos princípios e valores eternos da Palavra de Deus, ensejamos a substituição de crenças em nossas mentes. Crenças mentirosas e inadequadas subsidiam o pecado em nossas vidas. Por isso, uma vez substituídas em nossas mentes pelas verdades perenes da Lei do Senhor, abrem caminho

para uma nova maneira de viver, esta sim, que agrada ao nosso Pai. Então, renovados pela mudança de nossas mentes, sendo agora guiados pelos valores da Palavra Santa, começamos a viver dentro da vontade de Deus, que é boa, agradável e perfeita. É exatamente isso que o apóstolo Paulo expressou ao escrever: "Não vivam como vivem as pessoas deste mundo, mas deixem que Deus os transforme por meio de uma completa mudança da mente de vocês. Assim vocês conhecerão a vontade de Deus, isto é, aquilo que é bom, perfeito e agradável a ele" (Rm 12.2, NTLH).

Sendo assim, é muito importante que cada pessoa identifique, com honestidade, em que nível se encontra em seu relacionamento com as Escrituras. A partir daí a atitude correta é tomar a decisão de galgar os patamares seguintes e crescer em seu relacionamento com a Bíblia. Em assim fazendo, cada pessoa estará na direção certa, ou seja, rumo à prática da Palavra de Deus e à vida abundante que reina no centro da sua vontade.

Isto posto, podemos ver agora o porquê e a necessidade da hermenêutica bíblica.

4. A necessidade da interpretação da Bíblia

"A Bíblia não é somente um grande livro de referências históricas,

mas é também o guia para a vida diária e por esta razão eu a respeito e amo."

Hailé Selassié

Você pode estar indagando se a questão da interpretação das Escrituras é válida e faz diferença uma vez que a cada dia surgem mais igrejas, dando a impressão que não há um consenso entre elas.

Muitos acham que basta abrir a Bíblia a esmo, ler e cada um tirar as suas próprias conclusões. Pode parecer estranho, mas este uso simplório da Bíblia tem sido muito comum. Porém, veremos agora que o texto bíblico precisa de interpretação pelo menos por causa das seguintes questões:

4.1. A questão da distância cronológica

A Bíblia não foi escrita ontem. Seus documentos não foram produzidos na semana que passou. Estamos muito distantes do

momento histórico em que os textos sagrados foram produzidos. Nesse aspecto, em termos gerais, podemos dizer que os textos mais antigos da Bíblia foram produzidos há cerca de 3.500 anos (considerando-se os primeiros registros em documento) e os últimos há mais de 1.900 anos. É claro o fato de estarmos longe cronologicamente do texto bíblico. Por isso não basta abrir e ler; é preciso interpretar.

4.2. A questão da distância geográfica

Todo texto bíblico foi produzido no Oriente e nós estamos no Ocidente, portanto, distantes do local em que estes textos foram produzidos. Geograficamente falando, se tomarmos um mapa do mundo antigo, vamos observar o quanto é diferente do mapa-múndi que temos hoje, e foi naquele mundo que os textos bíblicos nasceram. É claro que as coisas não acontecem lá no Oriente da mesma forma que no Ocidente. Então, estando nós arraigados à realidade ocidental, só poderemos entender bem o texto bíblico se o interpretarmos à luz de sua natureza oriental.

4.3. A questão da distância cultural

As culturas no meio das quais os textos foram gerados eram muito diferentes em diversos aspectos da nossa cultura brasileira hoje. Portanto, há necessidade de uma interpretação séria e correta para que a Bíblia seja plenamente compreendida nos dias de hoje. Desse ponto de vista, temos os aspectos sociais diferentes. A sociedade da época, suas cidades, o meio de vida, a convivência entre os povos era completamente diferente da de nossos dias.

Ainda hoje há lugares em que os conceitos culturais são diferentes. Por exemplo: "favela" é algo bem conhecido em nosso país. Faz parte da realidade de nossas cidades e praticamente todas as pessoas no Brasil conhecem essa palavra e sabem o que ela significa. Mas "favela" pode não significar nada para pessoas de outras culturas. Se formos falar de "favela" em outros países, precisaremos explicar melhor a palavra.

Muitas palavras na Bíblia, que em nosso código contemporâneo entendemos serem certas coisas, nos tempos bíblicos e naquela realidade social tinham outro significado.

Os aspectos políticos dentro dessa dimensão cultural também fazem diferença. Para se interpretar a Bíblia corretamente é preciso conhecer o modo de organização dos povos e a política de governo do momento em os textos bíblicos nasceram.

Na questão cultural os aspectos econômicos, os valores, as moedas, a forma usada no comércio como pagamento, os tributos existentes, tudo isso precisamos levar em conta, porque eles constam dos textos bíblicos.

Assim, entendemos facilmente que, em função das distâncias existentes entre a Bíblia – seu tempo, seu contexto histórico e sua cultura – e nós, a única forma de que dispomos para entendê-la com precisão é através de seu estudo cuidadoso e de sua correta interpretação.

No entanto, para que uma pessoa empreenda uma interpretação sadia e precisa das Escrituras, necessitará fazê-lo a partir de alguns requisitos básicos, indispensáveis.

5. Requisitos básicos para a interpretação da Bíblia

"A Bíblia não é um livro qualquer, mas sim uma Criatura Viva,

com um poder que conquista tudo o que se opõe a ela."

Napoleão Bonaparte

5.1. Ter uma mente humilde e submissa ao Espírito Santo

Cremos que assim como Deus esteve na gerência da revelação (porque ele se revelou), da inspiração (porque ele capacitou e moveu homens a registrarem o texto), Deus também está na gerência da interpretação ou da iluminação através da qual ele capacita as pessoas ao entendimento da sua palavra. Portanto, a primeira atitude do intérprete (e que deve ser a mesma do tradutor bíblico) é humildade e submissão à direção do Espírito Santo, à sua gerência nesse processo. Conquanto seja uma tarefa também humana, a interpretação não pode prescindir dessa submissão à liderança do Espírito Santo de Deus.

5.2. Crer que a Bíblia é a Palavra de Deus e encerra sua completa revelação

Dizemos que a Bíblia é o resultado do processo de inspiração – a palavra de Deus em linguagem humana. Precisamos crer nisso! Se eu não creio que a Bíblia é a Palavra de Deus, que ela encerra a sua completa revelação, terei dificuldades na interpretação dos textos sagrados.

5.3. Conhecer e aplicar os princípios de interpretação da Bíblia

Existem princípios que devem ser levados em consideração, sabendo que a Bíblia é um livro complexo no sentido de sua constituição, da sua redação, da sua transmissão, do modo como foi passando de geração em geração. Só há possibilidade de interpretação da Bíblia se houver uma metodologia correta, se me acercar de ferramentas científicas que me garantam com precisão que eu chegarei o mais perto possível de uma interpretação precisa do significado bíblico.

6. Erros comuns na interpretação da Bíblia

"Que o homem progrida quanto quiser, que todos os ramos do conhecimento humano se desenvolvam ao mais alto grau,

coisa alguma substituirá a Bíblia, base de toda a cultura e de toda a educação."

Immanuel Kant

Ao tentar interpretar a Bíblia sem levar em conta requisitos como os que acabamos de expor, muitos acabam incorrendo em alguns lamentáveis e prejudiciais erros de interpretação. Procuramos reunir aqui alguns desses equívocos hermenêuticos, por serem recorrentes, com o propósito duplo de: primeiro: alertar o intérprete e motivá-lo a não aceitar atalhos para a consecução do seu trabalho; e, segundo: animá-lo a persistir na trilha da disciplina investigativa, sempre respaldada pelo uso dos princípios de interpretação que veremos logo a seguir.

Observe agora algumas das chamadas armadilhas hermenêuticas mais comuns:

6.1. Tomar o não explicado por inexplicável

O fato de um pensamento bíblico não ter sido ainda completamente explicado não significa que nunca o será. Um dos

grandes desafios da hermenêutica bíblica é exatamente nunca esmorecer diante de dificuldades.

A atitude correta do intérprete diante de tais situações deve ser a de um estudante incansável, disposto a pesquisar até que encontre explicações adequadas, coerentes e consistentes para compreender a mensagem bíblica. Jamais se deve seguir pelo atalho da acomodação, tampouco pelo da suposição infundada.

6.2. Partir do princípio de que a Bíblia está errada

Esta é uma postura adotada por muitos críticos da Bíblia. Para eles, a Bíblia está errada até que se prove o contrário. Já começam o trabalho investigativo com o preconceito instalado na mente.

É claro que tal postura agride o modo como, em geral, lidamos com os fatos e as informações, pois normalmente os vemos, em princípio, como corretos, e partimos para pesquisa abertos ao que o estudo da Bíblia nos revelará.

O correto, no entanto, deve ser presumir que a Bíblia, como qualquer outro livro, está nos dizendo o que os autores disseram e ouviram. Assim, despidos de qualquer preconceito, o intérprete consegue realizar o seu trabalho com chances maiores de permanecer na trilha da verdade.

6.3. Confundir interpretação humana e revelação de Deus

A Bíblia é o registro escrito da revelação de Deus. Este registro foi uma tarefa divino-humana. Assim, a parte divina nós chamamos de inspiração. Foi o ato de Deus através do qual ele, pela ação do Espírito Santo, capacitou homens a registraram a sua revelação.

Não há falhas na inspiração, mas existe a parte humana. O registro foi feito por homens e, devido às limitações da linguagem humana, não se consegue comunicar tudo de forma cabal. Além disso, temos a transmissão do texto ao longo dos tempos, as traduções etc. Todas estas etapas são eminentemente humanas.

Então, não é prudente nos apressar em considerar que um determinado preceito científico, mesmo que hoje bem aceito, seja a palavra final acerca do assunto em questão. Até porque muitas teorias que foram aceitas no passado hoje não mais o são. Sendo assim, pode haver contradições entre o que as pessoas pensam de um

modo geral e as interpretações mais aceitas da Bíblia. No entanto, isso não significa que exista uma contradição ou antagonismo entre a revelação de Deus e o seu registro, a Bíblia.

6.4. Usar passagens obscuras para fundamentar a interpretação

Há na Bíblia passagens cuja compreensão ainda não pôde ser aclarada em função de vários fatores, como a presença de palavras e expressões pouco ou raramente utilizadas, alusão a fatos ainda não conhecidos etc. Tais passagens comportam sempre um sem número de sugestões, todas bem embasadas e fundamentadas. Em muitos casos, várias sugestões fazem sentido no contexto da passagem, porém, até o momento não se pode afirmar com exatidão o real sentido do texto em questão.

Um exemplo, que encontramos na literatura sobre Hermêutica, é o texto da oração do Senhor, em Mt 6.11, onde temos a palavra grega *epioúsion, traduzida por "de cada dia"* nas versões ARC e na ARA, mas por *"que precisamos"* na NTLH. Esta palavra só aparece nesse texto bíblico. Não ocorre nenhuma vez nem na literatura grega da época em que o Novo Testamento foi escrito. Esse fato dificulta muito o entendimento exato do sentido de *epioúsion*. Além das mencionadas, eis algumas outras sugestões plausíveis que têm sido feitas: "Nosso pão incessante dá-nos hoje"; "Nosso pão sobrenatural (indicando um pão espiritual, do céu) dá-nos hoje"; "O pão para o nosso sustento dá-nos hoje" e "O pão nosso de cada dia (ou, o que necessitamos para hoje) dá-nos hoje". O sentido exato, no entanto, é ainda desconhecido.

Pois bem, não é salutar, tampouco prudente, ancorar interpretações em passagens com sentido ainda obscuro. Jamais devemos escorar nessas passagens afirmações doutrinárias, como também não devemos supor que estejam em contradição com outras passagens cujo sentido seja bem mais claro. Passagens mais claras, aliás, ajudam a interpretar as obscuras.

Muito bem, obedecendo aos requisitos básicos e tomando cuidado com as armadilhas interpretativas, o intérprete da Escrituras vai precisar conhecer as regras com as quais deverá lidar no afã de

descobrir as riquezas da Palavra de Deus. É isso que veremos a seguir.

7. Princípios de interpretação da Bíblia

"A Bíblia vale a soma de todos os outros livros que já se imprimiram."

Patrick Henry

Convencionou-se chamar de princípios de interpretação bíblica o conjunto de regras que norteiam o intérprete na sua tarefa investigativa. Tais regras ou princípios o ajudam a não errar no entendimento das Escrituras.

Não é raro vermos e ouvirmos pregadores cometendo equívocos enormes, afirmando absurdos, ensinando coisas que a Bíblia nunca pretendeu sugerir. Vemos logo que não houve um trabalho investigativo sério, usando as regras da hermenêutica.

São cinco os princípios que devem orientar o trabalho do intérprete:

- Princípio do contexto
- Princípio histórico
- Princípio gramatical
- Princípio teológico
- Princípio prático

A partir daqui vamos cuidar de cada um desses princípios. Para cada princípio, colocaremos logo de início um enunciado que pretende esclarecer de imediato a sua função.

7.1. Princípio do contexto: Todo texto bíblico precisa ser interpretado à luz do seu contexto.

É um princípio universal de interpretação da Bíblia. Se eu quero conhecer o que a Bíblia está dizendo em um texto, não posso interpretá-lo desconhecendo o seu contexto. Primeiro, identificamos o contexto imediato e o contexto amplo.

7.1.1. Contexto imediato

Trata-se do capítulo onde o texto se insere e dos capítulos que antecedem e sucedem o texto.

7.1.2. Contexto amplo

Abrange uma área maior de Escritura que leva em consideração todo o livro que se estuda ou até o pensamento geral do autor. Para interpretar corretamente alguns textos bíblicos, precisa-se lançar mão de outros textos bíblicos daquele mesmo autor, a exemplo de Paulo, que escreveu diversas epístolas. Muitas vezes você precisará ler outras de suas cartas ou até um de seus sermões registrados no livro de Atos para lançar luz e interpretar corretamente um determinado texto. Este é o primeiro princípio e de pronto é o princípio mais desrespeitado em nosso tempo. Muitas doutrinas são sugeridas e formuladas com base em textos isolados, retirados do seu contexto, o que vem causar muitas vezes confusão na mente das pessoas.

Recentemente, li um artigo sobre interpretação da Bíblia no qual o autor falava sobre um caso interessante. Um marido, que interpretou o texto de Gênesis para a esposa grávida, afirmava que ela não poderia ter um parto cesariano e sim natural, pois a Bíblia diz: "com dores darás à luz filhos" (Gn 3.16). A esposa não pôde refutar, porque o texto realmente afirma isso. Mas a esposa não deixou por menos. Seu esposo era um advogado muito conceituado, tinha um lindo escritório e, quando ele chegou para trabalhar no dia seguinte, o ar condicionado havia sido retirado da parede de sua sala. Ele ficou furioso e, em meio ao calor, perguntou quem havia retirado o aparelho de ar. Alguém lhe respondeu: "— Sua esposa mandou tirar o ar". Imediatamente, ele ligou para a esposa e perguntou: "— Querida, por que você mandou retirar o condicionador de ar daqui da minha sala?" E ela respondeu: "— Meu querido, como você sabe, a Bíblia diz que "com o suor do seu rosto ganharás o teu pão".

Veja este outro caso: o texto de Lc 18.12 diz: "Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto possuo…" Com base nesse versículo, uma denominação lançou uma campanha com a seguinte proposta: "a razão porque você não é abençoado é porque você não está dando o dizimo de tudo que você possui. Não basta dar o dízimo do que você ganhou, é preciso entregar de tudo quanto você possui, isto é, do seu apartamento, do seu carro, etc." Esse suposto ensino foi tomado da parábola do fariseu e do cobrador de impostos,

em que Jesus compara a atitude e a oração de cada um. A oração do cobrador de impostos foi aceita e ele foi justificado, mas a do fariseu não. Se olharmos bem o contexto, no verso 12, quem fala é o fariseu. A afirmação "dou o dízimo de tudo quanto possuo" saiu da boca de alguém cuja oração não foi aceita, mas alguém tomou essas palavras da oração do fariseu para formular um ensinamento, uma doutrina, sugerindo uma atitude ou compromisso por parte dos membros da igreja. O que é isso? É usar o texto fora do contexto como pretexto. Isto é um pecado contra o primeiro princípio de interpretação.

Outro texto que muitos usam fora do contexto é o texto de Paulo registrado em Fp 4.13: "Posso todas as coisas naquele que me fortalece". Será que Paulo estaria sugerindo que você pode fazer qualquer coisa inconsequentemente, como pular de uma ponte num rio sem saber nadar? Ou se lançar na frente de um carro numa autoestrada e nada acontecer? É óbvio que não! Quando se lê o contexto no qual Paulo escreveu isso, se entende logo que Paulo não está dizendo que é super-homem. Pelo contrário, é uma afirmação de sua humanidade e de sua dependência de Deus. Paulo diz: já experimentei tempos de carência e tempos de abastança, já fui testado em tudo e em todas as coisas o Senhor tem estado comigo e me tem fortalecido!

Quando o contexto é usado, a interpretação do texto é muito mais fácil e coerente. Mas quando o contexto é desconsiderado, a interpretação do texto pode sair errônea e até ser manipulada, fugindo do sentido verdadeiro.

7.2. Princípio histórico: Todo texto bíblico precisa ser interpretado
à luz do seu contexto histórico.

É preciso mergulhar na história, entender a história do texto e compreender quem é quem na história.

7.2.1. Aspecto geográfico

Compreender o significado de cada termo geográfico referido em um texto, se é uma cidade, um país, uma região, uma aldeiazinha, um rio, um mar, uma montanha. Se omitirmos esses detalhes, corremos o risco de ferir o sentido real do texto e então, como alguns erroneamente já o fizeram, podemos até achar que Naim era o nome

do falecido esposo da viúva (Lc 7.11), e não o nome de uma cidade bíblica que ficava na Galileia.

7.2.2. Aspecto social

Ao abrir o Novo Testamento, encontramos muitas menções a dois grupos não mencionados no Antigo Testamento: os fariseus e os saduceus. Quem são eles? Serão partidos políticos ou seitas? Ou quando a Bíblia fala sobre os pobres, os miseráveis, os injustiçados, refere-se a que estilo de vida, a que grau ou circunstância de vulnerabilidade social? E quando o profeta fala sobre "a causa da viúva" (Is 1.23), a que causa se referia?

7.2.3. Aspecto econômico

Quando se menciona na Bíblia sobre a mulher que entregou um *lepto*, o que seria isso? E um efa de farinha, que forma de medida é essa? Que implicação tem isso hoje? Podemos compará-los a quê? Quando tudo isso é descoberto, o texto é entendido e fica claro e, ficando claro, é mais fácil de colocar em prática.

Observemos este texto para elucidação: "Deixou a Judeia e foi para a Galileia, e era-lhe necessário passar por Samaria…" (Jo 4.3-4). O texto está se referindo a Jesus. Há uma afirmação nesse texto. Que afirmação é essa? Geográfica, teológica ou espiritual? Observe um mapa da Palestina no tempo do Novo Testamento e você vai ver que Jesus está na Judeia (no Sul) e queria ir para a Galileia (no Norte). No centro está Samaria. Observando o mapa, descobrimos que a única maneira de Jesus chegar à Galileia era passando por Samaria, que se localizava no caminho entre a Judeia e a Galileia. Logo, "era-lhe necessário passar por Samaria…" é uma informação de caráter geográfico, não teológico nem espiritual. Passar por Samaria era o caminho natural para a Galileia. Mas claro que, ao passar por ali, Jesus encontrou demandas espirituais, como as reveladas no encontro com a mulher samaritana que tirava água no poço de Jacó e cuja vida foi transformada após seu diálogo com o Salvador.

7.3. Princípio gramatical: Para se interpretar um texto, é preciso se levar em conta as línguas bíblicas e seu uso, bem como os diferentes estilos literários da Bíblia

Os livros da Bíblia foram originalmente escritos em hebraico, aramaico e grego. Além disso, os livros da Bíblia apresentam uma variedade e uma combinação riquíssima de estilos literários. É essencial ter isso em mente para interpretar corretamente a Bíblia.

7.3.1. As línguas bíblicas

Isso nos remete a quatro realidades diferentes:

- *As próprias línguas* – Não estamos privados de conhecê-las porque temos os dicionários, os léxicos, as gramáticas e muitos outros recursos;

- *As palavras mudam seu significado* – sofrem alterações. Se não acompanharmos essas mudanças corremos o risco de interpretar erroneamente a mensagem bíblica;

- *As traduções da Bíblia* – como conferir credibilidade maior a esta ou aquela tradução? Não é qualquer pessoa ou instituição que pode lançar-se de qualquer maneira à tarefa de tradução da Bíblia. É uma tarefa espinhosa, uma tarefa intensa, que leva anos a fio. Uma tarefa que exige muita precisão, muito cuidado. Infelizmente, o aspecto mercadológico e econômico tem influenciado nisso e o resultado é o surgimento de versões que são traduzidas de Bíblias em outros idiomas, e não das línguas originais (exemplo: traduções de Bíblias do inglês para o português). Como intérprete da Bíblia, você precisa ter à mão Bíblias cuja tradução foi feita a partir dos textos nas línguas originais. Não se compra uma Bíblia só pelo nome ou pela beleza da encadernação.

- *A leitura correta da Bíblia* – Muita gente entende de forma errada a Bíblia porque está lendo errado. Em nosso vernáculo, existe a pontuação que, numa leitura bíblica, particular ou em público, precisa ser respeitada para que uma boa interpretação do texto seja feita. Preste atenção neste episódio: certa vez, ouvi um pastor num programa de rádio anunciar o tema de sua pregação: "Os ombros gostosos de Jesus". O pregador se baseava no texto da parábola da ovelha perdida (Lc 15), em que o pastor deixa as noventa e nove ovelhas no aprisco, vai buscar a que se perdeu e, ao encontrá-la, volta com ela em seus ombros – gostoso! O texto está se referindo à felicidade do pastor (quando encontrou sua ovelha perdida) e não aos

ombros do pastor. Você percebe a diferença? O tema desse sermão bem poderia ser: "A felicidade de se encontrar quem se achava perdido!"

- *Os estilos literários da Bíblia* – O estilo literário também integra a questão do princípio gramatical. Na Bíblia, encontramos diversos tipos de literatura: histórica, poética, legal (as leis), profética, biográfica, epistolar (cartas) e apocalíptica. Cada um desses gêneros vai requerer do intérprete um cuidado especial. Por exemplo: no gênero poético encontramos metáforas, figuras de linguagem e simbolismos. Isso significa que a maneira que o intérprete trabalha com a literatura poética não é a mesma que com um texto histórico. O histórico é mais literal, objetivo, com significados e fatos mais concretos. Cada gênero literário vai exigir um esforço especial do intérprete.

A literatura apocalíptica, por exemplo, como presente em Daniel, nas visões de Ezequiel e no Apocalipse, é cheia de símbolos e de expressões que são compreendidos com uma observação aguçada, isto é, prestando atenção naquilo que está por trás do que está escrito.

Em função de a Bíblia trazer em seu escopo uma gama imensa de estilos literários, todos os grandes escritores e intelectuais reconhecem de pronto o valor do seu conteúdo. Não existe nada que se assemelhe à Bíblia em questão de estilos literários. Todas as nações do mundo reconhecem a grandeza dos códigos de leis existentes na Bíblia e têm-na como base de sustentação legal às suas leis morais e cívicas.

Como cristãos, entendemos que Deus preservou a sua palavra ao longo dos séculos, e o fez de forma bela e variada no que tange aos estilos literários. A riqueza literária da Bíblia é de valor incalculável!

Só como exemplo da riqueza e da abrangência literária da Bíblia, vejamos a presença de algumas das chamadas **figuras de linguagem e de pensamento**:

- **Símile** – Estabelece um termo de comparação entre dois elementos através de uma qualidade. É uma comparação expressa.

Exemplos: Sl 1.3; 2.9b; 102.6; Pv 25.11; Is 1.8; 57.20; 1Pe 1.24; 2Pe 2.17.

- **Metáfora** – É uma comparação abreviada. Consiste em assemelhar um objeto ao outro, afirmando ser o outro, ou falando de si como se fosse o outro. Exemplos: Gn 49.9; Sl 23.1; 71.3; 84.11; Is 40.6; Mt 5.13-14; 6.22; 26.26; Jo 6.51; 10.9; 14.6; 15.1.

- **Alegoria** – É uma sequência de metáforas. Exemplos: Sl 80.8-15; Is 5.1-7; Jo 6.51-65; Jo 10.1-18.

- **Parábola** – É uma espécie de alegoria apresentada sob a forma de uma narração relatando fatos naturais ou acontecimentos possíveis, sempre com o objetivo de declarar ou ilustrar uma ou várias verdades importantes. Exemplos: Mt 13.3-8; Mt 13.24-30; Lc 18.1-7; Lc 18.10-14.

- **Antropopatia** – É a atribuição de emoções, paixões e desejos humanos a Deus. Exemplos: Gn 6.6; Êx 34.14; Dt 13.17; Ef 4.30.

- **Antropomorfismo** – É a atribuição de características corporais e atividades físicas a Deus. Exemplos: Êx 15.16; Sl 34.16; 10.12; 8.3; Lm 3.56; Tg 5.4.

- **Metonímia** – Consiste em designar um objeto por uma palavra designativa de outro objeto que tem com o primeiro uma relação de causa/efeito; continente/conteúdo; lugar/produto; matéria/objeto; abstrato/concreto; autor/obra (a relação é mais mental do que física). Exemplos: 1Ts 5.19 (“Não extingais o espírito” refere-se às manifestações especiais do Espírito); Jz 12.7 (faltou indicar exatamente o nome da cidade); Lc 16.29 (“Moisés e os Profetas” designa os escritos deles; uma alusão ao Antigo Testamento); Sl 18.1-7; Jr 18.18; At 23.37; 1Co 10.2.

- **Sinédoque** – Figura que se funda na relação de compreensão e consiste no uso do todo pela parte, plural pelo singular, gênero pela espécie e vice-versa (a relação é mais física do que mental). Exemplos: Sl 73.9 (língua = palavra); Sl 52.4 (língua está no lugar da pessoa); Jo 13.8 (lavagem dos pés = purificação da alma); Pv 1.16; Lc 2.1; At 24.5; 1Co 11.26.

- **Personificação** – Quando se atribui ações ou feito de pessoas a coisas inanimadas. Exemplos: Jó 12.7-8; Is 55.12; 1Co 15.55; 1Pe 4.8.

- **Zoomorfismo** – Atribuição de características animais a Deus. Exemplos: Rt 2.12b; Jó 12.7-8; Is 55.12; 1Pe 4.8.

- **Eufemismo** – Consiste em disfarçar, abrandar, suavizar expressões rudes, chocantes, desagradáveis. Exemplo: At 7.60.

- **Ironia ou Antífrase** – Expressão que contém censura ou ridículo sob a capa de louvor ou elogio (consiste em dizer o contrário do que pensamos e geralmente em tom de zombaria). Exemplos: 2Sm 6.20; 1Rs 22.15; 18.27; Jó 12.2; 1Co 4.6,8; 2Co 11.5,13; 12.11.

- **Hipérbole** – É um exagero que extrapola o sentido literal para destacar a ideia e chamar a atenção. Exemplos: Gn 22.17; Nm 13.33; Dt 1.28; 2Cr 28.4; Jó 21.25; Sl 119.136.

- **Litotes** – Afirmação moderada que suaviza o sentido literal. É o oposto da hipérbole. Exemplos: Sl 51.7; Is 45.3; 1Ts 3.2b.

- **Pergunta retórica ou interrogação** – Figura pela qual o orador se dirige ao seu interlocutor, ou adversário, ou político, em tom de pergunta, sabendo de antemão que ninguém vai responder. Exemplos: Gn 18.25; Am 3.3-4; Rm 8.33-34; Hb 1.14.

- **Pleonasmo** – É a palavra ou expressão redundante: repetição da mesma ideia, com a finalidade de reforçar e avivar a expressão e o pensamento. Exemplos: Js 7.25; 1Rs 21.13; Jó 42.5; Mt 13.15; At 2.30.

- **Antítese** – É a inclusão na mesma frase de duas palavras ou dois pensamentos em que um faz contraste com o outro (o mau e o falso servem de contraste ou fundo que dá realce ao bom e ao verdadeiro). Exemplos: Dt 30.15,19; Mt 7.13-14,17-18,21-23,24-27; 2Co 3.6-18 (antiga aliança e nova aliança; Lei e Evangelho).

- **Paradoxo** – É uma proposição ou declaração oposta à opinião comum; uma afirmação contrária a todas as aparências e, à primeira vista, absurda, impossível ou contrária ao sentido comum. Exemplos: Mt 16.6; Lc 9.60 (explicação nos vs. 61-62); Mt 23.2; Lc 18.25; Mc 8.35.

7.4. Princípio teológico: Todo texto bíblico está inserido num contexto teológico que precisa ser identificado e analisado

Na Bíblia, Deus se manifesta em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Os intérpretes são unânimes quando afirmam que Jesus Cristo é a chave hermenêutica da Bíblia. Todos os textos da Bíblia, de alguma maneira, vão estabelecer uma relação com Jesus, porque a finalidade da Bíblia é levar a pessoa à salvação e fazê-la viver a nova vida em Cristo.

Cada texto da Bíblia faz uma afirmação extraordinária sobre Deus e o modo como ele se relaciona com o ser humano. Todo intérprete cuidadoso da Bíblia estará atento ao detalhe de perceber e entender todas as informações de caráter teológico-doutrinário sobre o Deus Triúno, sobre a salvação em Cristo Jesus, sobre o novo nascimento e a nova vida guiada pelo Espírito Santo, sobre a criação, sobre o ser humano e sobre a vida eterna.

Observe, por exemplo, a riqueza do Sl 8, no qual estão presentes afirmações profundas sobre a pessoa de Deus:

"Ó SENHOR, Senhor nosso,
quão magnífico em toda terra é o teu nome!
Pois puseste nos céus a tua majestade.
Da boca de pequeninos e crianças de peito
suscitaste força, por causa dos teus adversários,
para fazeres emudecer o inimigo vingador.
Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos,
e a lua e as estrelas que estabelecestes,
que é o homem, que dele te lembres?
E o filho do homem, que o visites?
Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus
e de glória e de honra o coroaste.
Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão
e sob seus pés tudo lhe puseste".

Este é um texto teológico cheio de afirmações maravilhosas sobre os atributos de Deus.

Além deste aspecto de identificar o conteúdo teológico dos textos bíblicos, o intérprete precisa saber ler teologicamente a Bíblia. Precisa saber enxergar as porções teológicas, acompanhar o desenvolvimento do pensamento teológico dos autores dos textos.

7.5. Princípio prático: Todo texto bíblico precisa ser interpretado com vistas à sua aplicação ao homem de hoje

Este é o princípio que amplia nossa visão sobre o caráter transformador da Bíblia. A Bíblia não foi revelada e inspirada apenas para nos informar, mas também para nos transformar quando suas lições são devidamente aplicadas à nossa vida hoje.

Quando lemos o texto sobre o dilúvio e nos deparamos com todos aqueles detalhes ditados por Deus a Noé para a construção da barca, precisamos saber que o objetivo de Deus com aquela história não é apenas mostrar como foi construída uma embarcação, nem podemos fazer daquela história apenas um tratado de engenharia naval ou preservação ecológica. O intento primeiro do texto é trazer uma mensagem teológica relevante para a nossa vida e dos que nos cercam hoje. A questão ali é espiritual. A história do dilúvio e da salvação de Noé e de sua família é sobre o relacionamento de Deus com o ser humano. Conscientes disso, somos capazes de enxergar os princípios eternos existentes naquele texto, princípios como o de que Deus cumpre sua palavra e exerce disciplina e juízo (o dilúvio propriamente dito), de que Deus é misericordioso (a salvação de Noé e de sua família), de que a razão da existência do ser humano é adorar a Deus (Noé constrói um altar após o dilúvio). Esses princípios são perenes e podem ser aplicados em qualquer lugar, para todos os povos!

Os princípios eternos são aplicáveis a qualquer um de nós. Boa teologia é aquela que encontra e aplica estes princípios eternos do jeito que qualquer pessoa entenda. Por isso, costumo dizer que teologia eficaz é aquela que, a partir do mergulho na palavra de Deus, filtra e destila as verdades eternas que transformam todo homem em qualquer circunstância e lugar de acordo com a vontade de Deus.

Sabendo quais são os princípios de interpretação e buscando fazer uso de cada um deles, o estudante criterioso deve estar consciente de que precisará construir uma ponte entre o mundo da Bíblia e o homem de hoje. Só assim sua interpretação será relevante e terá real valor para os nossos dias. Damos a essa ponte o nome de aplicação. Muita informação sobre a Bíblia não é o suficiente para que mudanças ocorram na vida das pessoas. Aplicação é de fundamental importância. Vejamos, por isso, alguns critérios para uma boa aplicação dos princípios bíblicos nas nossas vidas.

8. Critérios para a aplicação da palavra de Deus

"O vigor da nossa vida espiritual está na proporção exata do lugar que a Bíblia ocupa na nossa vida e nos nossos pensamentos. Faço esta declaração, solenemente, baseado na experiência de cinquenta e quatro anos."
George Müller

8.1. Conhecer o homem de hoje

O homem de hoje está sempre correndo em busca de alguma coisa. É agitado, cheio de preocupações com problemas e pesos. Traz angústia na alma. A Bíblia tem a resposta.

Nosso tempo é marcado pela hegemonia da informação, pela predominância da velocidade. Isso torna o comportamento do homem bem diferente do de outras épocas. O ser humano de hoje é bem peculiar. Se o intérprete não conhecer bem este homem, nunca conseguirá trazer os valores da Bíblia para a sua vida hoje.

8.2. Conhecer o mundo de hoje

Os tempos mudaram. A criança hoje é muito mais informada do que a criança de ontem. Ela está exposta a uma gama imensa de conhecimentos através dos meios de comunicação e isso vai exigir muito mais do intérprete da Bíblia. Se ele ficar apenas com a Bíblia sem se importar em conhecer o mundo e o homem de hoje, ele se tornará um religioso inútil. No entanto, se ele ficar apenas no conhecimento do mundo de hoje, ele se tornará uma pessoa cética e secularizada, distante de Deus. O intérprete precisa estar atento ao equilíbrio entre entender o mundo e o homem de hoje e compreender corretamente a palavra de Deus, a fim de aplicá-la às necessidades

da criança, do adolescente e do adulto do mundo atual, conhecendo e falando sua linguagem, vivendo seus costumes, participando assim do mundo de cada um e tornando a Bíblia e seu ensino relevantes a todas as pessoas.

8.3. Fazer a ponte entre o mundo da Bíblia e o nosso mundo

Você tem, de um lado, o mundo da Bíblia e, de outro lado, o homem de hoje. É necessário fazer essa ponte entre eles, aplicando não os rudimentos culturais, as tradições culturais e os costumes culturais, mas as verdades eternas, os princípios imutáveis, inalteráveis que foram descobertos no trabalho de interpretação. Este é o maior desafio do intérprete: não ficar preso apenas no mundo da Bíblia, mas encarar os desafios de hoje com a palavra de Deus.

8.4. Identificar as verdades atemporais no texto

Verdades e princípios eternos, verdades que não mudam na realidade espiritual.

Muitos há que insistem em impor ao homem de hoje os costumes e as tradições das pessoas da época da Bíblia. Isso revela desconhecimento da hermenêutica, pois são os princípios e os valores eternos que devem ser aplicados à vida deste homem e não os rudimentos culturais de outrora.

8.5. Conectar as verdades atemporais às diversas situações hoje

É preciso mostrar para uma família de hoje que as verdades atemporais do perdão, do amor, da graça, da misericórdia, da salvação vão afetar sua vida, seu trabalho, seus relacionamentos, transformando tudo para melhor. As mentiras e os falsos paradigmas do passado serão substituídas pelas verdades eternas da Palavra de Deus, o que gerará nova vida em todos os aspectos, vida feliz e cheia de sentido, vida de louvor a Deus e de amor ao próximo. O apóstolo Paulo ensinou isso aos cristãos de Roma quando disse: "…e não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.2).

É verdade que, aqui no mundo, não somos perfeitos. Somos falhos, temos dúvidas. Mas todos os que nos colocamos a caminho

com a palavra de Deus, por ela somos transformados e vivificados. Há uma canção contemporânea cuja letra diz: "Eu não sou tudo o que você (Deus) precisa, ainda não sou tudo aquilo que eu queria ser; mas uma coisa eu sou, não abro mão não: nova criatura eu sou!". Paulo escreveu: "Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura." (Gl 6.15, RA).

O trabalho de interpretação da Bíblia requer o uso de algumas ferramentas importantes que, quando bem utilizadas, ajudam muito o intérprete. Vejamos alguns recursos.

9. Recursos disponíveis para a interpretação da Bíblia

"Um bom conhecimento da Bíblia vale mais do que uma educação superior.

Quase todas as pessoas que com o trabalho de suas vidas

acrescentaram algo para o conjunto das realizações humanas...

basearam o seu trabalho grandemente nos ensinamentos da Bíblia."

Theodore Roosevelt

Os recursos precisam ser conhecidos e dominados pelo bom intérprete da Escrituras. Saber usá-los bem é habilidade imprescindível a quem interpreta a Bíblia. Aqui, evidentemente, não esgotaremos o assunto. Apenas procuraremos ilustrar a questão.

9.1. Bíblias

Sem dúvida, a primeira ferramenta importante é a própria Bíblia. Na verdade, o intérprete precisa lançar mão não de uma, mas de várias Bíblias. Algumas das mais populares hoje no Brasil são as editadas pela Sociedade Bíblica do Brasil:

- Almeida Revista e Atualizada
- Almeida Revista e Corrigida
- Nova Tradução na Linguagem de Hoje

9.2. Bíblias de estudo

São Bíblias que trazem o texto de uma das versões em português, acrescido de notas explicativas, mapas, quadros temáticos

etc. Muitas têm dicionário, concordância, artigos afins ao tema ou assunto principal da Bíblia, notas exegéticas e outros recursos.

Algumas das principais são as seguintes:

- Bíblia de Estudo Almeida (SBB)
- Bíblia de Estudo NTLH (SBB)
- Bíblia de Estudo Plenitude (SBB)
- Bíblia da Família (SBB)
- Bíblia da Mulher (SBB)
- Bíblia Despertar (SBB)
- Bíblia da Liderança Cristã (SBB)
- Bíblia de Genebra (Cultura Cristã/SBB)
- Bíblia Anotada Expandida (Mundo Cristão/SBB)
- Bíblia Vida Nova (Edições Vida Nova)

9.3. Dicionários bíblicos

Um bom dicionário bíblico é muito importante, pois o intérprete precisa saber o significado das palavras no contexto bíblico. Um dicionário contemporâneo será de pouca valia aqui. O significado original dos termos só pode mesmo ser descoberto com o auxílio de um bom dicionário da Bíblia.

9.4. Concordância bíblica

A concordância bíblica traz as palavras que constam na Bíblia e mostra onde cada uma aparece. Assim, o intérprete pode ver vários textos que tratam do mesmo assunto ou que abordam diferentes aspectos de uma mesma palavra. Uma boa concordância poupa tempo e trabalho, além de aumentar o nível de conhecimento bíblico do intérprete.

9.5. Atlas bíblicos

O conjunto de mapas que apresentam os diversos lugares onde a história bíblica se desenvolve, em diversos tempos, é um recurso de valor inestimável para o trabalho de investigação bíblica. Muitas Bíblias trazem os mapas principais e isso já ajuda muito. Porém, uma compreensão mais precisa dos textos bíblicos só é possível com a

ajuda de uma obra mais completa sobre geografia bíblica, como o é o Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia, da SBB.

9.6. Comentários bíblicos

Depois que o intérprete terminar seu estudo usando os princípios de interpretação citados anteriormente, é importante que o intérprete confronte seu trabalho de interpretação com o de outro erudito e estudioso da Bíblia. Isso vai enriquecer muitíssimo o seu trabalho.

Desta forma, o intérprete das Escrituras deve valer-se de todos os recursos que lhe estiverem à mão, visando obter ajuda preciosa para que seu trabalho em prol do entendimento correto da Palavra de Deus seja mais bem realizado.

Conclusão

"A Bíblia não pode ser responsabilizada pelo que fazem os que a leem (mesmo sinceramente).
É por isto que a Bíblia deve ser lida com coragem, coragem para confrontar nossas ideologias."
Israel Belo de Azevedo

A tarefa da interpretação das Escrituras é, portanto, das mais nobres e importantes no contexto da Teologia. Devemos estar entre os que levam a sério o seu estudo e a observância dos seus princípios. Nunca podemos nos negar ao trabalho árduo de investigar com critério e à exaustão, até que o sentido original de cada texto surja claro diante de nossos olhos. Sempre devemos estar atentos à necessidade de construirmos essa ponte entre o mundo da Bíblia e o homem de hoje, aplicando com honestidade e coragem os princípios, valores e verdades eternas das Escrituras Sagradas às situações concretas da vida das pessoas do nosso tempo.

A palavra de Deus há de funcionar em nossas vidas em primeira instância e, a seguir, na de outras pessoas se o nosso trabalho como intérpretes for feito com amor, responsabilidade e humildade.

Por isso, termino este trabalho com o texto de Hb 4.12, que transcrevo e sobre o qual teço um breve comentário à guisa de corolário:

Pois a Palavra de Deus é viva e poderosa e corta mais do que qualquer espada afiada dos dois lados. Ela vai até o lugar mais fundo da alma e do espírito, vai até o íntimo das pessoas e julga os desejos e pensamentos do coração delas. (Hb 4.12, NTLH)

Atente para a profundidade deste texto: a Palavra de Deus *"vai até o íntimo...*" Você tem ideia de onde seja isto? Ninguém sabe, nem mesmo os grandes intelectuais em filosofia e teologia saberão! Mas ainda que não saibamos onde é esse lugar, contudo, sabemos que ele existe e que a palavra de Deus chega lá!

E quando chega nesse lugar "…mais fundo da alma…', a Escritura transforma totalmente a pessoa. Por isso, a necessidade de uma interpretação correta e precisa da Bíblia! O fim último da Bíblia será sempre o de levar a pessoa à salvação em Cristo e instruí-la sobre como viver em Cristo. Se, porém, essa interpretação não for bem feita, a palavra de Deus pode parar no estacionamento da mente humana, nos rudimentos, e não chegará *"até o lugar mais fundo da alma e do espírito"*, onde ela *"julga os desejos e pensamentos"*. A palavra de Deus precisa chegar *"até o lugar mais fundo da alma e do espírito"* para assim completar o trabalho de transformação na vida das pessoas.

Um livro tão importante e bonito como a Bíblia precisa de um lugar adequado para ser estudado. Não se pode apenas ter o desejo de fazê-lo adequadamente. É preciso realmente fazê-lo.

Um livro tão poderoso e rico em verdades eternas como a Bíblia merece a nossa melhor dedicação em lê-lo e interpretá-lo. Assim, na medida em que conhecemos mais a Bíblia e com maior profundidade, vamos nos aproximando mais de Deus, pois ele, o Senhor, está revelado em sua Palavra.

Assim, usemos todas as ferramentas e orientações deste texto, visando melhorar o nosso entendimento no estudo do texto bíblico. E que, em assim fazendo, "conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva, a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra." (Os 6.3, RA).

Para aprofundar-se no tema:

ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia: Uma biografia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BENTHO, Esdras Costa. *Hermenêutica, fácil e descomplicada.* Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica.* Rio de Janeiro: JUERP, 4ª edição, 1988.

CARSON, D. A. *A exegese e suas falácias - Perigos na interpretação da Bíblia.* São Paulo: Edições Vida Nova, 1992.

CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica bíblica.* Buenos Aires: Ediciones La Aurora, 1984.

DOCKERY, David S. *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva.* São Paulo, Editora Vida, 2005.

FEE, Gordon D. e STUART, Douglas. *Entendes o que lês? - Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica.* São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.

GEISLER, Norman e HOWE, Thomas. *Manual popular de dúvidas, enigmas e contradições da Bíblia.* São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

GUSSO, Antonio Renato. *Como entender a Bíblia - Orientações práticas para a interpretação correta das Escrituras Sagradas.* Curitiba: A. D. Santos Editora, 1998.

HENRICHSEN, Walter. *Princípios de interpretação da Bíblia.* São Paulo: Mundo Cristão, 1980.

LUND, E. e NELSON, P.C. *Hermenêutica - Princípios de interpretação das sagradas escrituras.* São Paulo: Editora Vida, 2006.

PETERSON, Eugene H. *Maravilhosa Bíblia - A arte de ler a Bíblia com o Espírito.* São Paulo, Mundo Cristão, 2008.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica Bíblica.* São Paulo: Edições Loyola, 2008.

SCHOLZ, Vilson. *Princípios de interpretação bíblica.* Canoas: ULBRA, 2006.

STEIN, Robert H. *Guia básico para interpretação da Bíblia - interpretando conforme as regras.* Rio de Janeiro, CPAD, 1999.

THISELTON, Anthony C. *New horizons in hermeneutics.* Grand Rapids: Zondervan, 1992.

VANHOOZER, Kevin. *Há um significado neste texto? - Interpretação bíblica: Os enfoques contemporâneos.* São Paulo: Editora Vida, 2005.

VIERTEL, Weldon. *A interpretação da Bíblia: Estudos teológicos programados.* Trad. de Carlos E. Godinho. Rio de Janeiro: JUERP, 1975.

VIRKLER, Henry A. Hermenêutica avançada - Princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1996.

A função da Bíblia na igreja local

Erní Walter Seibert

Há alguns anos foi realizada uma pesquisa nos países de fala espanhola da América Latina, investigando em que atividade as igrejas estavam investindo mais tempo durante as suas reuniões. Havia várias hipóteses: será que elas investiam mais tempo em oração? Será que elas investiam mais tempo em atividades de ajuda ao próximo? O resultado final foi o seguinte: as igrejas estavam investindo a maior parte de seu tempo em atividades de louvor a Deus. Elas cantavam, ensaiavam conjuntos, corais, grupos de louvor. Enfim, o louvor era a atividade em que as igrejas mais investiam tempo.

Sem dúvida alguma, as igrejas fazem bem em investir muito tempo louvando a Deus. Esta é uma atividade que começa aqui neste mundo e continua por toda a eternidade. Existem muitos textos bíblicos que fundamentam a atividade de louvor e incentivam o povo de Deus a se reunir para louvar o Pai celestial.

Mas a pesquisa revelou outro detalhe importante da vida da igreja. Ela estava investindo menos tempo no estudo da Bíblia Sagrada. Se o crescimento na área do louvor é uma boa notícia, a diminuição no estudo da Bíblia Sagrada é uma notícia que preocupa.

O quanto sabemos, não foi feita nenhuma pesquisa semelhante no Brasil. No entanto, possivelmente o resultado não seria muito diferente. Também em terras brasileiras a atividade de louvor cresceu muito nos últimos anos. Muitos instrumentos típicos da cultura brasileira começaram a ser utilizados no louvor, melodias e músicas nacionais passaram a ser compostas e cantadas pelas igrejas. No entanto, o mesmo fenômeno da diminuição do conhecimento bíblico se pode verificar. E isso é um problema sério. A Igreja Cristã fundamenta seu ensino na Bíblia Sagrada. E isso sempre foi assim.

No Antigo Testamento, o povo de Deus criou a sinagoga. Ela era um prédio que, durante a semana, servia como escola e, no sábado, era o lugar da atividade de culto. O povo de Israel era um dos mais alfabetizados na Antiguidade e isso tinha uma razão: o

povo precisava aprender a lei de Deus. No Novo Testamento não foi diferente. Os evangelistas e apóstolos escreveram o Novo Testamento para que a Igreja permanecesse firme neste conhecimento. Depois, ao longo da história, a Igreja Cristã criou e incentivou a criação de escolas. As universidades se desenvolveram a partir da Igreja Cristã. E um dos objetivos era estudar a palavra de Deus.

Na época da Reforma, um dos aspectos mais lastimados pelos líderes do movimento reformador era a falta de conhecimento bíblico por parte do povo e dos sacerdotes. Havia uma expressão latina que exemplificava esta situação: *fides carbonaria*. Esta expressão, que traduzida significa "a fé dos carvoeiros", vinha de uma história. Conta-se que havia um carvoeiro que se dizia cristão. Aí perguntaram para ele: "O que você crê?" O carvoeiro respondeu solenemente: "Eu creio aquilo que a Igreja crê." E quando lhe perguntaram o que a Igreja cria, ele respondia: "A Igreja crê aquilo que eu creio." Isso é *fides carbonaria*. Parece algo importante, mas são só palavras bonitas, sem qualquer conteúdo ou substância.

Será que ainda hoje há membros assim nas igrejas? Será que existem pessoas com a fé do carvoeiro? Será que existem pessoas afirmando crer o que a Igreja crê e, por não saberem o que a Igreja crê, afirmam que ela crê o que eles creem? Possivelmente sim. E esse é um problema sério – o conhecimento da Palavra é pequeno. Esta é a razão deste estudo: chamar a atenção para a importância da palavra de Deus na vida da Igreja.

1. A palavra de Deus cria a Igreja

O primeiro aspecto que queremos salientar é que a palavra de Deus cria a Igreja. Será que está certo isso, que a palavra de Deus é que cria a Igreja? Vamos olhar alguns textos bíblicos.

Muitos acreditaram na mensagem de Pedro e foram batizados. Naquele dia quase três mil se juntaram ao grupo dos seguidores de Jesus. (At 2.41)

Vamos pensar um pouquinho na ordem dos fatores aqui. O que aconteceu para que quase 3000 pessoas se juntassem ao grupo de seguidores de Jesus? Pedro anunciou uma mensagem. Essa

mensagem de Pedro ficou registrada na Bíblia. Nem todos os sermões proferidos no período bíblico estão na Bíblia. Mas este está. E o que ele demonstra? A mensagem de Pedro estava baseada em vários textos do Antigo Testamento. Em seu sermão, o apóstolo Pedro citou as Escrituras. E quando a palavra é anunciada, o que acontece? O Espírito Santo age. E quando o Espírito Santo age, o que ele faz no coração das pessoas? Ele desperta a fé. Ele faz uma pessoa não seguidora tornar-se seguidora de Jesus. É por isso que afirmamos que a palavra de Deus cria a Igreja.

Porém muitas pessoas que ouviram a mensagem creram, e os homens que creram foram mais ou menos cinco mil. (At 4.4)

Muitas pessoas que ouviram a mensagem creram. O resultado de ouvir a mensagem foi o crer. Mais uma vez se observa que a palavra de Deus cria a Igreja.

Agora, Senhor, olha para a ameaça deles. Dá aos teus servos confiança para anunciarem corajosamente a tua palavra. (At 4.29)

Esse texto é uma oração. Essa oração foi feita num momento em que a Igreja estava sofrendo perseguição. Pedro e João havia pouco tinham sido soltos da prisão. Eles se reúnem com a Igreja, numa sala fechada, e fazem essa oração. "Agora, Senhor, olha para a ameaça deles." Ameaça de quem? Dos que estavam perseguindo a Igreja. "Dá aos teus servos confiança para anunciarem corajosamente a tua palavra." É interessante que eles não pedem para Deus destruir os seus inimigos. Nem pedem para o Senhor acalmar os inimigos. O que eles pedem? Eles pedem coragem para continuar anunciando a palavra. Ou seja, mesmo na hora da dificuldade, o que a Igreja precisa fazer? Anunciar a palavra. Porque a palavra de Deus cria a Igreja.

2. A palavra de Deus fortalece a Igreja

Primeiro vimos que a palavra de Deus cria a Igreja. Agora vamos salientar outro aspecto: a palavra de Deus fortalece a Igreja.

A palavra de Deus continuava a se espalhar. Em Jerusalém o número dos seguidores de Jesus crescia cada vez mais, e era grande o número de sacerdotes judeus que aceitavam a fé cristã. (At 6.7)

Lucas, o escritor de Atos dos Apóstolos, tinha tanta convicção de que era a palavra de Deus que criava a Igreja que ele nem diz: a Igreja continuava a se espalhar. Ele diz: a palavra se espalhava, a palavra de Deus. Em Jerusalém o número de seguidores de Jesus crescia cada vez mais e era grande o número de sacerdotes judeus que aceitavam a fé cristã. A Igreja não só crescia, mas também era fortalecida. Com a pregação da palavra, a Igreja crescia e era fortalecida. A palavra de Deus era pregada para os de fora e para os de dentro da Igreja.

Esse é um dado importante: deve haver programa para anunciar a palavra de Deus para os de fora e deve haver programa para anunciar a palavra de Deus para os de dentro da Igreja. Na Igreja primitiva, era usada uma expressão latina que mostrava estes dois aspectos. Havia a reunião em que a palavra de Deus era anunciada para os que ainda não eram membros da Igreja mas estavam sendo instruídos na fé. Essa era a *missa catechumenorum* (serviço religioso dos catecúmenos). Havia também a reunião exclusiva para os que já eram membros, a chamada *missa fidelium* (serviço religioso dos fiéis). A palavra de Deus era utilizada tanto para criar como para fortalecer a Igreja. A pregação da palavra de Deus, o estudo da palavra de Deus deve fazer parte da atividade normal da Igreja.

Pregue a mensagem e insista em anunciá-la, seja no tempo certo ou não. Procure convencer, repreenda, anime e ensine com toda a paciência. (2Tm 4.2)

Aqui estão descritas algumas das funções da palavra de Deus. Como é que a Palavra funciona? Ela convence. Quando temos alguma dúvida, se formos tirar a dúvida estudando a palavra de Deus, veremos exatamente esse resultado. Ela convence.

Há pessoas que diante de algum ensino bíblico dizem: "Eu não estou de acordo com isso." Aí elas pegam a palavra de Deus para estudar. E o que a palavra faz? Ela convence. Outras vezes, a Palavra repreende. Aliás, isso é uma coisa que ela precisa fazer. Ela tem de repreender a mim e a todas as pessoas. Tem de repreender para não nos desviarmos dos caminhos do Senhor. Quando começamos a nos

desviar, a Palavra precisa repreender. A Palavra também anima. Quando perdemos o ânimo ao longo da jornada, a Palavra anima. Quem é a pessoa que está sempre animada? Ninguém. A Palavra tem essa função: animar. E ela também ensina com toda a paciência. Ensinar com paciência é bonito e necessário. Pais e mães têm de ter paciência para ensinar os filhos. Deus, o nosso Pai, também nos ensina com paciência. Como ele ensina? Pela sua Palavra.

E, desde menino, você conhece as Escrituras Sagradas, as quais lhe podem dar a sabedoria que leva à salvação, por meio da fé em Cristo Jesus. (2Tm 3.15)

O apóstolo Paulo diz que Timóteo conhece as Escrituras Sagradas desde menino. Aí ele acrescenta que elas podem lhe dar a sabedoria que leva à salvação por meio da fé em Cristo Jesus. A informação que queremos destacar neste texto é sobre o momento em que deve começar a educação nas Escrituras: na infância. A palavra de Deus precisa ser ensinada desde a mais tenra infância. Com isso a Igreja é fortalecida. A palavra de Deus cria e fortalece a Igreja.

3. Os usos da palavra de Deus na vida da Igreja

A Bíblia Sagrada é utilizada em todas as atividades da igreja. Existem no Novo Testamento cinco expressões que descrevem as atividades da igreja. Elas são: adoração, ensino, testemunho, comunhão e serviço. As palavras gregas correspondentes às expressões em português são: *leiturgia* (liturgia, adoração), *didaskalia* (ensino), *martyria* (testemunho), *koinonia* (comunhão) e *diakonia* (serviço).

3.1. Adoração – Leiturgia

Um dos objetivos da igreja é a adoração, adorar a Deus. É por isso que não podemos falar mal quando a igreja se reúne para cantar e louvar a Deus. Isso é uma função da igreja. Tanto isso é verdade que, na Bíblia, há um livro só de hinos, o livro de Salmos. Esse livro era especialmente utilizado para cantar e louvar a Deus. A palavra grega para adoração é *leiturgia*. Essa palavra grega, transliterada para o português, é liturgia. Em grego, a palavra liturgia é uma palavra composta. Ela era composta por *laós* e *erga*. *Laós* é povo.

Erga são obras. Da junção dessas duas palavras surgiu *leiturgia*. São as obras do povo. Num primeiro momento, *leiturgia* se aplicava a alguma obra pública feita em benefício do povo, por ordem e à custa de uma autoridade ou patrono. Depois, já no contexto religioso, *leiturgia* passou a designar as obras que o povo faz para louvar a Deus. Liturgia é adoração, aquilo que o povo de Deus faz para adorar a Deus. E o que o povo faz? Ele canta, ora, oferta, enfim, adora a Deus. Esse é um dos objetivos da igreja.

A adoração precisa estar firmada na palavra de Deus. Vamos ver alguns textos bíblicos que nos ajudarão a ver isso.

Jesus respondeu:

— Vá embora, Satanás! As Escrituras Sagradas afirmam: "Adore o Senhor, seu Deus, e sirva somente a ele." (Mt 4.10)

Esse texto é da história da tentação de Jesus. Satanás queria que Jesus o adorasse em troca de todas as riquezas da terra. Jesus respondeu: "Vá embora, Satanás." E aí ele cita as Escrituras Sagradas: "Adore o Senhor, seu Deus, e sirva somente a ele." Jesus se negou a adorar a Satanás e, pelas Escrituras, mostrou que a adoração está reservada para Deus. Bíblia e adoração estão juntas neste texto. Na adoração, a palavra de Deus está presente. Nós aprendemos a adorar a Deus pela palavra.

Mas virá o tempo, e, de fato, já chegou, em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e em verdade. Pois são esses que o Pai quer que o adorem. (Jo 4.23)

As duas características da adoração são "espírito e verdade". Adorar em verdade parece ser mais simples de entender. Todos entendemos que a palavra de Deus é verdade. Adorar em verdade, portanto, é adorar em conformidade com a palavra de Deus. Mas o que é adorar em espírito? O próprio evangelista João responde, em Jo 6.63: o próprio Deus afirma que as palavras dele são espírito e vida. A palavra de Deus é espírito. Adorar em espírito é adorar em consonância com a palavra de Deus. Fazendo isso teremos vida. A adoração em espírito e em verdade é uma adoração que brota da Palavra e está em conformidade com a palavra de Deus.

Todas as nações virão e te adorarão porque as tuas obras justas são vistas por todos. (Ap 15.4)

Esse texto aponta para o futuro. Ele mostra que a adoração é universal e que ela será uma das atividades mais importantes na eternidade. "Todas as nações virão…" Todas as nações, isto é, de todos os povos do mundo vem gente para adorar o Senhor. "… te adorarão…" Que coisa linda: adoração. E a adoração é firmada e baseada na palavra de Deus.

3.2. Ensino - Didaskalia

É dessa palavra grega que vem a palavra "didática". *Didaskalia* é o ato de ensinar. Ensinar é um dos objetivos da igreja. A igreja saudável investe muito na área do ensino. No ensino, a palavra de Deus deve estar presente.

Guardem sempre no coração as leis que eu lhes estou dando hoje e não deixem de ensiná-las aos seus filhos. Repitam essas leis em casa e fora de casa, quando se deitarem e quando se levantarem. Amarrem essas leis nos braços e na testa, para não as esquecerem; e as escrevam nos batentes das portas das suas casas e nos seus portões. (Dt 6.6-9)

Aqui está registrado um princípio de educação. O texto começa mostrando que antes de ensinar, é preciso guardar no coração o que se vai ensinar. Ou seja, só vamos ensinar aquilo em que confiamos. Certa vez um pai disse para o pastor: "Olha, eu mando os filhos para a igreja e eles não vão. Eu não sei mais o que eu faço." Aí o pastor respondeu: "Você deve ir com eles e não apenas mandar eles irem." Não adianta mandar os filhos para a igreja. É preciso ir com eles. Antes de mandar, é preciso ir. "Guarde sempre no coração as leis que eu lhes estou dando." Não devemos apenas dizer: "Isso é bom para você, meu filho." Antes devemos dizer: "Isso é bom para mim e vai ser bom para você também."

E o texto continua ensinando que devemos repetir essas leis em casa e fora de casa. Aqui aparece outra coisa que no ensino é muito importante: repetição. Há um ditado latino que diz: "*Repetitio mater studiorum est*." Os maus alunos de latim traduziam esta frase da seguinte maneira: "A repetição mata o estudante." Mas não é isso

que a frase quer dizer. A tradução correta é: “A repetição é a mãe dos estudantes.” Ou seja, se alguém quer aprender alguma coisa precisa repetir, repetir e ir repetindo até que aprenda. No texto bíblico que estamos vendo está escrito: “Repitam essas leis em casa e fora de casa, quando se deitarem ou quando se levantarem.” Tanto faz se estamos dentro ou fora de casa, se estamos indo para a cama ou se estamos levantando. Também diz: “Amarrem essas leis nos braços e na testa, para não as esquecerem.” O que é isto? Tem gente com o costume de amarrar uma fitinha num dedo ou de trocar a aliança de dedo quando não quer esquecer alguma coisa. Naquele tempo, eles amarravam um versículo na testa ou nos braços para não esquecerem. E mais, eles escreviam versículos nos batentes das portas da suas casas e nos seus portões. Essa é uma boa sugestão. Decorar a casa com versículos bíblicos. Usar a casa para aprender a palavra de Deus. Vejam quanta coisa bonita temos neste texto sobre educação.

Tu tens me ensinado desde a minha mocidade, e eu continuo a falar das coisas maravilhosas que fazes. Agora que estou velho, e os meus cabelos ficaram brancos, não me abandones, ó Deus! Fica comigo enquanto anuncio o teu poder e a tua força a este povo e aos seus descendentes. (Sl 71.17-18)

Este é considerado o Salmo do ancião. Aqui está um princípio muito importante em educação cristã. Quem é responsável pela educação da nova geração? Acima de tudo, quem é responsável? O pai e a mãe. E quando pai e mãe virarem vovô e vovó, terminou o compromisso? Não. Pai, mãe, avô, avó passam o ensino para as novas gerações.

Existe uma maneira bem simples de acabar com a igreja em poucos anos. Basta uma geração ficar quieta. É verdade isso? Se nos calarmos e não ensinarmos a nova geração o que acontecerá? A nova geração não aprenderá a palavra de Deus. Aqui está um princípio de educação muito importante.

Eduque a criança no caminho em que deve andar, e até o fim da vida não se desviará dele. (Pv 22.6)

O que aprendemos na infância fica registrado durante toda a vida. É por isso que somos exortados a ensinar as crianças. Esse ensinamento permanece até o final da vida. Eu lembro de muitos ensinamentos de meus pais. Eles já partiram para a eternidade, mas seu ensinamento ficou. Assim também acontece com outras pessoas. Todos já ouvimos alguém dizer: "Eu aprendi isso com os meus pais. Meu pai e minha mãe me ensinaram isso." É por isso que devemos ensinar a palavra de Deus para as crianças. O texto bíblico diz: "Eduque a criança." Invista, na educação das crianças e até o fim da vida elas não se desviarão desse ensinamento. É o melhor investimento. Se queremos os filhos felizes, sadios na fé e no caminho da salvação, devemos educá-los na infância. Ensinar o caminho em que devem andar. Se algum filho não andar nos caminhos do Senhor, que não seja por falta de ensinamento dos pais.

3.3. Testemunho - Martyria

Outro objetivo do trabalho da igreja é o testemunho. A palavra grega para testemunho é *martyria*. O que significa *martyria*? Na língua portuguesa há uma palavra parecida: mártir. O que tem a ver a palavra grega com a palavra portuguesa? No início da história da Igreja, muita gente que dava testemunho morria por causa de sua fé. Eles eram mortos pelo fato de se declararem cristão. Muitos foram crucificados, jogados às feras, queimados, decapitados. Daí porque o testemunho ficou ligado ao martírio. Mas a palavra mártir originalmente significava testemunha. E todos nós somos testemunhas das coisas que Deus fez por nós.

Porém, quando o Espírito Santo descer sobre vocês, vocês receberão poder e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até nos lugares mais distantes da terra. (At 1.8)

Se nós olharmos o mapa da Palestina nos tempos de Jesus, veremos que Jerusalém ficava mais ao Sul, dentro da região chamada Judeia. Ao Norte ficavam a região da Samaria e logo em seguida a Galileia. Era essa a situação que o texto bíblico aponta. Eles estavam em Jerusalém. Eles deveriam começar a dar o seu testemunho ali onde estavam. Então, o testemunho seria dado em toda a região em

que estavam. Depois, o testemunho seria dado nas regiões vizinhas. Aí ele iria avançando até os lugares mais distantes da terra.

Onde começa o meu testemunho? Ali onde eu estou. O meu testemunho sempre começa ali onde eu estou. Na minha casa, na vizinhança, no meu bairro, na minha cidade, e aí eu vou adiante até os confins da terra. Esse é o plano do testemunho.

Portanto, aceitem uns aos outros para a glória de Deus, assim como Cristo aceitou vocês. Pois eu lhes digo que Cristo se tornou servo dos judeus a fim de mostrar que Deus é fiel, para fazer com que se cumprissem as promessas feitas por Deus aos patriarcas e para fazer com que os não-judeus louvassem a Deus pela sua bondade. Como dizem as Escrituras Sagradas: "Por isso eu te louvarei entre os que não são judeus e cantarei louvores a ti." Elas dizem também: "Vocês que não são judeus, alegrem-se com o povo escolhido de Deus!" E dizem ainda: "Todos os que não são judeus, louvem o Senhor! Que todos os povos o louvem!" (Rm 15.7-11)

A palavra testemunha é usada em tribunais. A testemunha é uma pessoa que diz o que sabe. Ela não inventa, não mente. Ela diz a verdade. Nós somos testemunhas de Cristo. Nós contamos nossa experiência com Cristo. Nós contamos o que aprendemos de Cristo na palavra de Deus. Por isso, nosso testemunho é importante. Não vamos falar do que outros creem, mas do que nós cremos.

O nosso testemunho tem fundamento na história. Deus fez conosco o que ele fez com Abraão, Isaque, Jacó, com todo o povo de Israel. Deus é fiel. Agora é nossa vez de levarmos esse testemunho adiante. Vamos levar o testemunho a respeito do amor de Deus em Cristo a todas as pessoas, até os confins da terra. Quando isso acontecer, veremos o cumprimento desta palavra de Deus que diz que todos os povos louvarão a Deus.

3.4. Comunhão - Koinonia

A palavra comunhão vem da palavra grega *koinonia*. Comunhão significa tornar algo propriedade comum de todos. Em grego, *koine*, o começo da palavra *koinonia*, significa "comum". Em português temos o mesmo na palavra "comunhão", que começa com a raiz da palavra comum.

A Igreja Cristã deve viver em comunhão. Ter uma vida na qual todos comungam do mesmo princípio, da mesma fé. Isso é muito claro na Santa Ceia. Todos recebem a comunhão do corpo e sangue de Jesus. Essa comunhão é comunhão na palavra de Deus.

3.5. Serviço - Diakonia

A palavra grega para serviço é *diakonia*. No Novo Testamento, havia diáconos na Igreja. Os diáconos eram servos. Muitas vezes a palavra grega *diakonos* é traduzida por ministro. Isso é uma boa tradução. Ministro é aquele que ministra, que serve. Por vezes o pastor é chamado de ministro da Palavra. Ele é quem serve a palavra de Deus.

A palavra ministro, no entanto, tomou uma conotação de trabalho extraordinário, de cargo elevado. Quem pensa num ministro, nem sempre pensa num servo. Num país temos muitos ministros para cuidar de diversas áreas: educação, fazenda, saúde e assim por diante. Se tomarmos a palavra no seu sentido original, estes ministros são as pessoas que servem a todos na área em que estão atuando. Por exemplo, o ministro da educação é quem serve a todos na área da educação. Dentro da igreja, o ministro da Palavra deve ser aquela pessoa que serve a todos com a palavra de Deus.

O serviço é uma atividade muito importante dentro da Igreja Cristã. O serviço está presente em todas as áreas de atividade da igreja. Quando pensamos na adoração, no local de culto, para que essa atividade ocorra, é preciso que alguém, antes, limpe o local, providencie assento para todos, deixe tudo em ordem. Isso é serviço. Assim também em todas as outras atividades da igreja o serviço está presente. O serviço deve ser realizado de acordo com o ensino da palavra de Deus. A palavra de Deus é fundamental em todos os objetivos, em todas as atividades da igreja.

4. O uso da Bíblia na atividade da igreja

Hoje vivemos num tempo privilegiado. As Bíblias em nosso país estão abundantes e acessíveis. Mas nem sempre foi assim. Num passado não muito distante, as Bíblias eram raras e caras. Em muitas partes do mundo a situação ainda é essa. Além disso, existem traduções bíblicas que procuram tornar o conteúdo da Bíblia acessível a todos os públicos. Isso é bênção. Mas se temos uma

bênção acessível e não nos aproveitamos dela, ela de nada vale para nós. As igrejas deveriam se valer muito mais dessa facilidade que nosso tempo proporciona. Elas deveriam utilizar muito mais as Bíblias e materiais bíblicos em seus trabalhos. Vamos dar alguns exemplos.

4.1. Materiais bíblicos para as atividades de adoração

Nas atividades de culto, o uso da Bíblia é fundamental. Desde o Antigo Testamento, quando o povo de Deus se reunia para o culto, era normal ler trechos das Sagradas Escrituras. Este costume continuou na Igreja Cristã e se mantém até hoje. Quando a igreja se reúne, ela lê trechos da Bíblia. Hoje, com a facilidade de colocar à disposição de cada pessoa um exemplar da Bíblia, podem ser feitas leituras conjuntas ou responsivas do texto bíblico. Os participantes dos atos de culto podem acompanhar a leitura bíblica em seus próprios exemplares. Isso facilita a concentração na leitura e aumenta a compreensão do texto, pois além do ouvido, o sentido da visão é envolvido na aprendizagem. É importante, para que isso seja feito com maior proveito, que todos tenham a mesma versão da Bíblia nesse momento.

Também no culto doméstico, o uso da Bíblia é muito importante. A família, sempre que possível, deveria se reunir em torno da palavra de Deus. Se cada um tiver em mãos um exemplar da Bíblia, fica mais fácil acompanhar o texto que está sendo lido. Para ajudar a família a entender os textos que estão sendo lidos, o uso de Bíblias de estudo como a de Almeida e ou a NTLH ajudam muito.

4.2. Estudo bíblico e pregação

Há uma diferença entre estudo bíblico e pregação. Normalmente se entende por estudo bíblico o estudo de um texto da Bíblia. Pode ser um texto bíblico ou um livro bíblico. Abrimos a Bíblia e procuramos entender o que aquele texto ensina. Fazemos a correta interpretação do texto e procuramos extrair do texto uma mensagem para nossas vidas. Isso é propriamente um estudo bíblico.

Por vezes, no trabalho das igrejas, também se estuda um tema bíblico. Isso é diferente do estudo bíblico. Quando estudamos um tema bíblico, procuramos ver o que a Bíblia Sagrada ensina sobre um determinado assunto. Por exemplo, estuda-

-se o que a Bíblia ensina sobre oração, família, salvação do pecador. O tema bíblico não fica restrito a um único texto. Ele procura o consenso das Escrituras Sagradas sobre aquele assunto.

Queremos distinguir entre estudo bíblico ou estudo de tema bíblico da pregação. Evidentemente, a pregação sempre deve estar firmada na Bíblia Sagrada. Ela tem por base um texto bíblico. Mas o objetivo da pregação é propriamente aplicar a mensagem do texto para o ouvinte contemporâneo. A pregação necessariamente é bíblica, mas ela tem um caráter diferente do estudo de um texto ou de um tema bíblico.

Que materiais eu posso usar para preparar meus estudos bíblicos e minhas pregações? Eu posso usar Bíblias em diferentes traduções e Bíblias de estudo. As diferentes traduções da Bíblia me ajudam a entender melhor o texto bíblico. Elas chamam a atenção para as dificuldades que a tradução encontrou para expressar o texto original.

E para que servem as Bíblias de estudo? Existem vários tipos de Bíblias de estudo. Algumas são temáticas. Elas procuram explorar, ao longo do texto bíblico, um determinado tema. É o caso da Bíblia da Família (dedicada ao estudo da vida familiar), da Bíblia da Liderança Cristã (dedicada a estudar as características do líder), da Bíblia de Estudo Despertar (dedicada a apoiar pessoas que sofrem de algum tipo de dependência, seja química ou psicológica), e de outras que abordam um determinado tema. Existe também outro tipo de Bíblias de estudo. São as Bíblias de Estudo doutrinariamente orientadas. Encontram-se nessa categoria, por exemplo, a Bíblia de Estudo Plenitude (de orientação carismática/pentecostal), a Bíblia de Estudo Genebra (de orientação reformada), a Bíblia de Estudo Pentecostal (de orientação pentecostal), entre outras. Finalmente queremos chamar a atenção a algumas Bíblias de estudo que são doutrinariamente neutras e que procuram ajudar o leitor com informações históricas, geográficas, culturais e de tradução. Encontram-se entre estas a Bíblia de Estudo Almeida e a Bíblia de Estudo NTLH.

A pesquisa nas notas e referências trazidas pelas Bíblias de estudo ajudam a preparar melhores estudos bíblicos ou temáticos e melhores sermões.

4.3. Materiais bíblicos úteis para as atividades de ensino

A Bíblia é o principal manual de estudos da igreja. Além do culto, as igrejas costumam ter atividades de ensino na escola dominical ou escola bíblica, nos grupos de estudo bíblico e em outras atividades onde as pessoas se reúnem em torno da palavra de Deus. Em toda a atividade de ensino da igreja, o uso da Bíblia é muito importante.

Vamos pensar no ensino das crianças e dos jovens. Normalmente, nestas ocasiões, as pessoas procuram histórias para contar. Procuram histórias que transmitam uma mensagem. Aí é importante que se usem histórias registradas na Bíblia. Não que outras histórias não sejam úteis e não possam ser contadas. Mas a história bíblica, além de trazer o ensinamento da palavra de Deus, é a própria mensagem que Deus queria transmitir ao ser humano.

Ao longo da história da Igreja existem inúmeros exemplos bem sucedidos do ensino de histórias bíblicas. Em igrejas medievais e até mesmo em igrejas modernas, o uso de vitrais apresentando histórias bíblicas era um recurso didático que levava a pessoa ao conteúdo bíblico. Nos Estados Unidos, os escravos que recebiam a mensagem cristã gostavam das histórias bíblicas. Ali surgiu um estilo musical muito bonito – o *negro spiritual* – onde as letras têm muitas referências a histórias bíblicas. A história bíblica ajuda a transmitir a mensagem e faz com que esta seja mais facilmente retida na mente do ouvinte.

A Sociedade Bíblica do Brasil publica muitos materiais de ensino que são baseados em histórias bíblicas. São materiais acessíveis, de boa apresentação, que podem ser utilizados nos programas de educação cristã das igrejas.

Havia um hábito em grande parte das igrejas brasileiras que está sendo esquecido. Nas campanhas de evangelização, as igrejas se valiam de folhetos bíblicos para distribuir a mensagem para as pessoas. Quando alguém se interessava pela mensagem, recebia um

livrete que continha um dos Evangelhos. O Evangelho mais usado para isso era o de João. Aí já começava a instrução da pessoa na palavra de Deus. Em seguida, quando a pessoa terminava de ler o Evangelho, era lhe dado um Novo Testamento. E, finalmente, quando a pessoa era recebida na igreja, ela recebia uma Bíblia. A pessoa era instruída na palavra de Deus. Que belo programa de educação cristã!

Outro campo da educação cristã são as escolas. Em nosso país existem, no ensino regular, escolas públicas e particulares. A criação de escolas, antes de tudo, é uma preocupação cristã. O sistema de ensino para todos, que hoje é reivindicado por partidos políticos, era originalmente uma preocupação dos cristãos. Por um lado, havia a preocupação de que todos pudessem ler a Bíblia e assim aprender os desígnios de Deus. Por outro lado, livrou-se o conhecimento de tabus e superstições pelo fato de se crer que é possível pesquisar toda a criação e, com isso, não estar ofendendo a Deus. A distinção entre criatura e Criador livrou a pesquisa, o estudo, de amarras que haviam ao longo da história.

Infelizmente, em muitos lugares, o ensino da palavra de Deus foi banido de muitas escolas. Por vezes, até mesmo em escolas mantidas por igrejas, não se dá a atenção devida ao ensino religioso. A questão do ensino religioso nas escolas regulares (públicas e privadas) é complexa. No entanto, a pretexto de liberdade, proíbe-se falar em Deus. Quando crianças aprendem na escola diária as histórias da Bíblia, isso é de uma ajuda tremenda para toda a sua vida.

Vou contar de minha experiência pessoal. Fui abençoado por Deus com quatro filhos. Todos tiveram a bênção de estudar no ensino fundamental e no ensino médio em escolas cristãs, onde a Bíblia era ensinada. À noite, antes deles irem dormir, eu sentava ao lado da cama e dizia: “Vou contar uma história da Bíblia para vocês. Você conhece esta?” A resposta, em geral, era: “Conheço.” Eu perguntava: “Quem te contou?” E a resposta era: “A professora.” Eu agradeço a Deus porque eles conhecem muito da Bíblia e, graças a Deus, hoje todos vão regularmente à casa de Deus. Eu sei que é uma bênção toda especial. Uma escola onde a palavra de Deus é ensinada

é bênção para os alunos. Por vezes há quem fala alguma coisa contra o ensino religioso. Mas no balanço final, a existência do ensino religioso sempre traz algo positivo para os alunos e para a sociedade.

A Sociedade Bíblica do Brasil desenvolveu para as escolas regulares um currículo de ensino religioso. Trata-se do material intitulado **Estudando com a Bíblia**. Ele se destina para as escolas que oferecem o ensino fundamental. Utilizando esse material ao longo dos anos, as crianças aprendem praticamente todas as histórias contidas na Bíblia. São livros que contém 28 lições para cada ano do Ensino Fundamental. Milhares de crianças já foram educadas com este currículo. Se todas as crianças de um país, ao final do ensino fundamental, tivessem o conhecimento bíblico que esse currículo proporciona, sem dúvida a sociedade seria melhor.

Para utilizar nas escolas, a Sociedade Bíblica também prepara outros materiais muito úteis. Há inclusive materiais para serem usados em computador, o que abre um novo campo para a educação.

4.4. Materiais para testemunho (evangelização)

Um dos materiais bíblicos mais utilizados para a evangelização são os folhetos. A Sociedade Bíblica do Brasil produz folhetos chamados Seleções Bíblicas. Estes folhetos são o maior projeto de evangelização desenvolvido em nosso país. Graças a eles, milhões de brasileiros já receberam em suas mãos um trecho da palavra de Deus e, assim, consolo para suas vidas.

Para a distribuição desses folhetos a SBB mantém um programa chamado Sócio Evangelizador. As pessoas inscritas nesse programa ofertam a cada mês uma pequena quantidade de dinheiro para a SBB. Com esse dinheiro o programa é pago. Por outro lado, elas recebem mensalmente mil folhetos e a assinatura da revista A Bíblia no Brasil. Também assumem o compromisso de distribuir estes folhetos e orar pela causa da Bíblia. Quando o Sócio Evangelizador faz uma compra na SBB, ele recebe um desconto especial sobre o valor das compras. No Brasil existem dezenas de milhares de Sócios Evangelizadores. Eles distribuem diariamente a palavra de Deus em todos os recantos de nosso país.

Além dos folhetos, também porções bíblicas, Novos Testamentos e mesmo Bíblias completas podem ser utilizadas no trabalho de evangelização. A igreja precisa ser criativa nesse trabalho. Existem pessoas que incluem um folheto bíblico em todas as correspondências que enviam, seja em casa ou no seu trabalho.

Uma certa igreja, num final de ano, resolveu que cada família doaria um Novo Testamento a um amigo. O resultado foi muito bom. Muitas pessoas se interessaram pela mensagem da palavra de Deus e passaram a frequentar a igreja. No ano seguinte, eles resolveram que dariam CDs produzidos pela SBB. Estes CDs contêm músicas cristãs e, intercalando uma e outra música, um texto bíblico. O resultado foi surpreendente. Eles descobriram que muitas pessoas, quando recebem um Novo Testamento ou uma Bíblia, não leem o livro. Mas quando alguém recebe um CD, pelo menos uma vez a pessoa o escuta. A partir desta descoberta, começaram a usar muito mais as Seleções Bíblicas em Áudio da SBB para evangelização.

Da mesma forma que é importante utilizar materiais bíblicos nas atividade de adoração, ensino e evangelização, também nas áreas de ação social e comunhão a Palavra não pode estar ausente.

Conclusão

Com esse trabalho, nossa intenção foi chamar a atenção de todos para a necessidade do uso da Bíblia na vida da Igreja. Também procuramos dar exemplos de como isso pode acontecer em cada área de atividade da igreja. A Sociedade Bíblica do Brasil foi criada pelas igrejas e pelos cristãos do Brasil com a finalidade de traduzir, produzir e distribuir a Bíblia. Ou seja, a SBB pertence às Igrejas e tem por finalidade servi-las com as Escrituras.

A fundação oficial da SBB ocorreu em 10 de junho de 1948, no Rio de Janeiro. Naquela reunião estavam representadas todas as Igrejas que havia na época. Na verdade, naquela ocasião, as Igrejas e cristãos brasileiros estavam assumindo um trabalho que havia começado há mais ou menos 100 anos antes no Brasil, por mãos da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e da Sociedade Bíblica Americana. É por isso que costumamos dizer, quando perguntam quem é o dono da Sociedade Bíblica do Brasil: O dono são as Igrejas e todos aqueles que amam a palavra de Deus. A Sociedade Bíblica

do Brasil é uma herança que nos foi deixada pelos nossos pais na fé. Nós devemos cuidar bem dessa herança e trabalhar para que ela cumpra a sua missão de levar a Bíblia a todos.

Hoje existem mais de 140 Sociedades Bíblicas, atuando em mais de 200 países. São Sociedades Bíblicas nacionais, que se reúnem numa fraternidade chamada Sociedades Bíblicas Unidas. As Sociedades Bíblicas Unidas cooperam umas com as outras na finalidade de levar a palavra de Deus a todos. Assim como, no Brasil, as Igrejas e os cristãos cuidam da SBB, nos outros países as igrejas dos países e os cristãos cuidam da sua Sociedade Bíblica.

Todos podem ajudar a manter e desenvolver o trabalho da Sociedade Bíblica. Ajudar a SBB significa divulgar a Bíblia. O ponto chave é este. Para ajudar a Sociedade Bíblica é importante divulgar a Bíblia. É preciso orar por esse trabalho. É importante participar dos diversos programas que são desenvolvidos, como Sócio Evangelizador e Sócio Intercessor.

Incentivamos todas as igrejas para que, no aniversário da SBB, façam um culto especial de louvor a Deus pela Sociedade Bíblica e enviem uma oferta para que esse trabalho possa continuar. E no Dia da Bíblia, o segundo domingo de dezembro, façam uma programação especial para divulgar a Bíblia e também enviem ofertas para que mais pessoas possam receber as Escrituras. A Sociedade Bíblica sempre incentivou a celebração do Dia da Bíblia e hoje ele está presente no calendário oficial do nosso país.

Por que as ofertas são importantes? Há programas da SBB que dependem dessas ofertas. As Bíblias em braile para deficientes visuais, as novas traduções para línguas indígenas, a distribuição de milhões de Escrituras para o nosso povo — isso tudo irá diminuir se não tivermos os recursos. Sendo a SBB das Igrejas, elas devem se envolver na manutenção desse trabalho.

Se alguém deseja mais informações sobre o trabalho da SBB, sugerimos uma visita ao site da internet: www.sbb.org.br.

Usar a Bíblia no trabalho da Igreja é fundamental. Sem a Bíblia, pode ser criada uma religião. Mas a fé cristã não se transmite sem a palavra de Deus. Por isso é fundamental o seu uso.

Para aprofundar-se no tema:

BRAKEMEIER, Gottfried. *Por que ser cristão?* São Leopoldo: Sinodal, 2000.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *A Bíblia de Mary Jones - o início do movimento das Sociedades Bíblicas.* Barueri: SBB, 2008.

SEIBERT, Erní Walter. *A igreja em ação.* Porto Alegre: Concórdia, 2005.

1

[1]Scholz, V., Zimmer, R., Teixeira, P., Dornas, L., & Seibert, E. W. (2008; 2008). *Manual do Seminário de Ciências Bíblicas* (99). Sociedade Bíblica do Brasil; Barueri.